

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Virgílio Várzea
Histórias rústicas



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Virgílio Várzea

Histórias rústicas

Publicado originalmente em 1901.

Virgílio dos Reis Várzea
(1863 – 1941)

“Projeto Livro Livre”

Livro 463



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Virgílio dos Reis Várzea: *“Histórias rústicas”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Virgílio dos Reis Várzea nasceu em Florianópolis, no dia 6 de janeiro de 1863. Faleceu no Rio de Janeiro, em 29 de dezembro de 1941.

Filho de um marinheiro, nascido na freguesia de São Francisco de Paula de Canasvieiras, norte da Ilha de Santa Catarina, aos treze anos foi para a Escola Naval do Rio de Janeiro, onde ficou por três anos e saiu para percorrer o mundo. A bordo do navio Mercedes conheceu o Uruguai, Argentina, Patagônia e Antilhas. A bordo do navio britânico Theodore, conheceu Cabo Verde e viajou pela Europa. Esteve também na África do Sul, e navegou pelo Oceano Índico.

Em 1881, passou a viver na Ilha de Santa Catarina, trabalhando em serviços burocráticos, estudando jornalismo e literatura. Liderou, de 1883 a 1887, a "Guerrilha Literária Catarinense" contra o conservadorismo romântico, visando a implantar a "Idéia Nova", ou seja, a renovação estética do Realismo-Naturalismo

Em 1896, partiu para o Rio de Janeiro, onde passou a morar.

Virgílio Várzea iniciou-se no jornalismo e na literatura em 1881, aos 18 anos, quando interrompeu temporariamente as viagens e retornou à sua terra natal, reencontrando colegas de escola que ensaiavam os primeiros passos na imprensa catarinense.

Entre eles, Cruz e Sousa e Manoel dos Santos Lostada, com quem fundou o jornal "Colombo". Em agosto de 1883, Gama Rosa interessou-se por um soneto seu intitulado "Transformismo", que fazia referência a Darwin, e iniciou uma amizade com o escritor, nomeando-o oficial de gabinete da presidência. Sob a influência e proteção de Rosa, o escritor iniciaria a guerrilha pela renovação realista na literatura do Estado.

Seu primeiro livro publicado, "Traços Azuis" (1884), era de poesia. No ano seguinte, lançou, em parceria com o contemporâneo e amigo de Cruz e Sousa, o volume de contos e crônicas "Tropos e Fantasias" (1885). Apesar da parceria ilustre, o livro foi escrito antes que os dois alcançassem a maturidade, e peca pelo sentimentalismo e discurso anti-escravista.

Em 1887, Várzea editaria em Portugal seu terceiro livro, "Miudezas", de contos, mas somente oito anos mais tarde, em 1895, com "Mares e Campos", atingiria o patamar mais elevado de sua obra, formado também por "Contos de Amor" (1901), "Histórias Rústicas" (1904) e "Nas Ondas" (1910). Além disso, Várzea publicou também um romance, "George Marcial" (1901), e as novelas "Rose-

Castle" (1893), "Em Viagem" (1892), "O Brigue Flibusteiro" (1895), "A Noiva do Paladino" (1901) e "Os Argonautas" (1905), mas não conseguiu nos textos mais longos a mesma qualidade alcançada nos contos.

O autor não é publicado desde 1910 e seus contos nunca mais foram reeditados. Apenas "Mares e Campos" teve uma reedição fax-similar pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), em 1991. O escritor teria afastado-se precocemente da literatura por desilusão com a Academia Brasileira de Letras (ABL), após quatro candidaturas mal sucedidas ao posto de imortal. Supostamente, deixou um livro de contos inédito, "O Rouxinol Morto", mas este teria sido destruído a pedido de Várzea e jamais foi encontrado. (RB)

Referências bibliográficas:

1. Wikipédia, maio de 2014 - pt.wikipedia.org.
2. Rodrigo Brazil: "Memorialista de uma época". Anexo: Domingo, 9 de Joinville, SC, 2003 - www1.an.com.br

ÍNDICE

A VOLTA DO LAR.....	2
EM BUSCA DE OURO	9
O CHIMPANZÉ MARINHEIRO	16
MARUJOS	22
A FILHA DO FAROLEIRO	27
CONTO DE NATAL	35
A VOLTA DAS VELAS	40
O DIA DE S. JOÃO	45
TRISTE CARTA	52
NO MEU SÍTIO NATAL	57
O PEQUENO A BORDO	61
O NOIVADO	65
NO MAR	66
À LUZ DAS ESTRELAS	67
O NAVIO NEGREIRO	70
ENTERRO NO SÍTIO	73
PÁSSAROS MARINHOS	74
VELHA PAIXÃO.....	78
NO LITORAL CATARINENSE	87
NO CAMINHO DA FONTE	88
NA BRETANHA	89
O VELHO PROFESSOR	93
ÀS AVE-MARIAS	98
POR UM CAMINHO DE AREAL	99
A MORTE DO DOMADOR.....	100

À minha Mãe

As cenas da vida real, ora enfeixadas neste livro, foram na sua maior parte por nós testemunhadas na bela terra catarinense onde ambos tivemos a felicidade de nascer; e como constituem elas as flores mais queridas do meu espírito e da minha alma, eu as desfolho agora sobre a tua cabeça e sobre o teu coração, minha adorada, minha santa e veneranda Mãe!

Virgílio

Rio de Janeiro, maio de 1904.

A VOLTA AO LAR

I

A Clarinda tinha saído com o filho, um rapazinho de dez anos para o denso cafeiral que se estendia à direita da habitação, ao longo do caminho, em um terreno barrancoso e alto. Levava uma grande cuia na mão para apanhar os primeiros bagos maduros, cobrindo aqui e ali de grossas pintas de sangue as hastes delgadas dos ramos, vergados ao peso da frutificação. Com um lenço vermelho à cabeça, uma saia de chita azul desbotada e um corpete de cassa branca, os braços claros e rosados saindo, nus e roliços, dos regaços das mangas e ainda frescos e úmidos d'água da fonte onde estivera lavando, caminhava com elegância matuta, balançando os túrgidos quadris femininos pela fita serpenteante do atalho, parando às vezes um instante, entre irritada e carinhosa, para chamar o pequeno que a seguia vagaroso, jogando os seixos polidos do *tento* que lhe rolavam de vez em quando dos dedos, perdendo-se entre os rinchões:

— Anda daí, Manuel! Anda depressa, tanso!

Repetindo amiudadamente estes chamados à criança recalcitrante, imergiu por fim sob as umbrosas absides dos ramos dos cafeeiros amigos oferecendo-se-lhe, carregados de grãos preciosos, em maré alta de abundância. No chão juncado de folhas secas, estalando sob as pisadas de ambos, corria uma multidão de gemas rútilas espalhadas pela luz escaldante através dos interstícios das frondes. Um sopro vago de norte passava, tirando um som amoroso à verdura. Em torno, fora, na mornidão plena de ar fulguroso, chiava um zumbir sonolento de vareja e besouro, como um longínquo esfrolar de vagas na calmaria de um golfo.

Depois de vacilar um momento entre os finos troncos erguidos, esgalhados e nodosos, a passear os lindos olhos melancólicos pela imensa abóbada verde, de onde pendia fulgindo o fruto do cafeeiro em pequeninos racimos rubros, entrou a fazer a colheita pelas ramagens tufadas da extrema, no ângulo que beirava o caminho. Aí o barranco alteava-se ainda mais que para os lados da casa, volteando num boleio de colina e entestando com a vastidão de um milharal desdobrando-se em esmeraldinas espadanas recurvas para oeste e para o fundo até os socalcos erguidos de uma serra próxima, recortada sobre o Azul em píncaros de rochas tristes. Pela renda da folhagem divisava-se o largo e branco pavimento da estrada coleando na planura para as bandas do Inferninho. Em suas voltas bem amplas, nessa parte do arraial, nem uma pessoa se via sob a alegria do sol cobrindo tudo de brilhos. Apenas, de longe em longe, nos terreiros elevados, uma ou outra casinha humilde pardejava pelas paredes barreadas ou branquejava intensamente na sua caiação muito viva. Nem

mesmo cavalos soltos, tão frequentes em pastar com a *soga* de rasto pelos gramados das cercas, cortava a faixa arenosa do alvacento caminho. Nem um cão a latir em volta das hortas em perseguição das galinhas, ou atacando os novilhos que saltam as sebes dos pastos para invadirem as roças de cana, de mandioca, ou de milho. Nada! Apenas a solidão e o adormecimento geral de sesta campestre em que o calor espasma a vida. Repousavam os roceiros e animais amigos, à sombra de árvores ou colmos, ao zumbir vago dos insetos e ao siflar leve do vento através das ramarias... Só ela e o filho — pobres deles! — eram dos poucos em trabalho, àquela hora de cáustica, nesse arraial humilde.

Desviando os olhos da estrada erma, a Clarinda suspirou, como num desalento e tristeza infinita — pois assim vivia desde que o noivo partira e tivera aquele filho — e, dando a cuia ao menino, ergueu os braços torneados e pôs-se a captar com destreza as hastes finas dos ramos, despencando os bagos tintos. O rapazinho, sempre buliçoso e absorvido por tudo que o cercava na jovial irrequietação das crianças, não parava um só instante, ora a perseguir os insetos saltando nas folhas, ora a brincar com os pauzinhos ou com as pedrinhas do *tento*, tombando não raro a vasilha e derramando o café que se alastrava no solo sobre o húmus ressequido.

— Quietos aí, Manuel! senão de repente te “assisto”! gritava então a Clarinda.

E voltando logo à colheita, avolumando-se pouco a pouco na cuia, embalava as dores íntimas, entoando com a sua voz fresca e moça, suavemente expressiva, uma dessas adoráveis cantigas campestres que são tão comuns nos sítios. E assim, seguidamente cantando, desenvolvia a tarefa. Às vezes porém suspendia-se para repreender meigamente a criança, que se divertia agora a trincar os bagos rubros sugando-lhes gulosamente o néctar. Mas isso era só um instante, porque o canto voltava-lhe logo à garganta sonora em toadilhas seguidas. As quadras mais amorosas e tristes, de uma vaga espiritualidade e paixão, as repetia ela num ritmo desolado e dolente, tão humano e tão casado à sua mágoa que, em certos momentos, se quedava sufocada, os olhos arrasados de pranto, comprimindo o colo cheio para abafar os suspiros. Depois, mais aliviada, soltava de novo a cantiga:

*Eu tinha o teu nome escrito
Dentro do meu coração,
Mas tu feriste a minha alma
Com a mais negra ingratidão!*

E continuava a apanhar o café às mancheias, arremessando-o à cuia que o menino segurava nos bracinhos tenros.

II

A Clarinda vivia só com o filho havia dez anos porque os pais a tinham escorraçado cruelmente do lar, apenas viera ao mundo esse fruto dos seus amores. Era pai do menino um rapaz roceiro, noivo dela, o qual pela grande intimidade na casa chegara àquela falta que pensava poder reparar antes de qualquer desfecho desonroso, quando rebentou a guerra com o Paraguai. Veio então o recrutamento, espalhando-se pelos sítios num alarma geral e levando toda a mocidade matuta que não queria pegar em armas para a defesa da Pátria, a homiziar-se pelo interior ou a emigrar furtivamente para o estrangeiro em navios do comércio. As freguesias e arraiais eram percorridos inesperadamente por pelotões de permanentes a cavalo, que arrebanhavam, a torto e a direito, os rapazes. Talando os campos e culturas, guiados por delatores de toda a ordem, enxameando ali como em toda a parte em tais ocasiões, os capitães recrutadores e seus soldados faziam uma limpa na juventude dourada do Inferninho e localidades próximas. Uma noite em que esse pega-pega selvagem atingira o extremo, o Luís Gandra — tal era o nome do noivo da Clarinda — que ainda não pudera casar-se, fora apanhado com um bando de camaradas no sertão das Tijuquinhas. Transportado com os outros para o litoral e embarcado numa lancha para o Desterro, onde devia jurar bandeira, ele, um nadador de força, planeava desde logo escapar-se a nado para qualquer ponto livre da costa, ou para bordo de um dos navios estrangeiros ancorados no porto. Efetivamente, pela madrugada, quando a embarcação largou naquele rumo com todos os recrutados sob a guarda de uma escolta, ele, iludindo a vigilância das praças, jogou-se de repente ao mar, na altura dos Ratonés. A lancha, muito velejada, não pôde voltar prontamente atrás, e quando o conseguiu já não o encontrou, porque a densa escuridão da noite de inverno desde logo o sumiu sobre as águas...

No outro dia o rapaz era acolhido a bordo de um navio baleeiro que saía por aquela semana para as Terras Antárticas. Na véspera da partida escrevera à Clarinda, narrando-lhe tudo que se passara. Terminava a carta pedindo-lhe que tivesse fé em Deus, e rezasse por ele, que em breve voltaria. A moça, ao ler a missiva, ficou como louca e desandou a chorar, compreendendo bem toda a sua desgraça. E no dia seguinte, um domingo, o navio ergueu velas ao vento, e disse adeus à terra fazendo-se em rumo do mar... Tempos depois a criança nascia e a pobre mãe, expulsa do lar paterno, começava com o filho uma vida de amarguras. Conheceu então todos os abandonos do mundo, faltando-lhe até inteiramente a própria compassividade — sempre em geral tão viva, amparadora e solícita na vida campesina — do arraial onde nascera e onde agora todos a condenavam. Desamparada e perdida, entrou a vagar de lar em lar, com o filhinho quase a morrer de fome nos braços, a mendigar trabalho e abrigo. Por fim, foi parar ao Alto Biguaçu, onde encontrou ocupação, e a ela se dedicou noite e dia, mantendo-se, com a mais heroica honestidade, sempre na incessante esperança de que o noivo volveria, mais tarde ou mais cedo, para a fazer feliz e ao filho. Em Biguaçu, passados oito anos, conseguiu comprar, com

escassas mas abençoadas economias, uma casinha e umas terras... Mas o Luís não voltava e a ausência a prolongar-se interminavelmente, sem uma só notícia, alegre ou triste, que lhe alentasse a alma aflita! Ali, como no Inferninho e nas Tijuquinhas, todo o mundo já o fazia morto, sepultado para sempre nas geleiras austrais: e ela, por vezes, nos seus momentos de desânimo, o acreditava igualmente... Mas isso era só por vezes, porque a Esperança, incomparável consoladora que não abandona o peito dos simples senão à derradeira agonia, afugentava-lhe para logo essa ideia sinistra, segredando-lhe ao espírito com uma voz misteriosa e divina: “Não, Clarinda, ele há de voltar! Deus jamais desamparou a virtude que sofre por injustiça dos homens...” Ela então, refeita de ânimo novamente, e numa vaga alegria, abraçando e beijando o filho com extremos, como se nele revisse o noivo adorado, com quem se parecia o menino, esperava, muito crente, confiada no Destino...

III

Só em pleno mar, quando a terra começou a esbater-se à popa, numa linha longínqua e saudosa, é que o Luís Gandra entrou a experimentar as primeiras puadas da nostalgia. Num recanto de proa, sob as velas claras de lona oscilando numa cantilena rangida, os braços apoiados à borda, olhos banhados de pranto, não cessava de fitar um instante a névoa azul do horizonte, onde se ocultava pouco e pouco a sua ilha querida. Quedou-se aí longas horas, revendo pela imaginação, em largos e abstratos quadros evocativos, toda a sua vida passada, desde as descuidosas correrias da infância até as aventurosas andadas de amoroso noctívago, através os caminhos e campos do seu arraial, atrás de um par de olhos amados, encantadores, benditos. E eram esses olhos, magia de um rosto inefável de moça, com uma luz que até os astros invejariam, o que mais o flagelava, torturava e pungia na precipitação daquele triste apartamento e na ânsia esmagadora de uma saudade infinita. Mas a noite caíra, negra e desolada, cortada de um vento frio. Recolheu-se então ao rancho, onde por fim adormeceu, em sonhos em que só via a Clarinda.

Uma semana volvida, na aérea alacridade de uma bonançosa alvorada marítima, sorria já resignado, meditando no futuro e na volta ao sítio natal, a cumprir a sua promessa à Amada e construir o seu ninho. E, afazendo-se às manobras, começou a distinguir-se entre toda a companhia. O capitão do baleeiro, um velho marinheiro *yankee*, percebendo nele uma decidida vocação para o mar, chamou-o em breve para a ré, iniciando-o na arte náutica e promovendo-o a praticante de piloto. Esta simpatia do *master* subiu à verdadeira dedicação e estima quando, já nos mares antárticos, o rapaz revelou extraordinárias qualidades de intrepidez, sangue-frio e perícia na perseguição e arpoagem dos grandes cetáceos e nas difíceis e trabalhosas manobras para evitar as banquisas.

Onze anos rolou nesses mares na veleira *White Wings*, onde ocupava desde muito o posto de segundo oficial, quando a barca teve de recolher aos Estados Unidos. Durante esse tempo, porém, nem um só dia esquecera a Clarinda e, muitas vezes, nos longos invernos austrais, quando o navio se fazia para o norte e vinha invernar junto às *Shetlands* ou nas costas das Malvinas, escrevia-lhe extensas cartas saudosas, em que lhe narrava a sua vida e as economias que fazia para vir gozar com ela no seu arraial querido. Mas essas cartas, que eram entregues aos capitães ou pilotos dos palhabotes que iam àquelas paragens tomar o carregamento da barca para o conduzir a Nova York, nunca as recebera a Clarinda — ou porque desaparecessem na faina dessas longas viagens ou porque se extraviassem pelos correios, na obscuridade ininteligível de sobrescritos traçados por inábeis e toscas mãos de marujo, produtoras sempre, na escrita de uma garranchosa caligrafia impossível. De sorte que, em todos esses largos anos de pesca à baleia, o Luís, embora não recebesse notícias da noiva, andara tranquilo e feliz, na suposição consoladora e ingênua de que a ela houvessem chegado, uma a uma, todas as suas amorosas missivas.

Ao chegar aos Estados Unidos com uma economia de mais de três mil libras, apenas a barca ancorou, passou-se para um *steamer* que partia, ao outro dia, para terras do Brasil. Três semanas depois saltava no Rio de Janeiro, de onde logo seguiu, num iate, para o Inferninho. Aí, mal pusera pé em terra, entrou a indagar da Clarinda. Os conhecidos, amigos e parentes narraram-lhe então tudo que sucedera à pobre rapariga durante a ausência dele, falaram-lhe do filho e informaram-lhe, por último, que a Clarinda estava vivendo agora mais folgadoamente lá para o Alto Biguaçu — onde comprara uma casinha e um sítio. Ele, num profundo alvoroço de a ver, comprou imediatamente um bom cavalo de sela, e jogou-se a galope para o local indicado, que conhecia de menino como o próprio arraial onde nascera. E assim, à mesma hora em que a noiva e o filho se dirigiam tristemente para o cafeeiral, a fazer a sua pequena colheita, o Luís Gandra corria, como um louco, por estradas e atalhos, em demanda da casinha querida onde ambos moravam.

IV

A Clarinda, muito longe de pensar na grande felicidade que ia em pouco experimentar, apressava agora a tarefa, cantando ainda as suas mágoas:

*Tão longe de ti distante
Minha alma vive a chorar,
Quanta dor, quanta tristeza
Eu sinto, só por te amar!*

Nesse instante, justamente, um cavaleiro que vinha dos lados do Inferninho, a galope, estacou subitamente em frente ao barranco. Ela calou-se de repente e, curiosa, pôs-se a espreitar por entre as ramagens. Mas estava um pouco

afastada e o rendado espesso das folhas não lhe deixava ver bem o recém-vindo. Abeirou-se então alguns passos, parando em frente a uma aberta da extrema, e deparou com um rijo moço aloirado e de barba inteira, trazendo botas e chapéu de abas largas, e que, esticado nos arreios, à outra margem da Estrada, a fixava vivamente. Desconhecendo aquele homem, ia já retirar-se, quando ele acercou-se em dois galões do animal e, de rosto erguido e radiante, gritou debaixo, numa alegria em que lhe arremessava a alma:

— Ó Clarinda, ó querida, já me não conheces?... Não te lembras mais do Luís Gandra?... Pois cá estou, felizmente, graças a Deus!... Saltei hoje no Inferninho, e mal soube que aqui estavas com o pequeno, toquei-me por aí acima.

Reconheceu-o então, apesar da barba toda e da pele cor de papoula que lhe dera o sol do mar. E fundamente emocionada, quase a sufocar de alegria, murmurou a tremer, os olhos rasos de lágrimas:

— Então, és tu mesmo, ó Luís?!... Quem diria! Assim de repente! Isto até parece um sonho!... Mas sobe depressa, querido... Olha, lá mais adiante, pela porteira do terreiro...

Ele picou o cavalo, o rosto iluminado, de indizível prazer, enquanto ela, nervosamente arrebatada, o coração quase a saltar-lhe do peito, corria ao seu encontro, com o rapazinho pela mão, dizendo-lhe enternecida e tumultuosamente:

— Anda, meu filho! Vamos ver teu pai! Nossa Senhora afinal nos ouviu, e foi ela quem fez este milagre...

O Luiz transpôs a porteira como um pensamento, vindo encontrar a Clarinda junto ao jardim, à sombra olorosa de uma imensa roseira da Índia que se desfazia em florescência, numa profusão infinita de corolas de ouro, estrelando deliciosamente no alto, contra o céu azul, o guarda-chuva verde escuro de um velho tamarindeiro.

E por momentos estreitaram-se os dois, num largo amplexo emovente: e, os rostos unidos com doçura, como os seus corações, choravam de enternecimento e prazer... Depois, o Luís tomou ao colo o pequeno, que o fitava com um límpido sorriso ingênuo, e pôs-se a beijá-lo nos cabelos e na testa, dizendo-lhe festivamente:

— Oh, meu querido filhinho! Agora é que vamos viver para sempre unidos, para sempre felizes!...

E todos três, grazinando alegremente, encaminharam-se para a casa pelos fundos do terreiro, onde, em meio à criação jubilosa, o orgulhoso sultão do galinheiro, um grande galo escarlata, trepado no cercado da horta, batendo as asas ao sol e erguendo o pescoço recurvo, soltava triunfantemente, como numa saudação de boa acolhida, o seu vivo canto guerreiro.

Rio de Janeiro de 98.

EM BUSCA DE OURO

EPISÓDIO DOS TEMPOS COLONIAIS

A Guerra Junqueiro, o imortal poeta dos Simples

Desde 1525, quando Cristóvão Jacques fundou Itamaracá, que um alvoroço de curiosidade e cobiça agitava o espírito das populações do velho Reino com as notícias da existência de minas de ouro e pedras preciosas que de Santa Cruz lhes chegavam, de vez em quando, pelas frotas exploradoras que estabeleciam um imenso rosário flutuante de velas brancas, alígeras, cortando em voo o Atlântico, entre o breve litoral português e as praias virgens, sem fim, da nova terra descoberta. Essas notícias, porém, eram vagas e incertas, porque nenhuma expedição se organizara ainda para explorar o interior da opulenta região com que Cabral enriquecera a coroa lusitana, na sua memorável viagem à Índia.

Mas, sete anos depois, em 1532, quando Pero Lopes de Souza chegou ao Algarve, enviado por seu irmão Martim Afonso de Souza, a comunicar a El-Rei a fundação da capitania de S. Vicente e do primeiro povoado, as riquezas naturais que nesse território existiam, assim litorais como pelos sertões, conforme as informações de João Ramalho — um português que desde muito ali vivia na maior confraternidade com os indígenas — novas notícias da descoberta de ouro, diamantes e mais pedraria se espalharam eletricamente por todos os recantos do Reino.

Imediatamente ambições, ainda as mais obscuras, se desencadearam e um certo movimento de colonos espontaneamente se estabeleceu, nas embarcações da carreira, para a tentadora terra de Santa Cruz, que aparecia à imaginação de cada qual como um excepcional e fantástico país, onde o solo era de ouro, bem como o céu que o flamejante sol tropical cobria de um ardente e faustoso velário de ouro.

Então alguns humildes mas aventureiros aldeãos, com o espírito já longamente saturado pelo refulgir prestigioso das lendas das riquezas da Índia, abandonavam os seus estreitos lugares, as suas veigas e rebanhos e, moços e velhos, despedindo-se das esposas e mães, com o coração vivamente a palpitar de esperanças e sonhos, lançavam se pelos agrestes caminhos das serras ou pelas amplas estradas de chão, em demanda de Lisboa. E aí embarcavam nas primeiras caravelas ou galeões que partiam.

Durante a longa e embaladora travessia atlântica, passados os primeiros enjoos, o cérebro superexcitado pela ambição, dia e noite velavam esses homens, sob os retesos estais e as brancas velas em bojo, com os olhos fixos no horizonte ao longo, na ânsia ascendente e nervosa de verem surgir de repente, à proa, o

almejado litoral do Brasil que se lhes afigurava, ele mesmo, uma imensa barra de ouro...

II

Os marinheiros de cabotagem, como os de longo curso, e os pescadores — almas erradias e inquietas, adoradoras dos tumultuosos, espumantes escarcéus da Borrasca e das marulhosas ondas azuis da Bonança — ao ouvirem zumbir de boca em boca, pelos ranchos, a narração sensacional das riquezas dessa terra maravilhosa, que pertencia a El-Rei e que o Atlântico tão vastamente separava da “ocidental praia lusitana”, ainda mais que os aldeãos do interior, sentiam morder-lhes fundo no peito a tarântula da aventura e, arrebatada e entusiasticamente, deixavam as praias natais em busca dos grandes portos de embarque, a tomar lugar na boêmia das companhas, à proa dos vasos das frotas que, prestes a singrar ao mar alto, envergavam as velas brancas. E todos os postos de pesca da costa, desde Caminha a Olhão — já tão despovoados pelas viagens da Índia — foram caindo em abandono. Seguindo os exemplos dos outros, os pescadores isolados das pequenas praias partiam também, fascinados pela tentação irresistível desse prodigioso Novo Mundo, que ficava além Atlântico, para as bandas do ocidente feliz, que fizera a desgraça e a glória suprema de Colombo.

Assim foi que dois pescadores da Ericeira, largando o seu velho caíque, arranjado à pressa o saco de viagem, numa madrugada de agosto de 1532, se meteram caminho de Lisboa, onde uma armada de duas caravelas, ao mando de João de Souza, aguardava a monção de outubro para se fazer ao largo, em rumo da Capitania de S. Vicente, a entregar a Martim Afonso a carta que lhe enviava El-Rei em resposta à desse almirante, sobre a fundação daquela grande colônia e povoado brasileiro. Desses dois pescadores o mais moço, um rapaz solteiro, João de Vilhena, tinha apenas vinte anos; o outro, que era seu tio e viúvo, Luís de Vilhena, quinquagenário já. Mas este, apesar dessa idade e na sua admirável saúde de marítimo, mantinha ainda a antiga robustez da mocidade, passada, dia a dia, no trato rude das ondas. Chegados a Lisboa, os dois homens cuidaram imediatamente de arranjar-se e obter lugar a bordo da armada e partir: embarcaram numa das caravelas, sob a condição de ajudarem as manobras durante a travessia, mas apenas chegassem a S. Vicente desembarcarem livres de outras quaisquer obrigações.

Efetivamente, nos primeiros dias de outubro, logo que o vento se mostrou de feição, a pequena frota abriu velas entrando a singrar Tejo abaixo, em direção à barra. Levara-se a âncora ainda escuro, à característica e saudosa lupa ou melopeia que canta sempre a maruja em faina: *oaiô-oaiô, leva à riba!* Vinha raiando a madrugada: as primeiras claridades do sol, galgando os recortes graníticos de Cintra, envolviam num imenso cendal de ouro transparente as vagas espumosas do Atlântico, o Mar Tenebroso da Idade Média cujos

encantos, terríficos e sinistros, tinham sido há muito destruídos heroicamente pelos invencíveis quilhas lusitanas e os seus primeiros ousados e inexcedíveis Pilotos, que não conheciam trabalhos e perigos ao aceno imperioso e inelutável de um Infante D. Henrique ou de um D. João II, quando se tratava de explorar e dominar “os mares nunca antes navegados”...

Aos montanhosos vagalhões do mar alto as caravelas entraram então a oscilar e ranger nos seus altos cascos bojudos e na sua cordualha. Novelos de espumas albrantes rebentavam à proa, em caturradas contínuas, enquanto à ré deslizava e fugia, em direção à terra, uma larga esteira de aljôfares que coleava sobre as águas, nostalgicamente. Em pouco a barra se fechou pela popa e as montanhas da costa se uniram, esbatidos os relevos e socalcos numa inteiriça muralha cuneiforme, de um azulamento ideal de turquesa, recortando-se gigantescamente a leste, para o norte e para o sul, sobre o fundo majestoso do céu, onde o sol, louro beduíno irradiante do Azul, na galopada dos seus corcéis triunfantes abria agora amplamente o seu imenso albornoz de luz...

Na caravela *Senhora da Bonança*, já no relativo descanso que sucede às primeiras manobras em dias de bom tempo, João de Vilhena e o tio, de pé, a uma das amuradas, junto ao castelo de proa, varados da nostalgia dos que deixam o ninho pela primeira vez, os olhos rasos de água, fixavam o ponto recuado da costa por onde se sumira a Ericeira, sua aldeia natal. Em torno deles, por todo o vasto convés, do mastro grande para vante, marinheiros em grupos, numa grossa algazarra, discutiam interessadamente sobre coisas do mar. A ré, no alto capitel balaustrado, cercado dos oficiais, o comandante ora apontava a navegação da outra caravela, a Escola de Sagres — singrando pela popa a dez amarras de distância, ora o esbatido esfuminhado das serranias da costa, baixando e recuando lentamente, para trás, para trás, numa saudosa névoa azulada...

III

Quarenta e três dias durou a travessia atlântica, até que uma manhã, sob o pálido rosa e ouro da aurora, se mostraram à proa os morros de S. Vicente. As caravelas corriam a um largo, com os latinos em bojo, semelhando dois estranhos e gigantescos albatrozes, que viessem, asas abertas ao vento, bicando a crista das vagas. Então as primeiras casas do povoado começaram a destacar nitidamente, manchando de quadrados de alvura a linha rasa dos planos e o maciço arredondado dos outeiros verdejantes.

Pela tarde os dois navios aferravam, na pequena enseada em calma, em meio à frota de Martim Afonso, que ali se achava ancorada, menos a caravela de Pero Lopes de Sousa, de novo em viagem para Portugal, levando comunicações a El Rei. Empavesada em arco, a caravela, capitania de João de Sousa, salvou ao Capitão mor e terra, ao reboar das colubrinas e falcões.

IV

No outro dia, ao clangor álcacre das buzinas de bordo tocando alvorada, teve lugar o desembarque de um pequeno reforço de tropas e de alguns colonos que para ali se destinavam. João de Vilhena e o tio, que toda a noite anterior, sob o velário prateado de um plenilúnio saudoso, levaram a velar na amurada, olhando embevecidos, como através de um doce sonho, a terra encantada do Brasil, saltaram na última barcada. Já o dia ia alto, sob a calidez do sol alagando tudo e dando às areias das praias um fulgor diamantino e de ouro, que mais acendia na imaginação dos dois homens a cobiça pelos estranhos tesouros que jaziam, inexplorados e inéditos, pelas brenhas e sertões. E entraram ambos a subir a encosta do outeiro que levava ao povoado. Admirados e como tontos ante a majestade da natureza tropical, até então inteiramente desconhecida para eles, não sabiam verdadeiramente a que mais atender, se aos esplendores do mar azul onde a frota balouçava, se às maravilhas da paisagem que, à proporção que ascendiam a colina, se desenrolava magnificamente a seus pés.

Subiam, assim enlevados e satisfeitos, quando esbarraram de repente com uma vasta tranqueira que cintava o arraial. Transpondo o portão aí existente, caíram numa espécie de praça agreste, ao fundo da qual se erguia uma ermida, de cuja entrada transbordava para fora, para a rua, numa multidão de gente ajoelhada — paisanos e tropas — alastrando até os maciços de arbustos e árvores que se alinhavam em torno. Era o santo ofício da missa, que há pouco começara. Os dois ajoelharam então, olhando a pequenina e baixa nave da ermida, onde o sol lançava do alto, pela porta escancarada, uma larga nesga de ouro que fazia esmaiar tristemente as chamas vermelhas das velas ardendo no altar mor...

Terminado o ato sagrado, foram levados entre os demais colonos recém vindos até uma grande casa de madeira, em cuja cimalha caiada brilhavam as armas reais, coroadas por uma haste esguia desfraldando triunfantemente no espaço a gloriosa bandeira das quinas, então soberana dos mares. Aí cada um deu o seu nome, e logo após, escoltados por soldados, seguiram todos para os grandes ranchos erguidos junto à tranqueira e chamados *tapujares*, onde ficaram alojados.

Assim instalados, os dois pescadores, quando não se achavam ocupados no serviço de derrubada de matas ou na abertura de estradas, levavam a falar de seus planos, remexendo horas e horas os sacos de lona onde traziam, com a roupa, a ferramenta para as explorações desejadas. E ouvindo dos índios mansos que com eles trabalhavam a narração maravilhosa das riquezas do sertão, sentiam morder-lhes mais forte e mais fundo no peito a inquieta ansiedade de devassar e pisar quanto antes essas regiões encantadas.

Por felicidade, ao chegarem, já se achava em aprestos uma nova expedição exploradora, de 80 homens, ao mando de Pero Lobo, que, dentro de um mês mais ou menos deveria partir, pela serra do Cubatão, para os campos de Piratininga e paragens de Serro Frio, onde esse intrépido bandeirante não pudera chegar da primeira vez (1531), mas de onde havia notícias verídicas da existência de diamantes e de grandes jazidas de ouro. Mal souberam da expedição, os Vilhenas, correram a alistar-se nela; porém enquanto se não metiam em marcha, a delonga da partida, que parecia não findar jamais, torturava-lhes a alma. Tal delonga, entretanto, não fora além de seis semanas, e, numa radiante manhã de fevereiro do ano de 1533, a *bandeira* partiu, aos hinos festivos dos pássaros felizes cantando nas ramagens das florestas seculares das serras e sobre os capinzais em fim das planícies.

E os dois pescadores lá se foram com a arrojada expedição, o espírito a fervilhar de ambições, o coração a palpitar de alegria, na consoladora esperança de uma grande felicidade futura.

V

Atravessando planaltos e montes, margeando e cortando rios, ora sob vastos e densos bosques coalhando os altos de frondes, por atalhos abertos a foice, a machado e a montante, ora por extensas campinas viçosas, veidas de rios de prata, os exploradores foram pouco e pouco internando-se. Pousando à beira de cada nascente de água, de noite as tendas se armavam, em grupos, como um antigo acampamento romano, branqueando com a sua pirâmide oscilante de lona a enoitada verdura circunjacente, à maneira de uma estranha frota perdida no oceano dos campos desertos e virgens, em que as vagas eram maciços de arbustos e árvores, onde chilravam pássaros, ou urravam animais bravios, ou andavam em fúria os selvagens que viam invadidos os seus domínios, e onde os ventos passavam agitando as ramarias em murmúrios, de música embalante, pelos dias alegres e límpidos, enquanto, pelas noites enluradas ou lôbregas, as povoava sempre de turbilhões de rumores apavorantes, sinistros. Ao despontar dos dias, envoltos em inebriantes aromas e no coral de gorjeios sublimes com que a passarada desperta hilarizava às manhãs, os bandeirantes se erguiam e, de almocafres e alavancas em punho, iam revolver herculeamente o cascalho das vertentes, atrás dos tentadores e inestimáveis diamantes. Os braços agitavam se então incessantemente até ao declinar dos crepúsculos de lacre barrando os longes de sangue: e o desespero doloroso de mais um dia de rude labuta em vão, casando-se à nostalgia desoladora da hora, fazia abater a frente desses homens heroicos, desvairados por uma inominada ambição!

No outro dia, porém, refeitos pelo repouso do sono e pela magia extraordinária da paisagem que os cercava, volviam outra vez ao trabalho, afervorados de novo por uma grande esperança. Longas semanas e meses retinha os ali a ânsia

da cobiçada riqueza que lhes fugia entretanto; e, explorada completamente esta nascente, só lhes dera fadiga e desânimo, levantavam as suas tendas e punham-se logo a caminho de outra, onde encontravam, ao fim de tudo, novas e cruéis decepções. Os diamantes, como as outras pedras preciosas, e o ouro, ocultavam-se, sem que jamais os exploradores os pudessem ver refulgir, entre os dedos, na sua profunda fascinação. Já as paragens mais assinaladas até então haviam sido percorridas em balde. Mas lá estavam ainda além, as terras do Serro Frio, e talvez Deus permitisse fossem aí mais venturosos. Alentados por uma nova esperança, jogavam-se ainda para avante, para avante...

Às vezes, algumas hordas tupis saindo-lhes braviamente ao encontro, procuravam embaraçar-lhes a marcha. Mas eram para logo batidas. No entanto isso custava, não raro, a perda de uma ou outra vida à corajosa expedição. Quando não era o selvagem, eram as indômitas feras as dilacerações e mortes que lhe causavam as intempéries, as privações, as doenças e os emaranhamentos quase inextricáveis, invencíveis das grandes florestas virgens.

Assim os valorosos bandeirantes erraram pelos sertões durante dois longos anos, findos os quais voltaram ao lugar de onde tinham partido, com as mãos vazias e numa inenarrável desolação.

Entretanto, João de Vilhena e o tio, tenazes no seu louco desígnio, lá ficaram ainda internados, na avidez intransponível daquelas riquezas fantásticas que os haviam arrastado até ali e com uma parte das quais, pelo menos, sonhavam voltar um dia, felizes, à sua aldeia natal, ao seu Portugal querido. E sós, afrontando o indígena e as feras, prosseguiram resolutos na exploração encetada. Em balde, porém, o fizeram, por que a fortuna sonhada — oh! Destino! — não passava nunca, para eles, de uma enganosa ilusão. Mais oito anos ainda os dois homens invencíveis, animados por aquela ideia fixa, que dentro deles vivia como uma chama sagrada, atravessaram montanhas, passaram vales e planícies, alimentando-se unicamente de caça e do produto das árvores frutíferas. Mas a desesperança final chegou um dia, e eles, esmagados pelas fadigas, as moléstias, as asperezas dos caminhos, entraram a dirigir-se para leste, em demanda do litoral salvador, guiados, nesta retirada de derrota, pelo alvorecer de cada dia.

O largo e livre oceano tornou-se então, para ambos, a esperança querida. Quando alcançavam o cume de uma colina ou serra, pelas sanguíneas manhãs ou pelos dourados ocasos, os seus olhos ansiosos corriam todo o horizonte, em busca da salvação, em busca do Mar amigo. E só seis meses depois de deixarem Serro Frio caminhando, numa jornada incessante, ora sob chuvas torrenciais, ora sob o sol ardentíssimo, puderam avistar novamente o oceano infinito. Mas, para chegarem às recurvas praias alvas, havia ainda a

transpor muitas planícies extensas e muitas colinas íngremes. Redobramos então de esforços, e caminhamos, e seguimos...

VI

Um mês após, entretanto, ao fim de uma larga planura, os outeiros verdes da costa desenhavam-se-lhes à vista. Não obstante o longo e profundo cansaço que quase os vencera de todo, invadidos agora de uma extraordinária alegria, resolveram subir a um desses pequenos montes, a ver se descortinavam acaso o povoado marítimo de onde tinham partido. E lá foram encosta acima até ao pequeno visor escavado, onde uma grande árvore secular, com a sua densa frente triunfal, erguia o seu grosso tronco aprumado ao sol de ouro radiante de um belo dia de estio. Não era o arraial almejado, mas uma pitoresca enseada que jamais haviam visto.

Embaixo, uma vasta planície se abria, toda coberta de vassourais e catingas, estendendo-se para o interior, dominada aqui e ali por um ou outro maciço elevado de guapurubus altivos. Uma longa faixa de praia alvejante, que diamantinamente faiscava à luz viva do meio-dia, avançava para além até uma ponta em cabeça, tendo o sopé debruado por um cendal de escumilha. Mais longe, um promontório se erguia, penetrando as águas mansas num esfumado azulino. E, cercando a praia e os cabos, a líquida turquesa ondulante do imenso mar cheio de sol, deserto e sem uma vela, na solidão infinita.

Após contemplar algum tempo a magnífica enseada, o velho, cedendo à incomparável fadiga que o prostrava, deixou-se aluir sobre o chão, a veneranda fisionomia abatida, o grosso tórax musculoso apoiado ao tronco ereto e soberbo da velha árvore amiga. No entanto, de pé, junto dele, João de Vilhena, seu sobrinho e fiel camarada de ambições e desenganos, com as vestes já reduzidas a uma simples tanga à cintura, alto e de atlética estrutura, o rosto ainda iluminado de mocidade e saúde, olhava nostalgicamente o horizonte longínquo, a ver se descobria por acaso os panos brancos de alguma caravela, em que pudessem — ele e o tio — regressar em breve à Pátria, perdida agora muito longe, além, Atlântico em fora mais de milhares de milhas...

Rio, abril de 98.

O CHIMPANZÉ MARINHEIRO

Ao Dr. Mau Nardau, eminente pensador alemão

Na manhã hilariante de sol de um remoto Domingo do ano de 1880, o Vítor Vasques tomava o bonde da Saúde para ir à Gamboa, ao modesto mas carinhoso lar de uma família amiga cujo chefe, velho marujo aposentado, havia sido um dos melhores camaradas de seu pai nas trabalhosas viagens da Índia, quando, mal o veículo recomeçara a marcha, dois rapazes ingleses, robustos e de rosto escarlate, vestidos de branco e com altos capacetes de cortiça, assaltaram os balaústres sentando-se no banco em que ia. Reconheceu-os logo. Eram os filhos do *ship-chandler* Wilson que ele frequentara tantas vezes, aos domingos, no tempo do Colégio Naval, para, na sua grande paixão pelo mar, então em plena efervescência, fazer o conhecimento dos capitães britânicos e visitar os seus navios. Mas os rapazes, a princípio, nem repararam nele, absorvidos na sua álaçre conversação em inglês que o Vítor compreendia, entretanto, por uma outra frase conhecida.

Iam a uma excursão marítima. Isto é o desejo intenso que o agitava de lhes falar, recordando os dias passados em que, uma vez por semana, partiam juntos, em companhia do velho Wilson, para idênticos passeios ou pequenos bordejos pela baía no seu veleiro *cutter*, o *Mull*, cuja alegre denominação lembrava ao antigo marinheiro a ilha querida onde nascera, na Escócia — levaram-no a não lhes tirar mais os olhos de cima, para que o vissem. Com efeito, instantes após, ao entrar o bonde a Prainha, os dois rapazes, voltando-se de repente no banco e vendo-o ali, romperam em exclamações de alegria, sacudindo-lhe as mãos fortemente, numa saudação afetiva. E depois de lhe perguntarem com carinho por onde andara que havia quase um ano não lhes aparecia, convidaram-no a acompanhá-los na excursão que iam fazer a bordo de uma galera inglesa, a *Spring*, que se achava ancorada em frente à praça da Harmonia e que, já de pano envergado, devia partir, dentro em breve, para Dublin.

O Vítor, a princípio, hesitou, entre as alegrias do lar que o esperava à Gamboa e o convite tentador que lhe faziam os rapazes. Venceu, por fim, o último. E os três entraram então, a confabular alegremente sobre coisas da sua vida passada, enquanto o bonde rolava ao trotar dos animais tilintando as campainhas. À esquina da rua do Livramento saltaram, dirigindo-se para a praça da Harmonia. Num marche-marche vigoroso, em pouco chegaram ao cais.

A imensa baía de Guanabara faiscava ao sol, por um retalho grandioso das suas águas, estreitadas aí numa curva de enseada, tendo à esquerda o cabeço alto da Mortona, à direita a vasta mole dos armazéns de madeira, com as suas pontes flutuantes coalhadas de velhas barçaças. Em torno ao pequeno trapiche

gradeado, alguns botes do tráfego palpitavam na marreta amarrados às estacas, enquanto outros cruzavam fora, de terra para o mar, e vice-versa, por entre um cantar de remadas. A poucas braças de distância, sobre um pontão cheio de guinchos, uma barca queritava, deitada de banda, as vergas em verticais, mostrando o fundo de ferro todo em chapas escarlates. E para o largo, no ondular calmo das vagas que o nordeste arrepiava, uma infinita multidão de cascos, coroados pelo pinheiral dos mastros, nus das brancas velas saudosas, com os topes finos dos mastaréis suspensos, como entre lianas, na trama negra dos cabos...

Apressados e ruidosos, num alvoroço de jovens matelotes de outras idades partindo pela primeira vez para aventurosas viagens, a mente sonhadora cheia das lendas inefáveis das Sereias misteriosas enchendo de encantos e amores as solidões do alto mar — esquadrihavam os três as águas em volta, em busca do escaler da *Spring*, quando um grumete de bordo, muito louro e de grandes olhos garços, surdiu de repente ao pé deles, dizendo a um dos Wilsons que o bote estava já atracado. Desceram então a correr a pequena escada da ponte, que as ondinhas babujavam lá embaixo, em carícias espumosas, cobrindo-as de rendas de prata.

Prestamente, num tinir vivo de croques chocando-se ao longo das vigas pelo alto das estacas, o escaler vogador abriu rumo para o largo. E logo a singradura entrou a desenrolar-se, numa velocidade embalante, entre iates, patachos lúgares e barcas pertencentes a todas as Nações do mundo que ali mosqueavam as águas. Em pouco, na linha exterior de franquia, onde carregavam e descarregavam *steamers*, a *Spring* se desenhava, no seu alto casco verde escuro, proada às grossas amarras. Levando remos à distância, o bote atracou ao costado. Imediatamente, lá acima, ao portaló da galera, uma figura atlética de marítimo assomou, com um riso de bonomia na larga face escarlata, ornada de curtas suíças.

Os Wilsons, já de pé no paneiro, tirando os seus capacetes de linho, gritaram-lhe num alvoroço:

— Good morning, captain Evan! Good morning!

E tomando o Victor pela mão levaram-no escada acima.

Feita a apresentação do amigo, que foi acolhido afetuosamente como os dois jovens ingleses, o capitão conduziu-os a todos para o amplo tombadilho do navio, onde se elevava a gaiuta envidraçada, a roda do leme e a bússola, faiscando como se fossem de ouro sob o grande toldo de lona. E, enquanto o Evans falava aos dois irmãos sobre os últimos preparativos da viagem, o Vítor, na sua insaciável curiosidade pelas coisas de bordo, ia observando já, de

relance, o vasto convés da *Spring*. Ao subir a escada de salto, ao lado dos companheiros, uma surpresa deliciosa tomou-o, arrebatou-o de repente.

Uma rapariga alta e rosada, de formas ainda infantis mas exuberantes, toda atacada num fresco vestido de musselina branca, vinha caminhando para eles, com um andar balançado de ave marinha, um sorriso encantador na pequenina boca carminada e os cabelos soltos, esparsos densamente pelos ombros como um estranho manto de ouro. Era *miss* Clara, a filha do capitão Evans, que, desde o falecimento da mãe, havia três anos, em Dublin, acompanhava o pai nas viagens de longo curso pela América.

Apenas o Vítor fora apresentado à loura e celestial criatura, em cujos olhos transparentes de *sable* ele lia ainda a vaga amargura daquele longo triênio de orfandade materna, sentaram-se todos num dos bancos da gaiuta: e ai ficaram muito tempo a admirar o panorama arrebatador da baía, que *miss* Clara afirmava, numa voz ideal, de um timbre doce e melancólico, “era dos mais belos do Globo”.

Mas o jovem brasileiro, na sua preocupação de conhecer o navio, não obstante a atração irresistível da formosa rapariga, apenas esvaziara o cálice de conhaque que o Evans mandara servir, pediu-lhe para percorrer a galera, que lhe parecia um dos mais lindos vasos da marinha mercante inglesa, pelo menos dos que ele tinha conhecido até ali. Risonho e solícito, o velho marujo ergueu-se logo, encaminhando-se para a proa. O Vítor seguiu-o, acompanhado do Charles Wilson, que lhe servia de intérprete, enquanto o irmão, o Paulo, decerto fascinado pela peregrina beleza de *miss* Clara, ficava sentado ao seu lado, à sombra do toldo de lona, numa palestra afetiva. Depois de visitados minuciosamente todos os compartimentos do convés e da tolda, passaram ao salão da câmara, para onde desciam também, nesse instante, *miss* Clara e Paulo, ambos tão unidos e enlevados na conversação em que vinham que bem pareciam namorados.

Era à hora do jantar a bordo. A larga mesa retangular já se achava atoalhada, tendo ao centro um alto vaso cheio de flores, de onde se destacavam vivamente palmas de Santa Rita, cujas flores amarelas e vermelhas roçavam de leve os *glass rak's* de madeira, onde se alinhavam em profusão cálices de cristal colorido, que faiscavam junto ao teto como um engastado gigantesco de topázios, esmeraldas e rubis.

Percorrida toda a câmara, que o Evans detalhadamente mostrava ao Vítor para bem satisfazer a curiosidade náutica do *rapaz*, sentaram-se todos à mesa. O despenseiro, um homem pletórico e de cara escanhoadada, dando os últimos toques aos talheres e pratos, correu então para o tolda. E o capitão, na sua grande jovialidade, enquanto se não servia a sopa, dizia no Charles (que logo

transmitia as suas palavras ao amigo) que daí a instantes o Vítor teria de experimentar uma grande surpresa, que lhe ficaria talvez como a “mais funda impressão” da sua visita ao navio.

Assim prevenido, o rapaz entrou logo a pensar em que consistiria a “surpresa” que lhe preparara o *master*, quando o despenseiro entrou, com uma terrina na mão, seguido de um estranho negro, de baixa estatura mas atlético, horrivelmente peludo, cujo enorme prognatismo, a boca rasgada e grossa, onde os caninos se mostravam colossais e ameaçadores, lhe davam um aspecto feroz. Vestido de zuarte, e com uma faixa escarlata à cintura, o *homem* apoiado a uma vara de pinho segura à mão esquerda e coxeando um pouco nas suas pernas em X, a um sinal do despenseiro, depôs sobre a mesa um prato travesso que trazia na outra mão, e imediatamente se foi colocar, a certa distância, por detrás do capitão, que o olhava a sorrir-se, mostrando-o com interesse ao Vítor.

Contemplando, assim de perto e pela primeira vez, aquele esplêndido exemplar de antropeide, o rapaz não se pôde conter e, esquecendo-se de que o Evans não o podia entender, gritou-lhe de repente;

— Oh! capitão! Isto é um dos nossos antepassados! Isto é decerto o chimpanzé ou o gorila do Gabão!

O *master* explicou então que era com efeito um chimpanzé. Tinha mais ou menos trinta anos. Apanhara-o havia quatorze, numa caçada, nas Montanhas Negras, de uma feita em que, desembarcado, fizera parte de uma missão científica a estudos naquela região. Nessa caçada experimentara uma das maiores emoções de toda a sua vida. A missão era de Edimburgo e compunha-se de uns vinte homens bem armados. Num dia de descanso tinham resolvido dar uma grande batida aos chimpanzés, que infestavam a floresta próxima e que, às vezes, à noite, desciam em bandos à planície onde estavam as tendas. Fora em plena mata, justamente à hora em que esses animais se erguem das suas camas de folhas suspensas aos grandes troncos das árvores. Os caçadores marchavam todos por um atalho que ia dar a uma clareira, quando nela repontou de súbito um bando de chimpanzés. Recebeu-os logo uma descarga cerrada de carabinas, ante a qual todo o bando dispersou, atroando a floresta com o seu conhecido grito gutural — *rrhô! rrhô! rrhô!* Mas três ou quatro tinham ficado caídos e, entre eles, um, mal ferido, que tentava escapar-se aos saltos na espessura das ramagens. Fora uma luta para o agarrar, o que só conseguiram pela tarde, terminando assim a caçada. E esse era o chimpanzé que ali viam, o Black, como o denominara por causa da sua cor. Dera-lho o chefe da missão, porque julgara que o animal perecesse do ferimento recebido. Ele Evans conseguira, entretanto, curá-lo, e desde então ali o tinha a seu lado, como um moço de câmara trabalhador, álalo e sem pensamento, é verdade, mas já com um sentimento de piedade e ternura só próprio da humanidade...

Ao ouvir, pelo Charles, as últimas palavras do capitão, o Vítor, que começava já o seu preparo científico moderno, lembrou-se então das admiráveis descobertas da doutrina evolutiva, que o santo e venerando Darwin firmara, um dia, na bíblia da *Origem das Espécies*, com o seu poderoso, profundo e genial espírito de investigação e generalização, porventura o maior de quantos têm existido.

Mas o jantar terminara — e todos subiram para o tombadilho, onde foi servido o café.

A tarde caía serenamente, para os lados do oeste, em largas barras douradas. E este saudoso amarelo da luz, que já palidamente iluminava a cidade e mar, jorrava todo de um denso foco flamejante e de ouro, que o sol, na linha do horizonte, acendia ainda por trás dos altos píncaros amontoados da Tijuca, do Corcovado e da Gávea.

Então, achegando-se à amurada de terra, o capitão, os rapazes e a moça, num alegre grupo palrador, aí se quedaram algum tempo, a admirar os esplendores do ocaso.

Mas, de repente, o Charles Wilson lembrou que eram horas de deixar o navio. E todos três se despediram de *miss* Clara que, ao trocar o último *shake-hands*, para os ver partir, foi colocar-se tristemente aos balaústres de popa. O bom Evans, porém, acompanhou-os até o portaló, onde, dado o abraço de despedida, os rapazes desceram para o escaler, que já tremia lá embaixo na vaga, pronto a reconduzi-los ao cais. E, acomodados às bancadas, os marinheiros largaram.

O Charles e o Paulo Wilson, então, enquanto se armava remos, tirando os capacetes de cortiça, entraram a abanar para o capitão e a filha, que lhes respondiam vivamente agitando os lenços claros. O Vítor Vasques, entretanto, enamorado do belo casco da galera, não cessava de o mirar de alto a baixo, em todas as suas linhas, quando descobriu de repente, debruçado da borda, junto às enxárcias de proa, o vulto do chimpanzé.

O peludo exilado das Montanhas Negras, numa atitude pensativa e nostálgica, alheado de tudo, tinha os olhos pregados à ré, no tombadilho da *Spring*. Como horas antes na câmara, o coração torturado, quem sabe! por uma paixão quase humana, embevecia-se decerto na contemplação de *miss* Clara, que, postada ainda aos balaústres, ao lado de Evans, continuava a agitar para as visitantes que partiam o seu lenço de cambraia.

No entanto, o bote avançava na placidez das águas e, em pouco, o grosso casco da galera se sumia no meio dos outros cascos. Mas através da imensa teia de cabos e mastros, sob a cinza do crepúsculo, a alta balaustrada da tolda da *Spring* branquejava, e o Vítor via ainda vagamente o vulto do chimpanzé, na sua atitude pensativa, voltado para *miss* Clara, que, debruçada da borda, seguia o bote com o olhar, a cabeleira esparsa ao vento e rutilando como o disco fulvo de um astro.

Rio, dezembro de 1900.

MARUJOS

A Júlio Brandão

O quarto das seis ia começar. Tinha tocado a sineta, e a sonoridade metálica da sua última badalada aérea prolongava-se extraordinariamente, ondulando no convés, sob as velas, e ecoando sobre a infinita amplidão das águas, com uma vaga e espiritualíssima vibração elegíaca, que subtilizava ainda mais os misteriosos eflúvios das ondas e a melancolia etereal das ave-marias. Já o sol desfalecera de todo sepultado no ocaso, e de seus funerais incomparáveis e assombrosamente pomposos de rei do Espaço e do Dia, só ficara a manchar ainda luminosamente o céu e o mar escurecidos, no ponto onde ambos se uniam, como uma gigantesca orla sulferina de semimortas lavas e brilhos, ou antes, um trágico e imensurável debrum de sangue flamante no fundo recuado e perdido do horizonte longínquo.

O capitão assomara então à larga porta da câmara que abria sobre a vasta tolda, e esta ficou para logo alumada por uma tênue faixa de luz que jorrava do fundo, do farolim, já aceso, oscilando nos balanços, pendurado ao teto branco. Era um forte velho colossal, de uma ombratura de gigante, esse hercúleo lobo marinho, cuja alvíssima barba em colar e cujos pequenos olhos faiscantes, no rosto largo e leonino, de uma austeridade e energia invencíveis, sob o seu boné de feltro ou lona, faziam tremer os tripulantes quando o trovão da sua voz sugestiva e dominante estalava do alto por todos os recantos do navio, ordenando serenamente as manobras — fosse entre as calmas preciosas da Bonança, fosse entre o tumultuar desolador dos vendavais ou ciclones. Apenas lançara um geral e rápido olhar para a proa, tudo fotograficamente fixando de relance, na sua admirável retina iniludível — subiu a grandes e pesadas passadas o tombadilho e, ouvindo em silêncio o piloto que lhe entregava o quarto, foi até à gaiuta e tomando da ardósia encaixilhada encaminhou-se com ela para o farol de bombordo, a cuja luz escarlata pôs-se a ler o rumo e as ocorrências da última singradura andada. O marinheiro do leme olhava-o disfarçada e humildemente, atento agora de corpo e alma até para as nonadas da navegação, porque sabia que com aquele homem o mínimo desvio de guinada poder-lhe-ia valer uma acre ou borrascosa advertência, senão mesmo um pescoção. O piloto, descendo apressado a breve escada do salto, mergulhou logo no beliche onde, vestido como estava, se estirou de um só movimento e se afundou num sono de âncora em águas fundas e plácidas. Bendito o repouso dessa cansada alma de marujo que, apenas o sino voltasse a cantar, à meia-noite, ter-se-ia de erguer prestamente para a estremunhada vigília do quarto da alva, sempre tão áspera e tão álgida, tão custosa de passar!...

Mas a galera corria serenamente com o vento doce do largo, debaixo daquele céu noturnal, radiosamente picado do fogo etéreo dos astros como, à noite,

pelas grandes festas católicas, se apresenta, picada do fogo das velas, a nave das catedrais.

Havia dezesseis dias que a terra se perdera de vista, popa fora, por um crepúsculo rosado. Daquele último porto de partida na costa da África austral até ao paralelo de 27° sul, onde nesse instante singravam, a rumo de noroeste — os ventos do quadrante oposto impeliram-nos felizmente com excelente viagem. Durante esses quase três anos de mar, em aventuroso giro ocasional de circunavegação, tocando nos principais pontos litorais dos quatro continentes — América, Eurásia, África, Australásia — sulcando todos os oceanos, em cruzeiros de comércio, nem um só dos dezoito tripulantes do bravo casco veleiro onde tremulava altivamente o pavilhão auriverde, tinha tornado a avistar sequer de longe, nas largas travessias atlânticas, os montes e costas das terras vizinhas da Pátria, quanto mais esta, e os seus arraiais, freguesias e cidades, quase sempre pousados dos seios ocultos de baías e golfos, fora da ampla visão do alto mar. De sorte que a nostalgia e a saudade dos lares, de que essas almas de heróis vinham carregadas e sobrecarregadas, aguçavam-se agora intensamente, irreprimivelmente, com os esplendores e calmas das duas últimas semanas andadas e com a proximidade alentadora e alegre das brasileiras plagas, a surgirem, em mais duas ou três manhãs, ou três tardes, sob o longo gurupés balouçante, à proa singradora da *Águia*.

E nessa deliciosa e feliz expectativa que lhes dera a voz prognosticadora, e raramente falível, do capitão, em matéria náutica, o qual, ao observar o sol nessa manhã, trovejara a sorrir: “Camaradas, daqui a dois ou três dias estaremos em casa” — nessa deliciosa e feliz expectativa, o coração de cada um começava já de se expandir e cantar, à primeira aura da incomparável ventura almejada, qual é, para o marinheiro, o santo regresso ao lar após longas e trabalhosas viagens. Por isso, todos, nessa noite em que o bom tempo timbrava em trazê-los com amor à terra natal, tanto quanto lhes permitia a folga da faina, ora suave, ocupavam-se em ir dispendo desde logo as suas coisas para o desejadíssimo desembarque, após as últimas labutas e lupas da amarração e ancoragem.

Assim, à proa, no interior do vasto rancho talhado em triângulo, cortado a beliches de alto a baixo contra as amuradas, os velhos marinheiros e moços de convés arrumavam as suas caixas de pinho pintado, à chama de ouro de uma lanterna suspensa a um dos pés de carneiro da escada. E, no meio de um cheiro de umidade salitrosa, alcatrão, lona e mialhar — cheiro agradável e higiênico, fundamente peculiar a todos os recantos de bordo dos navios à vela — falando incessantemente, numa voz rude e grossa, enrouquecida em geral pelos ventos frios do mar, cada um dobrava a sua roupa, peça a peça, e acomodava com carinho os variados objetos destinados a presentes à família e comprados aqui e além, na viagem, em os portos onde haviam tocado. Entre

fazendas em metros e roupas já feitas para os filhos, as esposas, as irmãs, as mães, os sobrinhos, os afilhados e comadres, avultavam as quinquilharias — sabonetes, espelhos, pentes, caixinhas de segredo, fitas, rendas, lenços, brinquedos, e, sobretudo, os grandes e pequenos registros representando a Senhora dos Navegantes, o Cristo, S. Sebastião, Santo Antônio, S. João. E reviam tudo isso miudamente, com enternecimento e afeto, citando o nome dos entes queridos a quem iam ser dados. Num grupo, aqui, dominava um homem de longas barbas e cabelos anelados já encinzados de neve, que hilarizava os circunstantes fazendo livres ditos marujos a propósito de um polichinelo de molas que se deslocava todo em piruetas macabras sob a guizalhada festiva das suas vestes variegadas de *clown*; num outro, ali, um marinheiro, pachorrento e artista, com uma doentia minúcia de operário chinês, dava os últimos toques ao casco e aparelho de um delicado e lindíssimo barquinho, que era uma admirável miniatura da *Águia* e que destinava ao filhinho mais moço, um que deixara ainda a gatinhar quando saíra para aquela viagem; num outro ainda, além, comentavam-se, a altas gargalhadas maliciosas, os berloques e vidrinhos de essência barata para as namoradas... Um belo rapaz, rosado e louro, ainda inteiramente imberbe, só e acororado junto ao seu beliche, num recanto isolado, desdobrava e dobrava, lenta e cuidadosamente, com as suas mãos calosas e rijas, um corte de mole-mole: era noivo, e aquele seria decerto o vestido que a amada havia de levar, sob o véu transparente e a nevada grinalda de flor de laranjeira, no dia feliz do seu noivado...

Isto se dava no bico de proa onde estava a agente de folga e a de quarto embaixo. Lá acima, no convés, onde o vento lufava varrendo a imensa amplidão enoitada das águas e bojando as velas a um bordo, a cena era totalmente outra na vigília das singraduras, das viradas e das manobras náuticas.

À sombra do mastro grande, a uma das amuradas, à meia nau da galera, o gajeiro grande, um velho quase octogenário, contava aos oito moços da sua companhia de gávea alguns fatos extraordinários dos seus longos anos de mar e, entre eles, o de um terrível naufrágio na Guiné, ao tempo do tráfico dos escravos. E dizia, na sua expressão rude e cortada de pragas, mas pinturesca e de uma larga verdade: “Aquilo é que era navegar, raios de Deus! com o perigo por todos os lados: se se escapava das lestadas, trombas e calmas arrenegadas do Golfo, tinha-se logo pela proa, ou pela popa, ou pela alheta, ou por um bordo, os diabos dos corsários, ou então os brigues de guerra *ingleses* que andavam ali para recambiar a negra. E agora verás a inferneira das manobras, das viradas, das fugas e bordejos de não mais acabar, com a artilharia a roncar e a despejar fumo e balázios de levar bordas, panos e mastros pelos ares, quando nos não mandavam a todos direitinhos para o fundo do mar, a engordar os tubarões que não largavam a esteira do barco, aos bandões, como manjuba na costa pela quadra estival. Mas se não se podia fugir ou lutar, e se atravessava, e se ferravam velas, à espera que os tais *ingleses* ou

corsários viessem por fim à fala ou encostassem, a coisa era ainda pior, porque os estupores carregavam o navio e companhia e, depois de despejarem toda a *carga* no lugar de onde saía, abandonavam tudo mais sem recursos em qualquer praia deserta da África. Fora por isso que o velho Sumares, de uma feita, pegado a carregar em Lahô, deixara amarras por mão e não podendo ganhar o mar largo — onde ninguém o vencia — meteu o *Espadarte* no cabo de Palmas onde a gente escapou por milagre, passando quase um mês a caminhar dia e noite pela praia para a Serra Leoa, todos já quase nus e a comermos mariscos ou raízes de mandioca crua para não cairmos em poder das hordas bárbaras do interior, que papavam gente como os tubarões ou os selvagens...

No entanto, os vigias de proa, a fim de sacudirem o torpor das longas horas vazias, na bela bordada feliz, sem faróis de outros navios a acusar para a popa, cantavam em coro uma das velhas cantigas marujas de outrora:

*Que linda manhã de rosas
Levam os Nautas no mar;
Vão alegres, vão cantando
Ao som do seu navegar.*

Mas a sineta rompera a badalar as doze. Era meia-noite, e o céu mostrava-se cada vez mais esplendorosamente estrelado. Ia entrar o quarto da alva. Em pouco, o piloto surgiu no tombadilho e retomou o seu posto ao cata-vento, enquanto o capitão, o velho lobo do oceano, por sua vez, agora, recolhia também a descansar.

Nesse último trecho da viagem, o moço piloto — um robusto rapaz de pouco mais de trinta anos — era o único que regressava à Pátria sem os grandes contentamentos que a todos alacrizavam. Entretanto fora ele sem dúvida um dos que mais satisfeitos e cheios de esperança partiram para esses grandes e lucrativos cruzeiros da *Águia*: e isto porque, estando noivo, ia arredondar um pecúlio de soldadas para, ao seu regresso, casar. Mas ao chegar a Padang, em Sumatra, um dos pontos certos do globo onde devia tocar a galera na sua volta ao Brasil — encontrara uma carta da madrinha participando-lhe a morte da mãe, havia seis meses, na sua vila natal. Era a última das viagens da galera nos mares da Oceania, pois que de Padang iria à Colônia do Cabo e daí — como sucedera — rumaria direito ao Brasil. Essa perda esmagadora, quando já de volta à Pátria, tornara-o estranho e indiferente para todo o resto da viagem, pusera-o de certo modo sombrio e desolara-lhe inominadamente a alma. Tal dor também empanara logo o brilho e alegria do seu próximo noivado, e esse sentimento não o deixava pensar mais noutra coisa que não fosse a santa criatura finada. E no instante mesmo em que entrava para o quarto da alva, era essa intensa ideia funerária o que estava ali apunhalando de infinita desolação

e saudade. — Que triste, pela primeira vez (pensava), esse seu regresso à Pátria!...

Assim, apenas o capitão desceu para a câmara e foi rendido o homem do leme, o moço piloto foi encostar-se à balastrada de popa e, deixando pender sobre as ondas a sua pobre e fatigada cabeça, ficou-se a chorar longamente, em silêncio...

Mas a gloriosa luz da manhã enchia já de róseos clarões triunfais o límpido azul do firmamento e as primeiras gaivotas da pátria surgiam, esvoaçando alegremente em torno aos mastros oscilantes da *Águia*.

No outro dia, pela tarde, a galera fundeava no porto, após dois anos e oito meses de longas mas rendosas viagens ao longo de todos os continentes e através de todos os mares do Globo.

Rio, maio de 1903.

A FILHA DO FAROLEIRO

Ao contra-almirante Afonso de Alencastro Graça

Manhã alegre de outubro, no sul. A cidade do Desterro acordara há muito pela linha do cais, no seu contínuo movimento marítimo. O sol, ascendendo gloriosamente por trás do morro do Antão, lançava a princípio os seus grandes panos de luz sobre as montanhas fronteiras correndo na terra firme; depois estendia-os, pouco a pouco, às terras altas da ilha onde, pela distância, disposição e relevo das massas de argila e granito se iam desenhando com nitidez os quadrados irregulares das roças, de um verde de tons infindos. Toda a vasta e magnífica baía começava a resplandecer então como uma imensa catalufa líquida em que se espalhavam ao litoral, à calmaria da hora, as paisagens e o casario branco e rareado dos sítios alcandorados, aqui, além, sobre cabeças e cabos, como imensos ninhos risonhos onde a felicidade habita. Na bela curva do porto, fechada a noroeste pelo monte do Estreito e a sueste pela ponta do Zé Mendes, cruzavam-se, em velejos graciosos, lanchas, canoas e botes, com velas alvas de linho. Muito fora, para o largo, a multidão dos navios de longo curso e de cabotagem: cascos elevados de barcas, bordas de lúgares e brigues, de polacas e patachos, e talhes finos de escunas e iates coroados pelo arvoredado dos mastros, artisticamente entrelaçado à larga trama delicada e aérea da cordoalha. Mais além, para o sul, onde a recortada costa insular finda em ponta, ponta de penedia empinada, entrevia-se, através os rasgões da bruma argêntea, já em dispersão e em fuga sobre a vastidão das águas, os pórticos amplos da barra abrindo para os rumos austrais – o cabo dos Naufragados e três ilhotes graníticos, rendados e meio fulvos na orla afastada e nostálgica do horizonte do mar.

De pé, no cimo da escada, ao extremo da longa ponte da Capitania, em que se erguia um alto guindaste de ferro em meio às duas linhas dos turcos de onde pendiam, içados, os escaleres do serviço — eu e o meu camarada Horácio de Carvalho, oficial de diligências da repartição onde éramos empregados, contemplávamos, mudos e enlevados, o quadro admirável do alvorecer na baía, enquanto embaixo, na vaga, ao longo das muralhas circulares do antigo forte de Santa Bárbara, a poucos metros dali, um grupo de remadores em faina, numa “lupa” maruja, desfazia a amarração da catraia que nos devia levar ao farol de Naufragados. Assim nos achávamos quando uma figura alta de caboclo surgia de repente a meu lado, grosso e atlético na sua japonsa escura de oleado, a mão erguida em continência até o boné em palmatória, de pala curta encurvada: — Pronto, *seu* secretário. ‘Stá atracada a catraia...

Acomodando os sobretudos e livros que levávamos, descemos logo a escada, tomando lugar à popa, sobre as largas bancadas recobertas de tapetes de linho branco orlados de pano azul, com âncoras vermelhas aos ângulos. O

marinheiro, que embarcara em seguida e se fora colocar à ré do guarda-patrão, depois de me dirigir uma pergunta a que dei assentimento, gritou para os tripulantes:

— Larga! E aguentaremos pra adiante, até que venha uma aragem...

Doze pulsos musculosos vibraram os punhos dos remos, cujas longas e polidas pás de pinho de Riga entraram a bater a superfície serena das águas com chapes-chapes contínuos, alternando ritmicamente com o cantar monótono e áspero das toleteiras metálicas.

A catraia começou a resvalar pesadamente no meio da calmaria, uma calmaria de fim de sueste, completa, absoluta, “podre”, como dizem os marujos. Mas o céu, no alto, era azul, de um azul macio e límpido, sob o pálio de ouro do sol. E à proporção que avançávamos para o meio da baía, onde velas e velas passavam, lentamente, em revoadas alvíssimas, a amontoação dos navios de longo curso e de cabotagem se ia gradativamente ampliando e cada casco destacava, aproado à maré, nas amarras, a mastreação muito nítida à loura luz da manhã.

Reclinados à borda, e ainda enlevados no pitoresco panorama da *rade*, olhávamos agora, não sem uma vaga nostalgia, as casas brancas da cidade recuando pouco a pouco, sob as cintilações de ouro do sol, na linha rasa do cais. Era uma profusão de paredes fulgurantes no mar de almagre dos telhados, de onde irrompiam para o alto, aqui, ali, como grandes brochadas de cal, as torres altas das igrejas dispostas aos pares, muito eretas, com as suas cruces de ferro como se fossem traçadas, à pena, no cetim azul do Espaço.

O mar nos atraía porém no seu lençol de esmeralda, estreitado entre o continente e a ilha, expondo a cada margem, em recortes arenosos, alvuras doces de praias: e, passada a linha dos barcos, esquecemos a cidade, fascinados pelos ninhos risonhos das enseadas e sacos, bordando a costa insular para o sul do Desterro a Naufragados.

Pela ilhota do Largo, um vago sopro de brisa começou de frisar levemente a serenidade das águas. O patrão mandou então içar velas: e dois latinos alvacentos palpitarão nos mastros, imensamente abertos, como um estranho, gigantesco par de asas em voo. Mas a aragem mal pudera bojá-los a um bordo, nas lassas escotas delgadas. E a catraia parecia adormentada no banzeiro, sem uma esteira de espuma popa fora, ou burburinho cantante ao talha mar.

Assim rolamos longas horas, sem quase nada adiantarmos, até que enfrentamos o arraial da Tapera, para onde mandei aproar. Aí lançavam redes e pelo alto dos cômoros cresciam já alguns pequenos montes de peixe, cobertos com ramos de árvores. Por toda a parte o meio-dia jorrava profusamente do

alto um fino pó de ouro morno — e como estivéssemos só com o café da manhã, ordenei ao patrão fosse arranjar uns peixes para uma “caldeirada”. O prestante marinheiro partiu para o recanto da costa onde andavam as redes e daí a instantes volvia com uma cambulhada de corvinas frescas. Rapidamente se fez um fogo de gravetos e, pronto o “caldo”, foi-nos ele servido, em pratos de uma cabana próxima, à sombra de um laranjal, enquanto a catraia, abicada na areia, as velas ferradas nas altas vergas recurvas, balouçava os topes no ar. E um rapazinho grumete, de quinze anos mais ou menos, a face róseo-morena e de negros olhos nostálgicos, que ficara a tomar conta da embarcação, sentado ao banco de proa, alegremente cantava:

*Em que ditosos momentos
Dorme a veleira catraia,
Na calma do mar, dos ventos
Sobre as areias da praia!*

Duas horas depois, já a embarcação velejando e ao rumo, a aragem refrescava e, em algumas bordadas, apesar da maré de enchente, alcançávamos Naufragados. Todo esse último trecho da viagem, eu e o meu companheiro, o fizemos estirados às longas bancadas de ré; com as roupas a bem dizer escaldando, mordidos intensamente nas mãos e no rosto pela viva luz solar que nos batia de chapa, entediados pela singradura morosa e esquecidos das belas paisagens litorais e do próprio Mar, que nessa época irresistivelmente nos levava a passarmos domingos inteiros a bordejar à vela em escaleres ou baleeiras e acordarmos com as estrelas para as pescarias ao largo.

Entretanto, ao pisar o cais de pedra do porto eu me sentia bem outro, no bom humor da chegada. O Horácio, muito alto no seu todo da housard, sobraçando o sobretudo e os livros, o grande *pince-nez* de tartaruga acavalado ao nariz, a face pálida meio tostada agora pelo sol, dizia-se ainda “maçado da retardada viagem”. Mas no seu vago sorriso transparecia sem dúvida um alegre estado da alma.

Para se ir de desembarque ao farol era necessário percorrer-se uma extensão de mil metros, ou mais a galgar, por um sinuoso atalho de cabras, a grande lombada de outeiros que começa em Caiacanga e vem morrer em Naufragados. Conhecendo bem o local, meti-me logo a caminho, sem esperar que o patrão e os remadores saltassem e, seguido do meu amigo, que às vezes tenteava cautelosamente as ervagens para não rolar morro abaixo, entrei a recontar-lhe alegremente a deliciosa impressão que eu experimentara, quando ali estivera pela primeira vez, ao ver a filha do 1^o faroleiro, a Rosália; uma morena de rara e adorável beleza.

— Fora isso há quatro anos, dizia-lhe eu, quando tu andavas ainda lá pelo Rio ou São Paulo. Eu tinha vindo examinar o farol. A inspeção fora rápida porque o dia ameaçava temporal e a embarcação que me trouxera — um velho escalor de cavernas partidas e metendo água — não dava para aguentar o tempo, caso se fizesse preciso arrastá-lo. Ainda assim, pude percorrer a grande casa dos faroleiros e a torre do farol, examinar o aparelho da lâmpada e os sobressalentes. Foi em uma das seções dessa casa — a que está hoje de luto pela morte do chefe — que vi a Rosália, uma menina de treze anos então, cujos olhos negros e lindos, a pele doce e de jamba os cabelos pretos e densos caindo-lhe até muito abaixo da cinta, fascinavam vivamente. E era de tal graça ingênua essa adorável criança, no seu porte alto e cheio, que a gente esquecia-se a olhá-la, num enlevo... Enfim, meu amigo, uma verdadeira formosura. Contemplei-a por instantes apenas, pois já estava a embarcar. Mas a impressão experimentada, ao deixar nesse dia o farol, ficou-me indelével no espírito. Vais ver daqui a pouco a Rosália, que, apesar de um lustre volvido, deve estar ainda a mesma, ou mais formosa, talvez. E mais não digo, por enquanto, para que tenhas uma verdadeira surpresa.

O Horácio, que caminhava mais atrás e já cansado da subida íngreme, às minhas últimas frases murmurou apenas monossílabos, como numa vaga dúvida de tudo o que eu lhe narrava...

No entanto chegávamos ao alto da vasta colina onde se abria o amplo terraplano em que assentavam a torre branca do farol e a casa dos faroleiros: e paramos um pouco, a descansar sob as raras árvores copadas que aí ensombravam o atalho, admirando a imensa marinha circundante envolvendo todo o cabo. O sol, posto fosse de primavera e descesse já do zênite, tinha rutilação ardentíssima e peneirava moedinhas de ouro dançantes através as rendas das ramas que tremiam ao vento. E apesar dessa aragem do mar era tal a mornidão do ambiente que uma sonolência invadia-nos, argumentada pelo contínuo zumbir dos besouros e o chiar melancólico e monótono das primeiras cigarras. O verão antecipava-se estranhamente naquele ano.

Como porém o serviço do farol aguardava-nos com urgência, recomeçamos a marcha que se fazia agora por caminho plano e livre, de boas andadas. Ao cairmos no descampado do outeiro encontramos o 2^o faroleiro que, tendo visto a catraia atracar, corria já ao nosso encontro. Apenas trocamos os primeiros cumprimentos, eu e o meu camarada demos-lhe os nossos pêsames pela morte do irmão, o 1^o faroleiro. E eu, curioso de pormenores sobre o passamento desse obscuro mas digno homem, que conheci durante meia dúzia de anos, sempre forte e atlético embora já na velhice, interroguei:

— Mas como fora a morte do Espírito Santo, coitado, assim tão de repente, pois não havia ainda um mês estivera na Capitania? Não obstante a idade, estava

forte, alegre, bem disposto, revelando ainda muita vida. Imagino em que desolação se não acha a família...

O homem, marchando ao meu lado, o pescoço meio vergado agora pelas desilusões e os desgostos, os cabelos e a barba mais grisalhos que nunca, respondeu-me numa voz trêmula e desolada:

— É verdade, *seu* secretário, ninguém esperava por aquela: O Joaquim, apesar dos setenta, andava ainda muito rijo, trabalhava como há quinze ou vinte anos passados, e nunca se queixava de nada. E para ver, eu lhe conto. Quando se fez a última pintura, no farol, este ano, foi ainda ele quem subiu à cúpula da torre, a pulso, para pintar a agulha e os para-raios.. De repente, e quando menos se esperava, apanhou uma que o levou logo à cama... E não houve nada que o aliviasse, nem remédios de botica. Em cinco dias deu a alma ao Altíssimo. E lá está enterrado no cemitério do Pântano, desde a semana atrasada...

Aproximávamo-nos da vasta casa dos faroleiros. Pela frente, no terreiro limpo e varrido, um grupo de crianças de luto traquinava. À empena do norte, elevava-se um alto cercado de jardim e de horta, abrigado dos ventos furiosos do sul. Ao lado oposto, mais avançada para o mar, sobre o descalvado do cabo, a torre alta do farol, troncônica e de alvenaria branca, destacando no céu azulado como uma das grandes e luminosas catedrais da Esperança e do Bem, que se erguem humanitariamente por todas as paragens litorais do globo, beirando de um gigantesco rosário faiscante de belas estrelas de ouro as ilhas, penínsulas e continentes, para guiarem ao asilo remansoso e seguro os Nautas desventurados que, pelas desoladas noites revoltas de tormenta, buscam ansiosamente as enseadas e portos de abrigo, fugindo aos tremendos escarcéus do alto mar. Depois, eram os grossos vagalhões do Atlântico que vinham, iracundamente rugindo, desmanchar-se contra a penedia em rolos de espuma alva.

A certa distância, eu vi assomarem à porta de uma das seções do amplo casarão duas matronas de preto — a mulher do 2º. faroleiro e a viúva cunhada. Estranhando a ausência da Rosália, cuja lembrança me bailava vivamente no espírito, perguntei ao bom do homem que caminhava a meu lado:

— Então, sr. Francisco, que é da sua sobrinha Rosália, que eu aqui encontrei da vez passada?! Casou ou está passando tempos em casa de parentes aí para algum arraial?...

— A Rosália? *seu* secretário, acudiu o homem imediatamente, na sua voz de pesar. A Rosália anda por aí, bonita ainda, é verdade, mas totalmente louca, pobrezinha! V. Sa. não sabe o que houve? o Joaquim não lhe contou? Pois eu lhe conto. Faz um ano, agora em junho, que se deu uma grande desgraça. A

Rosália ia casar, por esse tempo, com um rapaz da Pinheira, que aqui esteve de uma feita e a pediu ao pai. O Joaquim e a “mana” não lhe negaram a mão da filha, porque o rapaz era bom, de gente pobre e honrada, mas um mouro de trabalho: vivia da pescaria, já tendo a sua casinha e umas braças de terra, que dava a “meias” no lugar. As bodas estavam tratadas para o S. João. Tinha-se falado ao rapaz para vir nas vésperas pra cá, e daqui os dois se irem “receber”, na igrejinha do Pântano... No dia aprazado, o rapaz, trazendo as suas coisas e “preparos”, embarcou numa canoa com dois camaradas e fez-se de proa para cá. Mas o tempo não estava seguro e, logo ao amanhecer, todos nós começamos a cismar que poderia sobrevir de repente um transtorno. E assim foi, por nossa desgraça, porque quando a canoa em que vinha o Tomás apontou no primeiro ilhote dos Papagaios, o pampeiro caiu, furioso, acompanhado de uma trovoada que parecia o fim do mundo. A canoa rompeu bem até àilhota da Fortaleza, mas ao chegar a meio do canal da barra, onde o vento e as águas eram um Deus nos acuda, e foi virar para o porto, entrevelou-se nas ondas e desapareceu. Nós que estávamos a vê-la, lá do alto da torre, deitamos logo a correr para a ponta a arriar a baleeira, mas já ninguém viu mais nada, além da canoa emborcada... Dai a três dias dois dos corpos foram parar à Tapera: o de Tomás, porém, nunca mais apareceu... Assim que deu com o sinistro, a Rosália caiu com um vagado, e teve muitos seguidos durante quase um mês. Quando isso passou, a coitadinha entrou a malucar, a falar sozinha, a não “assuntar” direito o que dizia... De então para cá, quando o sol está vai-não-vai, à tardinha, pega num braçado de flores que colhe atabalhoadamente no jardim, e lá se atira a correr em direção à ponta do cabo, onde se afundou a canoa. Aí, de pé sobre as rochas mais avançadas, e inclinada para as vagas, põe-se a jogar, aos punhados, aquelas flores no mar, como se elas porventura caíssem sobre o sepulcro do noivo... O Joaquim, ao ver a filha nesse estado, pegou a cismar e a entristecer, caindo por fim muito mal. Correu para a botica, mas foi o mesmo que nada. Ao cabo de quinze dias sucedeu o que já lhe contei, e a viúva, infeliz, ficou por aí a lastimar-se, com os filhos na orfandade... Enfim, *seu* secretário, foi uma grande desgraça.

Quando o homem findou, eu e o meu camarada, vivamente impressionados, exclamamos:

— É verdade, sr. Francisco, que terrível desgraça!...

Mas já chegávamos à primeira seção do vasto prédio e, saudando as senhoras e crianças, entramos para uma sala onde logo nos foi servido café. E como desejávamos voltar à cidade nessa mesma tarde, apenas descansamos um instante, passamos a cuidar do inventário, transportando-nos, acompanhados do 2º faroleiro, ao compartimento ou depósito em que se achavam os sobressalentes e demais material. No depósito havia quatro janelas abrindo para um e outro lado do terreiro, e duas pequenas portas — uma para a torre

do farol e a outra, pela qual passaremos, comunicando com a enorme habitação dos faroleiros e do pessoal da baleeira do serviço, que, uma ou duas vezes por mês, viaja entre o farol e a capital. Prateleiras, como as de uma tasca, tomavam as paredes de alto a baixo, exibindo uma multidão de objetos de todo o gênero e grandes latas cilíndricas de óleo mineral.

Sentado numa cadeira de ferro junto de uma pequena mesa, o oficial de diligências abriu os livros e, tirando o tinteiro e a pena, entrou a inventariar os objetos por classes, número, estado de conservação e qualidades, enquanto o faroleiro nos ia mostrando um a um...

Posto que atento ao serviço, eu não esquecia a Rosália, num grande desejo de a ver, como outrora, na sua beleza adorável. E olhava de vez em quando o terreiro que se alongava pelo cabo batido da aragem do mar e revolia no espírito a dolorosa história da pobre rapariga — quando ela subitamente apareceu rente à janela onde eu me achava, atacada no seu vestido afogado de luto, mas os olhos fascinantes no rosto inefável de virgem, carminado pelo sol. Saudou-me silenciosamente, com um gracioso mover de cabeça e estendeu-me a mão pequenina, roliça e de unhas rosadas, que apertei sorrindo, mas com uma emoção de mágoa. Depois, desviando de mim os seus olhos encantadores, debruados de longos cílios veludosos, pousou-os no meu amigo, e teve um vago sorriso. O Horácio, suspendendo por instantes a escrita, voltou-se, cumprimentou-a e pôs-se a fixá-la também. Mas fora só um relance, porque ela fugiu logo, num ímpeto incerto de louca e numa grande mudez...

E agora, mais penalizado e mais triste, eu acompanhava com a vista o seu vulto alto e negro, marchando a passadas violentas, mas ereta e garbosamente, para os rochedos avançados do cabo. Ao voltar-me para dentro, deparou-se com o meigo olhar do meu amigo, buscando vivamente o meu através dos vidros do seu *pince-nez* de míope. E ele murmurou com tristeza:

— Muito linda na verdade, a Rosália, coitada!...

Quando o inventário findou já o sol, no outro lado do mar, ocultava a sua luz por trás dos montes de oeste.

Sáímos a dar uma volta pelo cabo. E como a cinza da noite começasse a rolar do alto e se acendesse já a leste a pontilhação dos astros, entramos na torre do farol para a nossa visita ao aparelho da lâmpada, que radiava lá acima, pelo seu foco colossal, aberto como uma fantástica e monstruosa tulipa de ouro, o qual encerrado num grande círculo envidraçado, com os seus eclipses instantâneos, banhava de largas faixas de luz a barra, o longo canal da baía e a amplidão negra, desolada e nostálgica do Atlântico...

Em seguida embarcamos, entrando a bordejar na catraia em demanda da cidade. O céu estava deliciosamente sereno, muito alto e radioso na imensa rede prateada das estrelas. O mar, açoutado pelo vento do largo, dobrava, em curtas vagas espumosas, aqui e além feericamente malhado de estrias de luz escarlata, sob os farolins dos navios e os combustores erguidos da profusa iluminação do cais.

Aconchegados à popa, nos sobretudos de inverno, por causa do vento frio do mar, eu e o meu amigo, os olhos alçados ao Azul, nos embebíamos fundamente do esplendor sideral, trocando ainda palavras de compaixão e de afeto sobre a jovem e desventurosa Rosália, flor de beleza e de graça, irremediavelmente perdida para sempre na noite turva e sinistra, pior sem dúvida que a Morte, da loucura formidável!

Rio, fevereiro de 98.

CONTO DE NATAL

Ao Afonso, o meu filhinho mais velho

Naquele ano, em Santa Catarina, dezembro andara a lembrar julho, com semanas de dias sombrios, de aguaceiros seguidos e de ventos hibernais. Mas a véspera de Natal chegara. O sol, que ainda pela manhã se conservara oculto nos densos nevoeiros da costa, se mostrava plenamente à tarde, envolvendo todo o arraial das Aranhas na luz purpurina e de ouro de um dos seus mais lindos ocasos.

As redes que tinham andado a “cercar” nesse dia alastraram cedo os varais onde as cortiças e “chumbeiros”, como estranhas camândulas que as ondas desfiam em murmúrios de bonança ou em rugidos de tormenta, sob o jugo do pescador audaz, escorriam e secavam, para os grandes “lanços” futuros, em frente aos ranchos desertos, fechados agora à fresca aragem do mar. De sorte que pelas ave-marias cada um se acolhera ao seu lar, onde a ninhada dos filhos folgava já alacremenente, nas primeiras expansões venturosas da noite entre todas notável.

Àquela hora vinham transpondo a porteira de um triste casebre que se aninhava entre os cômodos, dois rapazinhos maltrapilhos e descalços. Eram os filhos da Sabina viúva — o Manuelzinho e o Cosme — que iam ao engenho do velho Albino Pacheco buscar açúcar e farinha para o gasto da casa. Dos meninos do arraial eram eles sem dúvida os mais pobres, pois haviam orfanado de pai, tendo um quase três anos e outro apenas seis meses. A mãe, coitada, vivia a bater e a fiar algodão e gravatá desde manhã até a noite, enquanto eles, tão pequenos — o mais velhinho teria agora nove anos e o mais moço não completava ainda os sete — repartiam o tempo entre a lavoura e a pesca.

Mas, apesar da sua grande atividade, na penúria geral do lugar, o que ganhavam não lhes dava quase para a subsistência, pelo que, frequentemente, passavam dias e dias só a café, e esse mesmo, muitas vezes, amargo.

Deixada para trás a porteira e passado o atalho, os dois pequenos entraram a caminhar apressadamente pela larga e solitária estrada real que a lua, surgindo da barra escura e rendilhada das colinas de leste, banhava aqui e além docemente com a sua luz fria e láctea. Como tinham o espírito saturado das velhas lendas roceiras de lobisomens e bruxas, de aparições e fantasmas, coisas muitíssimo comuns nas aldeias, e como ambos sentiam já o medo crescer-lhes dentro da alma, à maneira que as desoladas e tristes horas da noite cresciam — para se acompanharem, largaram a cantar numa toada estridente cujo diapasão aumentavam ainda, sempre que enfrentavam os grandes espinheiros, cafezais e laranjais, cheios de sombras, margeando seguidamente a estrada.

Apesar da noite clara, pouca gente cursava os caminhos, e nem mesmo os noctívagos mais famosos do sítio eram encontrados agora nas suas longas marchas costumadas feitas a pé, lentamente, ou em ligeiros cavalos árdegos. As porteiras, nos outros dias rumorosas e cheias de pequenos grupos de gente, alvejavam agora abandonadas, ermas e silentes, sob o clarão do luar. A melancolia e placidez que pesavam dir-se-iam de horas mortas se não fora, de um lado, uma ou outra venda distante onde alguns compradores retardados parolavam ainda, num tumulto de pressa, com o próprio dono da casa; do outro, uns sons vagos de viola e cantigas vibrando jubilosamente, de envolta com as risadas sonoras da meninada em folia, pelos terreiros das casas, que se aninhavam entre árvores frutíferas, assinaladas, aqui e ali, na lombada das encostas ou no cimo dos outeiros, pelas saudosas chamas das lareiras, ou pela alvura fulgurante de uma parede caiada.

E os dois rapazinhos apertavam o passo, despejando caminho a valer e dissipando os temores ingênuos com seus alegres cantares.

Na volta das Capivaras, ao subirem a Ladeira Grande, as planícies de Canavieiras abriram-se diante deles, num imenso empastamento de sombra nebulosa, onde nada se distinguia quase, a não ser o espelhante clarão dos banhados e na infinita faixa de prata polida do rio do Brás, coleando delongadamente para uma negrura mais densa e remota, que se ia perder longe, no horizonte polvilhado, e que devia ser o mar.

Aí um alvoroço colheu-os, dando-lhes uma grande coragem. Era a casa do Rufino Valente que, logo adiante, na estrada das Areias, como nos outros anos passados, refulgia, toda acesa, nos festejos de Natal. E, estacando de súbito, ficaram ambos a olhar por instantes o largo pendor de colina onde a vivenda assentava. Entreviam vagamente, pelas janelas abertas, o alto armário do presépio, resplandecendo alegremente, picado de luzes de ouro como um recanto de céu, em noite límpida, estrelada. Uma multidão de pessoas, velhos, moços e mulheres, abarrotavam a sala. No amplo terreiro murado, uma grossa fogueira de toros abria fulgurantemente, na treva enlustrada, a sua gigantesca corola de púrpura, erguendo um inextricável novelo de chamas dançantes que o vento do norte inquietava às rajadas, e cujas línguas alterosas e loucas, jorrando faíscas ao ar, envolviam por vezes a frontaria da casa num grande chuva de fogo. Em torno folgavam crianças, desprendendo risadas festivas que ecoavam ao longe.

Atraídos por aquela alegria e curiosos de ver o presepe, que jamais haviam visto, combinaram os dois em dar, quando já de volta do engenho, uma chegadinha até lá. E, já de todo esquecidos de aparições e fantasmas, entraram a descer a ladeira, a passo forte e estugado, enfiando pelo atalho que levava ao

Bom Jesus, onde ficava o engenho do velho Albino Pacheco. Na andada veloz em que iam, dentro em pouco o avistaram, ao fundo de vasta pastagem, entre frondes murmurosas de cafeeiros, de laranjeiras e bananeiras altas, cujas folhas tesouradas em franja pelo vento baloiçavam agora, docemente, com reflexos cor de prata...

Apenas encheram de farinha e açúcar os saquinhos que levavam, os dois pequenos meteram-se de novo a caminho, na sua marcha apressada. E parolavam satisfeitos pela estrada das Areias, em direção ao lar do Rufino, a gozar ao menos um pouco os folguedos de Natal. Já alcançavam a porteira quando um cavaleiro que passava, reconhecendo-os, gritou-lhes:

—Ó rapazes, vocês ainda estão por aqui! A Sabina já lá anda apensionada...

Era o filho do Zé Basta, que ia para a freguesia assistir à missa do galo.

Os dois rapazinhos, diante daquelas palavras que os chamavam ao dever, lembrando-lhes a pobre mãe já aflita no seu casebre da praia, hesitaram por momentos, parados, e a entreolharem-se com ânsia, junto aos moirões da porteira. Mas a habitação do Rufino, com a sua grande e álaque fogueira de ouro, o presépio cheio de luzes e flores como um recanto paradisíaco, e as risadas deliciosas da criançada feliz, estava lá em cima a tentá-los. Decidiram então que seria só por um instante, voltariam logo. E resolutamente enfiaram para o alto do terreiro, onde os meninos da casa os receberam carinhosamente, dando-lhes roletes de cana, pipocas e broas torradas.

Mas a grande atração dos dois petizes recém-vindos era o belíssimo presépio, que pediam para ver com instância. Seguidos dos filhos de Rufino, romperam então por entre a multidão que inundava a sala e foram postar-se, boquiabertos, diante do grande armário estrelado de velas em chamas, em cujo interior espaçoso delicadas mãos femininas, artísticas e devotas, num esforço imitativo de microscópica criação geológica ou de microscópica criação bíblica, haviam improvisado uma Palestina verdejante e risonha, com pastores e rebanhos, banhada de rios e lagos, cheia de alegria e frescor, bem diferente decerto dessa outra Palestina da Ásia Menor, onde tudo é abandono e tristeza, secura e desolação.

O Manuelzinho e o Cosme, encantados com aquela miniatura da Natureza que lhes parecia um doce canto do Céu, entraram a perguntar aos camaradas o nome de cada um dos objetos que viam esparsos pelos recessos microscópicos desse simulacro de paisagem, que era um verdadeiro mimo. E logo um dos meninos do Rufino, que já sabia tudo aquilo por ter visto inúmeras vezes armar-se e desarmar-se o presepe, lhos foi enumerando um a um. Falou de Jerusalém, que se avistava, em panorama geral, desdobrando-se sobre as tábuas do fundo

do armário, em pinceladas ingênuas, de um rude colorido primitivo; das pequeninas estradas coleantes que sulcavam planura e colinas; das cisternas de vidro de espelho, reluzindo à sombra de palmeirinhas; das cabanas que se aninhavam entre oliveiras, entre pequenos cedros e vinhas; dos camelos carregados de mirra, de joias de ouro e de incenso; dos Reis Magos da Caldeia e da Grande Estrela radiante e caudata que corria pelo céu numa esteira de luz viva, guiando-os para o Estábulo bendito, onde o Menino Jesus, ainda há pouco nascido, repousava sobre as palhas, tendo em volta a adorá-lo S. José e a Virgem Santa, os pastores de Belém, a vaca e a jumentinha...

No entanto os dois orfãozinhos namoravam, num doce enlevo infantil, aquelas coisas divinas, que pela primeira vez contemplavam e de que sua mãe lhes falava, às vezes, nas suas rezas humildes. E o que mais os arrebatava era o Menino Jesus, tão nuzinho e pequenino, com os seus olhinhos azuis muito límpidos e a sorrir inefavelmente para eles do seu berço de palhinhas.

Naquele êxtase feliz, esqueciam-se de tudo, das pessoas que os cercavam, ajoelhadas e orando, como da pobre mãe que lá ficara na choça e que justamente àquela hora, desesperada e aflita com a demora deles, no pressentimento alucinante de que lhes houvesse sucedido alguma desgraça, saíra ansiosamente a buscá-los pelos desertos caminhos.

A Sabina deixara o seu casebre já as vendas estavam fechadas, e por isso fazia parar os caminhantes que por acaso encontrava, para lhes perguntar, quase em pranto, se não tinham visto os seus dois pequenos, o Cosme e o Manuelzinho. Depois de percorrer vários atalhos e trilhas, tomou a estrada real e, numa andada ansiosa e precipite, sob o ermo silêncio do Espaço que a lua largamente cobria com o seu imenso velário de cetim branco luminoso — chegou à Ladeira Grande onde, ao avistar de repente a casa de Rufino, toda iluminada e ruidosa, o seu coração torturado de mãe teve uma súbita alegria, pois pensou imediatamente que ali os encontraria.

— Sim! eles deviam estar lá! murmurou intimamente, respirando a longos haustos e moderando agora, um pouco, a violência da marcha.

Tencionava ir até ao engenho do velho Albino Pacheco a saber dos pequenos, mas conhecendo o que eram crianças e seguindo os impulsos do seu leal coração de mãe — coração que sempre tudo adivinha! — abandonou aquela primeira ideia e dirigiu-se firmemente para a casa do Rufino. Galgou à pressa o terreiro e, rompendo por entre os rapazes e homens que se aglomeravam à porta, aí esbarrou com o velho lavrador a quem inquiriu ofegante:

— Ô só Rufino, os meus pequenos não estão por aqui? Estes demônios dão-me cabo da vida! Mandei-os às ave-marias ao engenho do velho Pacheco e até

agora nada de voltarem! Estou que nem posso de cansada e aflita! Com certeza os demônios descobriram lá do morro o presepe e vieram para cá direitinhos. Não sei onde estou que lhes não dê um ensino...

E apenas o Rufino lhe disse que os meninos estavam ali, com efeito, ela entrou impetuosamente na sala, onde as moças e matronas que lhe tinham ouvido as últimas palavras ameaçadoras correram a cercá-la pedindo:

— Ô Sabina, detém-te! Não os castigues... Olha que hoje é um dia sagrado!...

A Sabina dissera aquilo por dizer. O que ela sentia agora vivamente era um profundo júbilo que lhe inundava os olhos de lágrimas, como ainda há pouco o fizera a aflição quando percorria, despenhada, os caminhos. E apenas saudou a todos, correu para onde estavam os filhos, quedando-se em êxtase, com eles, ante o presepe festivo...

Nesse instante, lá fora, sob a abóbada enluarada do céu, os galos madrugadores, com os seus cantos triunfais de clarim, entravam a saudar alacrememente a grandiosa alvorada aniversária do nascimento de Cristo.

A sala agitou-se então num alvoroço indizível. E todos, seguindo o capelão que ajoelhara já junto ao presepe rutilante, entoaram sonoramente, com ele, um hino soberbo, de alta devoção e louvor, ao glorioso Deus Menino...

E foi esse, sem dúvida, o dia de maior alegria para a Sabina, depois que ficara viúva, e para os filhos depois que perderam o pai.

Rio, 24 de Dezembro de 98.

A VOLTA DAS VELAS

Ao capitão-tenente Augusto João Jorge

Maio findara alegremente. E este primeiro dia de junho, na ilha catarinense, expirava numa deliciosa calma outonal, sem as cortinas de névoa cinzenta que fecham, às vezes, os longes e sem desolação do vento sul, retardado ainda entre as geleiras austrais. O céu, muito límpido e transparente no seu imenso zimbório cerúleo, que os bulções negros de inverno viriam em breve toldar, ardia todo ao poente nos últimos dourados flamantes da agonia do sol. Embaixo, o mar se estendia numa placidez de lago, com recantos fulgurando em espelhações de luz mágica. Aqui e além, pelo golfo, pequenas ilhas graciosas e negros rochedos de cabos abriam rendados de bronze no tamis de ouro do ocaso.

A essa hora, uma revoada alvacenta de velas começava a rugir no horizonte, em direção ao porto, à maneira de um bando de gaivotas recolhendo ao seu pouso noturno nos anfractuosos cimos recortados da penedia da costa. Quadrangulares algumas, latinas na maior parte, essas asas leves das velas que o Homem dirige e anima, que andam a mercê dos ventos nos descampados do mar e que são mais preciosas decerto que as asas vivas dos pássaros — salpicavam de encantadora brancura o esmeraldino das águas que se encinzava pouco à pouco, e a linha melancólica e desolada de leste onde a incomparável e majestosa amplidão do oceano parece que não acaba jamais.

Eram essas velas as canoas e baleeiras de pesca que regressavam ao seu pequeno arraial, depois de uma semana de ausência.

Já em frente aos ranchos de palha se aglomeravam em grupos as famílias dos pescadores que, como de costume, vinham para ali esperá-los. Eram meninas galantíssimas, de saia curta e pés descalços, cabelos soltos e revoltos, límpidos olhos virginiais, sorriso alegre sempre à boca rosada e fresca como a polpa de um fruto que se abre ao sol, docemente, em plena maturidade — todas girando, as mãos dadas, em rodas de ingênua folgança, sonoras de cantos álacres e de inefáveis risadas; eram moças adoráveis, de face cheia e oval, cútis veludosa e morena, iluminada castamente por olhares de uma expressão ideal; eram matronas de largos e fecundos quadris, de pé ou sentadas sobre a fofa areia clara, olhos pregados sobre as velas amadas aproximando-se pouco a pouco, todas a parolar vivamente, numa voz meio cantada ostentando cada qual gordos fedelhos ao colo, enquanto a outra parte da ninhada — os rapazinhos mais crescidos — divertia-se a correr e a saltar, numa algazarra festiva, pela batente do mar.

Ao fundo, na linha dos cômodos, alguns homens empontavam-se, em camisa e chapéu de palha à cabeça, olhando atentos às águas e apontando, de instante a instante, as veleiras velas claras. Do interior do arraial, pelas veredas e trilhas que vinham morrer entre as dunas, golfavam ainda para ali magotes de retardados. E à maneira que a luz desmaiava por trás dos montes de oeste, os cascos esguios das canoas e lanchas erguiam-se de sobre o mar, destacando-se uns dos outros pelos latinos voadores, as velas retangulares que avançavam lentamente para o crescente da praia.

A matinada festiva crescia então pelos ranchos onde as matronas robustas, reconhecendo agora as embarcações em que os maridos, irmãos e filhos andavam, as apontavam às crianças que corriam para ela num júbilo estardalhaçante e num berreiro geral. E exclamações de alegria vibravam por toda a praia, apregoando os expressivos nomes sonoros das pequenas quilhas ligeiras, colmadas de panos alvos:

— *A Andorinha, a Esperança, a Flor do Mar, a Rajada...*

E dentro em pouco, em frente de cada rancho, uma embarcação abicava, carregada de peixe fresco ou de salga, e cercada para lago das palradoras mulheres e da inquieta criançada. As companhas saltavam — o patrão e quatro homens em geral — saudosas sempre da família e maltratadas, às vezes, pelos furores do mar: e eram abraços às esposas e repetidos beijos aos pimpolhos, que estas ausências frequentes tornavam sempre mais amados.

Então colhiam-se as *linhas* e anzóis, os rendados samburás das *iscas*, os catutos dos espinhéis, os remos, velas e mastro, e, em seguida, desembarcava-se a carga, que era o sustento e o dinheiro de todos até a próxima partida para o mar alto. Imediatamente os pescadores puxavam a canoa ou a lancha sobre grossos rolos de madeira e a fechavam no rancho, onde ela ficava ao abrigo das chuvas e das soalheiras bravas. Depois, todos juntos e felizes, em afetiva palestra ruidosa, cortada sempre de risadas, tornavam o caminho dos lares...

Mas a noite cerrara de todo, ocultando a praia e o mar — e apenas, num ou noutro rancho, algumas luzes rareadas desabrochavam, aqui e além, na treva, as suas grandes corolas vermelhas que tremiam ao vento, iluminando os ajuntamentos de gente, ao instante menos densos, cercando as últimas embarcações que chegavam.

No entanto, em recanto ermo e esquecido da costa, enquanto a maior parte das famílias dos pescadores rejubilavam tranquilas com a chegada dos seus, a Maria Rosa, coitada, sentada à porta do seu rancho, com um filhinho de seis meses ao colo, a velha mãe ao lado, sentia apreensões e tristezas apertarem-lhe o coração, porque a lancha do marido não aparecia ainda retardada, agora,

com a noite, nos turbilhões do mar largo. Duas vezes mandara a pobre velha ao rancho do Manuel Cosme, que ficava ali perto e que ainda estava em faina, a saber se a companha de lá tinha visto a *Borboleta* e se este havia largado juntamente com a *Andorinha*, naquela mesma tarde. A mãe trouxera resposta favorável, dizendo-lhe que a demora do genro, do Pedro, segundo informara o próprio Cosme, era devido a ter ele aportado no Arvoredo, onde fora levar o peixe que lhe encomendara o mestre faroleiro, quando a *Borboleta* aí tocara na ida para o mar alto. E, por último, o Zé Clara, que era o “voga” da *Andorinha*, dissera:

— Ora a Maricas que sossegue, que o Pedro não pode tardar. Em rompendo a lua, a *Borboleta* está ai rente...

A essas palavras a Maria Rosa serenara um pouco e, com um olhar rebuscador e ansioso, procurava devassar a treva densa, esquadrinhando minuciosamente o porto. Mas em vão o fazia, porque nem uma sombra de vela se divisava agora nas águas. Alentavam-na, contudo, as luzes que ainda ardiam na praia e sobretudo a informação do Zé Clara, que vira o Pedro dirigir-se com a lancha para o Arvoredo quando toda a flotilha da pesca suspendera, recolhendo ao arraial.

Entretanto as horas voavam e pela curva da costa os farolins se apagavam uns após outros, à maneira que as embarcações eram puxadas. E agora só uma luz flamejava na praia — a do rancho do Cosme que, por fim, se extinguiu também.

Ao ver esse rancho fechar-se, a Maria Rosa desanimou de todo e rompeu a chorar, tomada subitamente da ideia terrível de que a lancha do marido não chegava por se ter virado, talvez, no costão do Arvoredo, nesse costão sinistro onde eram sem conta os naufrágios e onde as rochas em caos, que o formavam, estavam crivadas de cruces, assinalando mortes como um cemitério. E, meio alucinada, parecia-lhe já estar a ouvir os gritos ansiosos do Pedro e dos camaradas, em luta com o maroiço gigante, abandonados de todo o socorro e amparo, na desolação infinita da noite e dos furores do mar. No desassossego da sua imensa angústia ergueu-se e, chamando pela mãe, que igualmente chorava a seu lado, apertando o filhinho nos braços, encaminhou-se loucamente para os cômoros, em direção à casa.

A meio caminho, porém, as duas mulheres sentiram como um vago ruído de remos, vindo do outro extremo da praia. Estacaram por instantes e, certificando-se de que era uma embarcação, lembraram-se da baleeira do Amaro, que ainda não havia chegado. Animadas por esse pensamento, para lá se jogaram a correr. Mas antes de chegarem ao ponto onde a embarcação aportara, esbarraram com o velho José Alexandre, patrão daquela baleeira, que

se dirigia ao arraial em busca de um carro para a condução do peixe. A Maria Rosa, fazendo-o parar, inquiriu-o a tremer, os olhos empanados de lágrimas:

— Ó sô Lexandre, você não encontrou por aí a Borboleta? Até estas horas e nada de chegar! Nunca o Pedro se demorou tanto. Quem sabe não lhe sucedeu por aí alguma?... Você me diga o que houve, sô Lexandre. Por Nossa Senhora, me diga, que eu já não posso mais!...

O velho pescador parou muito admirado de encontrar a Maria Rosa assim apensionada e em pranto. E falando-lhe, retorquia com afeto, numa meiguice de avô:

— Qual alguma, nem pera alguma, rapariga! Pois tu não acabaste ainda com esses teus sustos! Mas que mulher és tu então? Ora louvado seja Deus! Sossega! E deixa-te dessas consumições que o Pedro não deve tardar, pois que o deixamos lá pela altura do Rapa. Olha, volta para o rancho que talvez já o encontres a arrumar a lancha...

Era tal a segurança destas palavras que a Maria Rosa para logo se tranquilizou e disse ao velho, em despedida:

— Então boa-noite, sô Lexandre. E Deus lhe pague, por este “peso” que me tirou cá do coração. Parece que foi obra da Mãe Santíssima este encontro, porque eu já ia como louca...

O velho, que levava grande pressa, recomeçou a marcha interrompida, murmurando apenas:

— Ora não há de quê, Maricas. É para isto que andamos neste triste mundo...

E o seu vulto se sumiu logo entre os cômoros, que faziam vagamente, no escuro, largas amontoações branquejantes.

A Maria Rosa, gritando para a mãe que a seguisse, o filho sempre apertado nos braços, retomou precipitamente o caminho do rancho.

Quando aí chegou, vinha atracando a *Borboleta*, tão carregada que encalhou a muitas braças da praia. À luz do seu farolim escarlate descobriu logo o marido, que patroava a embarcação, ereto e alto na popa. Com o cansaço da corrida e o prazer extraordinário de o ver assim de repente, a Maria Rosa quase teve um desmaio e, sem poder mais aguentar-se de pé, foi cair sentada junto à porta do rancho. Mas ergueu-se logo, reanimada. E como o Pedro ainda não tivesse dado com ela, ocupado agora com a companha em encher os balaios de peixe para

aliviar a lancha e a puxar depois, desceu à batente do mar e gritou-lhe meigamente:

— Ó Pedro, olha que eu estou aqui com a mamãe e o pequenino. Que demora foi essa, Santo Deus! Eu já andava como uma louca, sem saber o que fazer. E o que já chorei por tua causa... Nem tu calculas! Se não fosse o velho Lexandre, nem sei mesmo o que seria de mim...

O Pedro, expedindo de bordo os primeiros homens, que iam depondo em terra os balaios carregados, respondeu-lhe alegremente:

— Ora que queres, Maricas! Tive de tocar no Arvoredo, e por isso atrasei a viagem. Depois o demônio do vento não ajudava nada... Até o Rapa foi um esfregar que não acabava mais. E só a poder de remos é que estamos aqui a estas horas, senão nem pela madrugada! Mas o pior já passou... Deixa puxar a *Borboleta* que isto está a acabar...

E, os pés fincados na bancada de ré, os ombros metidos à longa vara de empurrar, deu um impulso mais à embarcação, que enxurrou então até a batente da praia.

A faina viva da descarga começou logo e, arrumado todo o peixe no rancho, o Pedro saltou, entregando aos remadores a baldeação e a “puxada” da baleeira. Saudoso do lar, como estava, correu a abraçar a esposa e, num enternecimento paternal de marujo, tomou o filho nos braços e pôs-se a beijá-lo loucamente, em meio às duas mulheres, sorrindo agora numa indizível alegria. Depois, todos juntos, numa palração animada e num incomparável contentamento, entraram a caminhar praia acima, em direção à casa...

Àquela hora, para leste, na curva deserta do horizonte longínquo, aparecia o plenilúnio, cobrindo de uma luz cor de flor de laranjeira a cúpula imensa do Espaço. No arraial catarinense os lares adormeciam pouco e pouco, sob a dealbação mágica do alto. A vasta praia dos Ingleses branquejava idealmente, pela sua faixa de areias, onde o mar vinha bater em novelos espumantes de filigranas de prata.

Rio, junho de 98.

O DIA DE S. JOÃO

A Henrique Valga

Que feliz e festivo foi outrora, no doce lar de meus pais, o dia de S. João!

Na véspera, de manhã, começavam os preparativos para os festejos ruidosos dessa noite e da seguinte, porque meu pai e um dos meus irmãos mais moços se chamava João. A nossa casa, que amanhecera numa alegre lufa-lufa, oferecia o aspecto movimentado de uma lide extraordinária, em meio a qual minhas irmãs e minhas primas, dirigidas por minha mãe, de mangas arregaçadas e brancos aventais de peitilho e bolsos, não paravam, na urgência agitada da confecção de doces de toda a ordem que deviam achar-se prontos até as primeiras horas da tarde em que, então, a capital provinciana entrava a apresentar um ar domingueiro e de festa. Muito cedo, pelas 7 horas, mais ou menos, eu e a Clemência, depois de um leve e rápido almoço, comido as mais das vezes à pressa e quase de pé, passávamos ao andar térreo, a botar para fora, para a praia, para o mar, a minha canoa *Estrela*, que meu pai trouxera de Paranaguá, a bordo do paquete *Arinos*, do seu comando, para as minhas infantis diversões marítimas junto à costa, e que recebera esse nome rutilante e de ouro por sugestão de minha mãe, em lembrança da polaca *Estrela* onde meu pai andava quando com ela casou, em segundas núpcias, polaca que eu próprio chegara a conhecer, com os meus quatro ou cinco anos de idade, encalhada e abandonada já, por velhice e ruína, na praia de Canavieiras, em que ficara a desfazer-se pouco e pouco ao contínuo e marulhoso embate das ondas, conservando porém, ainda, orgulhosa mas já desfalecidamente, muito alçada ao de cima dos escarcéus triunfantes, a elevada proa recurva que durante anos e anos tão vencedoramente lutara com as maretas do alto mar e onde dois grandes golfinhos, esculpidos no pinho de riga a rudes mas expressivos traços de arte, abriam e sacudiam ao ar, sinuosamente, as caudas terminadas em leque, perfeitamente em harmonia com os relevos e entalhaduras da popa, de onde a grande estrela dourada que simbolizava o nome do navio desaparecera de há muito, afundada nas espumas...

Impelida a canoa para o mar sobre dois pequenos rolos de madeira, através a breve praiazinha arenosa, que se talhava aos fundos da nossa casa, em meio de uma das seções do cais principal da cidade, e pela qual as grandes marés de agosto nas suas gigantescas preamares invadiam e alagavam inteiramente a nossa loja, como que convidando a minha *Estrela* a vogar, após isso embarcávamos a palamenta indispensável (remos, leme e velas) e largávamos a sulcar a baía, ao longo do litoral, em rumo do Saco dos Limões ou de Prejibaé onde íamos comprar, às porções, feixes de canas miúdas, pinhões, rapadura e melado.

A Clemência, de pé, sobre o paneiro da popa, um largo chapéu de palha à cabeça, os negros anéis dos seus cabelos cortados à nazarena esvoaçando ao vento, o seu habitual paletó de traspasse, feito de caxemira cinzenta e debruado de fita preta com bolsos e gola, como os de homem, a saia de chita vermelha, acomodada contra as secas pernas musculosas, como se fosse umas calças; a Clemência, remando e patroando — enquanto eu, sentado no banco do meio e voltado para a proa, remava também a remo de pá — dirigia a embarcação admiravelmente, como o melhor canoeiro, soltando ao sol e às vagas, na sua constante expansibilidade e bom humor, uma série infinita e sonora de cantigas rústicas...

Era uma parda de quarenta anos, mais ou menos, a Clemência. Muito feia e desairosa, se por acaso fosse negra, tivesse a fronte deprimida e o competente prognatismo, dir-se-ia uma chimpanzé. De estatura regular, magra, porém de ombros largos, os ossos volumosos e fortes, tinha os braços sulcados de veias salientes, grossos e rijos de músculos. Era extraordinariamente robusta, de uma saúde resistente, poderosa, formidável. Possuía uma força de ginasta, podia ater-se com quaisquer homens: e eu a vi, algumas vezes, quando por eles vaiada pela estranheza do seu todo de virago, afrontá-los frente a frente e fazê-los recuar, num legítimo e possante movimento de justiça e *revanche*. Tinha o rosto seco cavado, ósseo, com um nariz demasiado chato, a boca disformemente rasgada, de túmidos beijos revirados. Parecia à primeira vista um caso fisicamente teratológico, uma descendente direta dos antropoides. Fisionomia rudemente inestética e de um aspecto másculo, possuía, entretanto, uns olhos meigos e límpidos, e uma tal expressão de mansuetude e bondade que prendia a quem a via pela primeira vez e, principalmente, as senhoras e crianças. Analisando-se bem essa mulher, cujo moral tanto contrastava com o físico, pensar-se-ia que a Natureza a formara perfidamente, num desses seus raros mas terríveis e inexplicáveis momentos de dolorosa e pungente ironia. Era uma individualidade de uma índole naturalmente doce, plácida, superior. Temperamento expansivo e alegre, trazia um constante e sincero riso na boca, riso feliz de cordialidade e de amor para todos e que atenuava grandemente a sua imensa fieldade. Criatura constitucionalmente boa, era de um moral adamantino: a sua alma jamais conhecera a maldade, a traição, a perfídia, pois que era só afeto, dedicação e carinho. Organização externa aparentemente viril, e até com um singular pendor para vestir-se à masculina, essa mestiça era contudo, no íntimo, profundamente feminina: o seu pranto soltava-se, sentidíssimo, à menor repreensão e o seu peito alcanceava-se de funda amargura quando alguma criança que ela amava, algum “filho de criação”, acaso a tratava com indiferença e desdém, ou parecia lançá-la em abandono. Imperava nela, acima de tudo, essa afetividade levada ao último extremo e quase mórbida, que caracteriza a raça negra. Sabia relevar e esquecer, com incomparável generosidade, todas as ofensas que lhe faziam, ainda as mais fundas e graves. O seu nome significava bem o que ela era —

clemência: e a sua bondade e virtude, simples e obscuras, estavam integralmente simbolizadas nessa palavra expressiva. Na freguesia da Lagoa, onde nascera, em Prejibaé e no Saco dos Limões, sobretudo nestes dois arraiais, não havia pessoa mais popular, nem mais querida, em geral. A sua individualidade, cheia de qualidades afetivas, de múltiplas prestimosidades, profundamente serviçal, de uma alegria que podia dizer-se perene e quase intranstornável, quando aparecia numa volta risonha de caminho agreste, era extraordinariamente afagada pelas crianças e mulheres que de todos os lados a acolhiam num uníssono de amistosa bondade, umas e outras exclamando em júbilo: “Olha a madrinha! Olha a comadre!” Porque ela, naqueles lugares, contava, como ninguém, um sem número de afilhados e compadres. E eu a vi, muitas vezes, indo em sua companhia, ser assim leda e carinhosamente recebida, nesses pitorescos sítios insulares do meu Estado natal. Inteligente, sensata o muito arguta, embora analfabeta, era de uma atividade prodigiosa e não havia trabalho, nem investidura, nem incumbência doméstica, e mesmo de qualquer outro gênero, que ela não desempenhasse de modo completo, irrepreensível, cabal. Remava ou corria à vela numa canoa como o melhor canoeiro, agricultava um campo como o mais íntegro trabalhador de roça, montava a cavalo com a destreza de um peão. Arrojada para tudo, afrontava sempre o perigo com admirável sangue-frio e denodo. Nascera escrava e, como tal, servira a vários senhores; mas um dia, ocasionalmente, trazida por um irresistível, natural e legítimo impulso de deixar o cativo e libertar-se o mais depressa possível, viera parar ao nosso lar, como “abandonada”. Tornou-se então, desde logo, um excelente auxiliar de minha Mãe e como um desdobramento, ou uma segunda pessoa dela nas lidas da casa. Quando se fazia necessário um homem para decidir algum negócio de monta fora do nosso lar, era a Clemência quem ia, porque eu, o mais velho dos filhos, não tinha ainda dez anos, e meu pai vivia sempre no mar, no comando dos grandes paquetes da Linha do Sul, passando somente, de mês a mês, um ou dois dias com a família. E por isso, em todas as vésperas do grande dia de junho — desde que me entendi por gente até a época em que comecei a tirar preparatórios — lá partia eu na minha canoa, sob o comando da Clemência, para aqueles sítios vizinhos da capital catarinense, a buscar a indispensável “provisão de boca” complementar da tradicional fogueira querida desses festejos de S. João...

Voltávamos do Saco dos Limões ou de Prejibaé quase sempre pela tarde, a canoa carregada de pinhões, de melado e rapadura, de grandes e grossos feixes de canas miúdas, dessas que são tão sumarentas e tenras que a gente chupa mesmo com casca, tendo apenas o cuidado de as raspar de antemão, ligeiramente a canivete ou à faca. Descarregada a canoa pela Clemência, eu corria logo a tratar dos fogos e da barrica de alcatrão para a grande fogueira.

Na mesma quadra da nossa casa — à rua do Príncipe, a principal do Desterro — tendo apenas de permeio um sobrado, ficava a loja do velho Antônio Mâncio,

antigo tenente-coronel da guarda nacional e rico negociante de ferragens, que, já em idade avançada, poucas vezes ali aparecia, deixando tudo entregue a um de seus filhos e sócio, o João Cantalício, então um belo rapaz moreno e pálido, de vinte a vinte e dois anos mais ou menos. Essa loja do velho Mâncio foi um dos mais agradáveis pontos de atração do meu espírito, dos sete aos dez anos de idade. Depois do colégio, quando não saía a excursionar pelo mar na minha querida *Estrela*, era para essa casa de negócio que eu me encaminhava, levado pela gentileza e bondade bem acolhedoras do Cantalício, pelo encanto dos numerosos pássaros canoros (uma das minhas mais vivas predileções de então) que ele tinha, em numerosas e lindas gaiolas de arame, e, muito particularmente, talvez pelos artigos e coisas concernentes a navios que se vendiam na loja, tais como cabos e poliame de toda a ordem, folhas de cobre, lona, breu, estopa, alcatrão, verniz colar, fios de vela, agulhas de palombar, dedais para costurar velame, remos, croques, forquetas, arrebém, passadores, macetes para forrar cabos, bigotas, malaquetas de cobre, ferro e pau, sondareza, agulhas de marear, barômetros, barquinhas *patent*, cronômetros, bandeiras, sinais, faróis e mais uma infinidade de sobressalentes náuticos. Quando eu me não entretinha, horas e horas, a ver e remexer tudo isso, numa nervosa e insaciável curiosidade infantil, com absoluta tolerância do jovem associado da casa, tolerância de que não raro eu teria abusado, suponho — ia abancar a uma pequena mesa de escrita, destinada ao caixeiro para lançamento de notas, mesa que se achava colocada no grande salão contíguo à sala da loja, que servia de depósito de cabos e mais objetos de navegação e, aí, em pequenos cadernos fornecidos pelo próprio Cantalício, punha-me a traçar a lápis ligeiras paisagens e “marinhas” (pois que já nesse tempo desenhava e já tirara o primeiro prêmio de desenho de figura na Aula do Manuel Margarida, um obscuro mas hábil pintor provinciano) ou a copiar, para ter comigo no bolso, os versos mais conhecidos de Casimiro de Abreu e de Castro Alves, cujos volumes das *Primaveras* e das *Espumas flutuantes* o moço comerciante muito prezava...

Dirigindo-me à loja do Cantalício, apenas chegava do mar, eu volvia instantes depois, carregado de uma variedade de fogos que minha Mãe me autorizava a comprar e que eu escolhia sempre três ou quatro dias antes da véspera de S. João: eram pistolas de doze ou dezesseis tiros, rodinhas-de-fogo, fogos de bengala e de salão, busca-pés, cartas de bichas, foguetes do ar, etc. À tardinha, então, é que vinha a primeira barrica de alcatrão — pois eram duas, a da véspera e a do dia — rolada pelo pardo Teodoro, criado da casa do velho Mâncio e nessa época servente da loja, mas que depois estranhamente a deixou para se fazer sacristão. O Cantalício, pelas relações de amizade com a minha família, presenteava-me sempre com alguns fogos: e era com esses que eu mais jubilava porque eram meus, só meus, e podia queimá-los quando me aprouvesse, às porções e à farta, com essa tão conhecida e natural propensão das crianças para acabar, ou melhor, destruir tudo de uma só vez e num

instante. (A Ciência moderna bem diz que a criança não é nem nunca foi o anjo que metafisicamente todos, em geral, querem que seja, mas única e perfeitamente um selvagem: assim ainda hoje, na infância, à maneira do que se dá com a embriogenia humana, relativamente à evolução zoológica, se repete a vida do homem primitivo, desde o primeiro alvorecer da sociedade até à plena civilização!)

Após o jantar, quando a última claridade dourada do crepúsculo se afogava na cinza negra das ave-marias, a Clemência que, com a sua admirável atividade, tinha socado de lenha a barrica de alcatrão — já colocada ao centro da rua, em frente à nossa casa — prendia-lhe logo com uma estopa embebida em querosene: e a nossa fogueira de S. João começava a crepitar, alegre e esplendorosamente, com as suas altas e inquietas labaredas vermelhas que purpureavam vivamente as paredes dos prédios próximos, iluminando quase todo o quarteirão e derramando, em torno, na grande noite de junho (ora límpida e enluarada, ou estrelada, ora enevoadada e ameaçando mau tempo, mas sempre varrida de um vento fresco e cortante) um delicioso e confortável calor de lareira.

A Clemência, como uma Luíza Michel mulata, porque, com a densa e curta cabeleira anelada, a cara óssea e viril, o ar decidido e arrojado, muito se parecia com a célebre comunista francesa que combatera vestida de homem nos fortes e ajudara a incendiar os edifícios públicos de Paris e que eu vi um dia, em menino, em companhia de meu pai e do vice-cônsul de França Domingos Livramento, em julho de 1871, ao lado de Rochefort, o leonino ex-diretor do *Mot d'Ordre*, e no meio de uma multidão anônima de outros revolucionários da Comuna, a aquecer ao sol de uma fria manhã hibernal no convés da fragata *Virginie*, fundeada então na baía do norte de Santa Catarina, em viagem para a Nova Caledônia; a Clemência soltava então a primeira meia dúzia de foguetes do ar, gritando jubilosamente “Viva S. João!” ou cantando e com estardalhaço a antiga e conhecidíssima quadra:

*Se o bom S. João soubera
Quando caía o seu dia,
Viria do céu à terra,
Grande milagre faria.*

Já em a nossa sala de visitas, toda iluminada, como os demais cômodos da casa, meninas e moças da vizinhança enxameavam, de envolta com minhas irmãs e minhas primas, em festivas e adoráveis risadas. Pelas 8 horas, fechadas as lojas de negócio, chegavam o Cantalício e meus primos, empregados no comércio, e mais ninguém, porque não havia convidados, porém, somente gente íntima e de casa. Então, o nosso lar tornava-se “um verdadeiro céu aberto”, como dizia, radiosa, minha Mãe.

E a primeira queima de fogos começava; em cada uma das três largas janelas da sala, moços e moças, numa alegre e vivíssima algazarra, acendiam pistolas e as apontavam para o alto, por sobre os telhados dos prédios térreos fronteiros. Jorros seguidos de fogo de ouro abriam-se logo, em iluminantes cascatas de fagulhas, arremessando ao ar, em cada tiro ou disparo, bolas de chamas azuis que, semelhantes a meteoros, ou estrelas cadentes, descreviam, no Espaço escuro, estrelado ou enluarado, ígneas e rápidas trajetórias aéreas, que só duravam segundos...

Enquanto isso, eu, de pé, à porta da rua, de sentinela à fogueira — que era o meu grande e incomparável encanto em todos esses festejos — secundado pela Clemência (que ora estava a meu lado, ora em voltas domésticas no interior do nosso lar) distribuía canas, rapaduras e pinhões cozidos ao rapazio endiabrado e gritador da vizinhança, aos pretos do ganho e aos catraeiros do tráfico, que de toda a parte afluíam e se adensavam, em chusmas, em torno à fogueira, pedindo, em prazenteiros e ruidosos vivas ao santo e ao dono da casa (aliás quase sempre ausente e bem longe sobre as ondas do mar, em o vapor do seu comando) as costumadas dádivas de S. João. E quase ao mesmo tempo que isto fazia, soltava eu foguetes do ar, busca-pés, rodinhas e numerosas cartas de bichas, estas últimas medidas todas numa lata vazia de querosene e espocando numa fuzilada infernal. De vez em quando, queimava também, à uma, três e quatro fogos de bengala que abriam, no encontro esbatido e harmônico de suas variadas cores luminosas — verde, roxo, escarlata e azul — como um vago e admirável clarão de aurora boreal, que dava às pessoas, às casas, à rua e ao céu um aspecto feericamente radiante, magnificente, fantástico...

Após essa primeira queima de fogos sucediam-se outras e outras, espaçadamente, sendo preenchida cada pausa ou intervalo por pequenas sessões de consultas ao Destino, sacudindo-se dados e folheando-se livros de sortes, sendo o ledor-mor da noite o Cantalício, a quem as moças assediavam às vezes, ruidosamente, com pequeninas e graciosas reclamações ou queixas, quando as sortes saíam desconstradas de suas aspirações ou desejos íntimos, saturadas de ironia e humorismo, ou cheias de galhofa, sortes estas que elas atribuíam ao espírito gracejador e improvisador do rapaz, dizendo-lhe numa adorável balbúrdia:

— Não é esta! não é esta! O sr. enganou-se. Qual! Não é possível! Isso não passa de invenção sua!...

Ele desculpava-se a rir, afirmando a verdade, mostrando-lhes o livro, apontando o assunto escolhido, o número da página e o da quadra que os pontos dos dados haviam indicado. Elas, porém, protestavam ainda, repetindo a esplêndida matizada de reclamações e risadas...

Depois tinham lugar os jogos de prenda, recitações e cantos ao piano, e variadas marcas de dança, com que sempre findavam os festejos, já por alta madrugada, quando da grande fogueira festinante não restava senão um montão de tristes cinzas, através as quais o vento álgido de inverno revivia, às rajadas, um círculo de brasas de ouro a despedir ainda um derradeiro e fugidio clarão de alegria...

Na noite seguinte se produziam de novo os mesmos fogos, sortes, jogos, cantos e danças, com igual senão maior alacridade e folia. A criançada das proximidades vinha outra vez receber, ruidosa e gulosamente, os seus quinhões de canas, rapaduras e pinhões, tanto como os pretos do ganho e a marujada em festa, todos aos gritos expansivos de “Viva o S. João para o ano!” Os vizinhos, como na véspera, ficavam até tarde, debruçados à janela, a ver a nossa linda fogueira, os rostos espiritualizados de uma viva expressão de júbilo e batidos pelo clarão rubro das chamas...

Que feliz e festivo foi outrora, no doce lar de meus pais, o dia de S. João!...

Rio, 21 de junho de 1903

TRISTE CARTA

Ao capitão-tenente Rodolfo Ribeiro Pena.

A luz de ouro da tarde entrara já a esmaiar no alto, pela porta do rancho, quando o Lucas, depois de arrumada a roupa que estivera a cosicar, pegou de um pequeno maço de cartas e desdobrou uma, cujo papel já muito amarrotado e encardido indicava bem as vezes inumeráveis que andara a rolar nas suas mãos rijas e calosas de marujo. Recebera-a havia um ano, em um dos portos de escala em que tocara o patacho. Era de sua mãe e ocupava-se quase exclusivamente de coisas que faziam o encanto da sua vida e a maior preocupação da sua alma.

Dentre as raras missivas que tinha recebido naquela viagem, era essa, sem dúvida, a que mais adorava, porque em suas linhas tortuosas e trêmulas sua mãe lhe falava mais longamente da Laura, uma trigueira rapariga do campo que por uma linda noite de maio, na festa da Cruz lhe cativara o coração com os seus negros olhos fascinantes. E como era essa a última carta que lhe chegara de casa, lia-a constantemente, nos vagares de bordo: e para isso enclausurava-se no rancho, mesmo nos dias festivos em que os companheiros baixavam à terra, a folgar.

Desde que deixara o Recife onde o navio tomara um frete para Havana, que não recebera mais notícia da terra natal, não obstante ter escrito à sua mãe, comunicando-lhe tudo isso, na antevéspera da viagem. Demorara três meses nas Antilhas e sempre a mesma ausência de notícias, lá, como naquele porto da Pátria, onde se achava agora fundeado o Patacho.

Começaram então a surgir-lhe no espírito desconfianças, dúvidas, pressentimentos e apreensões de toda a ordem sobre o que teria sucedido à sua mãe e à Laura, sobretudo a esta, — desconfianças e apreensões que só naquelas leituras suaves deixavam de excruciar-lhe tão intensamente o coração como quando, com o pensamento desocupado e ocioso, se entregava de todo às tristíssimas conjeturas dessa, para si e para todos que nela acaso se veem, bem penosa situação.

E assim, naquele dia — um belo domingo de sol — deixara partir para a Alegria e as mulheres os seus camaradas, enquanto ele, sozinho e soturno, no isolamento da sua alma amantíssima e saudosa, prazia-se em contemplar e beijar, no fundo do seu beliche, aquela carta adorada.

Virava e revirava o papel cujas dobras, em certos pontos, entravam já a rasgar-se, soletrando devagar as palavras, na ternura embaladora do seu profundo afeto. Lia-o, relia-o sucessivamente, mal a última frase escoava, e só

interrompia a leitura quando o sentido ingênuo e simples da narração se lhe baralhava no espírito, subitamente misturado e fundido às imagens recordativas das coisas passadas, turbilhonando-lhe na alma assim tumultuosamente evocadas.

Suspirava então, por momentos, respirando forte — e pousava risonhamente, como agradecido ao Destino ou a Deus, os seus grandes olhos negros em uma nesga azulada do céu da tarde, que se mostrava resplandecendo serenamente lá em cima, muito alto e de um cetim delicioso, por entre os mastros e cabos. Depois, volvia outra vez à obsessão inebriante daquela leitura cara...

Mas a luz afrouxava pouco e pouco, e a sombra crescente ia enoitando nostalgicamente os recantos afastados do pequeno ângulo de proa, onde já se sumiam na treva as três ordens de beliches, que corriam aí, às amuradas, como um velho mostrador de tasca.

O Lucas, com um último suspiro melancólico, dobrou a carta, enrolando-a, com as outras, no pequeno maço, que tornou a atar com um fio de vela; e ia recolocá-lo no escaninho da caixa, quando um outro embrulhinho querido saltou-lhe à vista, em uma recordação inefável.

Apanhou-o logo, carinhosamente. E como a claridade ausentava-se, fugindo pela abertura do rancho, veio postar-se aos primeiros degraus da estreita escada de pinho que levava ao convés. Aí, sob a luz vespéral abrindo já pelo céu o seu pálio de lilás, beijou três vezes o pacotinho precioso e entrou a desatá-lo. Eram as pétalas murchas de umas flores que lhe dera a Laura, ao trocarem o adeus de despedida, numa manhã de partida em que as famílias da sua freguesia natal, na faina das pescarias de junho, coalhavam alegremente as praias. Dessa manhã radiosa ficara-lhe perenemente na alma o deslumbramento de uma grande felicidade.

Nesse dia, mal chegara a bordo, correra a colocar à cabeceira do beliche essa lembrança adorada. E só uma semana depois, no mar alto, quando as flores se fanaram de todo, em meio aos vaivéns e emanações salitrosas das vagas, é que ele, amorosamente e com os olhos marejados de lágrimas, as foi guardar na pequenina carteira de lona, onde trazia piedosamente, como uma efígie sagrada, um retrato de sua mãe. Sempre que tocava nessas pétalas secas, já quase despedaçadas de tanto lhe rolares nas mãos e de tanto serem beijadas, sentia como um êxtase de ternura algemá-lo aquele recanto da proa, onde erguera o seu sacrário.

E por isso ali se detinha agora a rever docemente as relíquias do seu amor, ajoelhado diante da larga caixa de pinho, em cuja tampa erguida e dentro de

um florão rude de arte, uma galera corria sobre uma esteira de espuma, com as gáveas enfunadas.

Estava ainda embevecido na contemplação dessas lembranças amadas, quando uma voz ecoou lá em cima, para os lados da popa.

— Ó de bordo! Alô! que bote vai à garra...

O grito passou, sobre a porta do rancho, as últimas sílabas despedaçadas na rajada do vento.

O Lucas atirou logo a carteira para o escaninho, fechou a caixa de pancada e galgou a escada. No convés, para não dar uma volta muito grande, saltou o molinete em direção ao portaló. Aí, com as mãos num brandal e em pontas de pés, porque a borda era alta, procurava descobrir o bote, quando outro grito estalou, rente à escada, meio aflito e choroso:

— Ó da proa! Olha uma bossa depressa!... Uma bossa pela popa senão vamos água abaixo...

O Lucas, reconhecendo aquela voz, correu então para o alto, e, agarrando o chicote de um cabo que ali estava de rojo, jogou-o à água gritando:

— Aguentem, rapazes, que lá vai o virador!...

O virador sibilou por momentos, indo cair sobre o mar, em inúmeras duchas sinuosas, como um réptil monstruoso: e o escaler apareceu, descaindo na corrente, junto ao espelho da popa.

Era o bote de bordo, que fora pôr em terra o piloto, e que, já de volta, ao atracar ao patacho, ficara preso da vazante, por esse tempo de uma tal velocidade, naquele porto, que levava muitas vezes barra fora as pequenas embarcações. Depois só quem conhecia o local podia atracar com segurança. Mas os remadores do bote eram “marinheiros de primeira viagem”, o Luís e o Leão — dois rapazes de treze anos, inexperientes e que não conheciam o mar senão nas suas costas do sul, onde, de menino, cruzavam constantemente as ondas em pequenas canoas e lanchas.

Os dois, ao fazerem a atracação, em vez de encostarem à proa do patacho, deixaram o escaler cair demasiado à ré, e de tal modo que, entregues ao poder da correnteza, apesar de apertarem as remadas, não lograram alcançar o costado, metidos no recôncavo do leme, onde as águas remansavam. Anoitecia, porém, e eles, cansados já e sem forças, receando o turbilhão que fatalmente

os arrastaria barra fora, entraram a gritar pelo Lucas, que estava ao momento no rancho.

Ao verem o cabo, os dois pequenos apegaram-se rijamente a ele e, dada uma volta com o chicote ao arganém de proa, alaram o bote para vante. Quando chegaram à altura do costado onde se arqueavam os turcos, o Lucas, safando as talhas para içar o escaler, disse-lhes gracejando:

— Ó seus lorpas, para outra vez mais sentido! Olhem que isto aqui não é tresmalhão!...

E, volveu para o salto, a rir-se muito com os seus dentes brancos.

Içado o bote, enquanto o Luís dava volta às talhas, o Leão tirou dentre os embrulhos que trouxera de terra um estreito envelope azulado e foi levá-lo ao Lucas, que, de pé sobre a borda, começava a ferrar o toldo. Como o Leão lhe estendesse a carta, largou por instante o trabalho e, o rosto radiante de júbilo, abrindo o sobrescrito, que reconheceu ser de sua mãe, entrou a soletrar nervosamente, para si, em silêncio as primeiras palavras.

Mas os rapazes, ao outro bordo, abafavam já o toldo, que bojava na retranca com o seu ruge-ruge de lona.

O Lucas então meteu a carta no bolso, para a ler depois, com vagar, no recanto remansoso do rancho.

E apressava o serviço, lidando destramente com o pano, numa disposição que lhe acendia no peito toda a alegria dos seus vinte e três anos...

Daí a pouco, dada a última vista de olhos ao convés e à câmara, desceu a escada de proa, solfejando à meia voz a primeira quadra do *Adeus do Marujo*, fitando alegremente as estrelas que vinham já entretecendo no Azul um crivo escuro flamante.

Embaixo, mandou que os rapazes se arrumassem e abrindo o pequeno depósito de objetos de bordo que ficava contra a antepara de ré, tirou dele o farol do rancho. Mal o acendeu, colocou-o num travessão ao centro, dirigindo-se para o beliche, a cantar ainda vagamente uma estrofe da canção:

*“Ala braços! caça a escota
Aproveita a viração!
Acompanha-me, Saudade,
Já que vou sem coração!”*

E inclinando-se, arrastou a caixa até ao pé de carneiro, onde ardia o farolim: tirou a carta do bolso e, arrojando para longe o cigarro, recomeçou a leitura que deixara apenas encetada.

De repente estacou, levantando a cabeça — a face lívida, os olhos desvairados. Fixou a luz por instantes, as pupilas duras, os cílios sem movimento. Parecia acometido de uma loucura súbita, com a carta fechada nas mãos. Tremia todo, numa ânsia. E lágrimas silenciosas fluíam-lhe das pálpebras, tristemente...

Ficou assim muito tempo. Depois sacudiu os ombros vagamente, como na aceitação resignada de uma grande dor, de um golpe sobre-humano. No entanto, talvez ainda incerto da verdade, baixou de novo a cabeça e tornou a ler a carta. A soletração saía-lhe agora numa gaguejada e soluçada convulsão... Mas não pôde prosseguir e, erguendo-se de um salto, como um leão ferido, o papel amarrotado entre os dedos, atirou-se para a tolda gritando:

— Jesus! Jesus! Que aflição!...

Era a carta que lhe trouxera a notícia esmagadora do casamento da Laura com um capitão de navio, havia quatro meses. Sua mãe lhe narrava aí, com essa lógica genial e lacônica que as mulheres têm, sempre, quando inspiradas pelo sentimento, a história mortificadora daquela traição.

O Lucas, a princípio atordoado, mal pudera acreditar na veracidade daquelas linhas trêmulas; mas, lendo-as e relendo-as ainda, compreendeu por fim toda a sua desgraça. E, alma ingênua e primitiva, como um louco e sem poder conter-se sob os destroços do seu amor, repentinamente desfeito, saltou para a tolda, levado numa rajada de desalento e de angústia.

A treva já havia cerrado de todo. A brisa fresca da noite como que o acalmou por instantes. Encaminhou-se então para um recanto do castelo e, debruçado da borda, numa saudade inexprimível da Amada, agora perdida para sempre, rompeu a chorar outra vez, diante do imenso Oceano e sob a grandiosa abóbada do Firmamento, àquela hora, e como nunca, resplandecente de estrelas!

NO MEU SÍTIO NATAL

À ilustre poetisa catarinense D. Delminda Silveira

A minha vida, há anos, expandiu-se alegre e feliz. Era o dia da festa do Espírito Santo no lugar onde nasci. Domingo assim, como esse, delicioso e inefável, jamais eu o passara na província, e dele me ficou, no espírito, uma lembrança indelével.

Fora à luz fria e lívida de uma aurora de começos de inverno que eu tornei a avistar, emocionado, depois de três lustros de ausência, a esmeraldina e majestosa planura dos campos de Canavieiras, saindo, fresca e pitorescamente salpicada de líquidos diamantes de orvalho, da espessura *esfumatura* alvadia da bruma alvoral e do arrepio gélido do rio, que a atravessa de norte a sul em rútilas sinuosidades infindas, espelhando o céu azul.

E, galgando, à pressa, a rústica ponte de madeira que une as duas margens do Ratoes em toda a largura da velha estrada real que aí deixa os empinados pedregosos e barrentos das colinas de Morretes para ampliar o seu pavimento coleante das verdes planícies risonhas do Bom Jesus da Várzea, — eu caminhava a passo estugado e seguro para a casa da tia Josefina, uma santa de bondade e virtudes, e que era a esposa amantíssima e muito amada de um irmão de minha Mãe.

Embalado pela cadência da marcha e confortado já por uma forte circulação que desfazia agora o entorpecimento e gelidez da longa inação em que passara toda a noite, subindo o rio, mal acomodado e numa só posição no fundo estreito e úmido da pequena canoa, pascendo os olhos longamente sobre a imensa e possante Natureza e sobre cada humilde e frágil habitação — eu recordava, saudoso, os meus irrequietos dias de infância, consumidos ali, a estrafegar em correrias ingênuas, desenfreadas e loucas, ou em assalto às frondes de árvores e aos ninhos por aqueles campos e montes. Já lá se iam quinze anos, mas não mudara o aspecto das coisas!

A casa que fora outrora de meus pais, cercada de laranjeiras e cafeeiros tufados com o engenho da farinha ao pé, branca e risonha na loura luz da manhã, dessa gloriosa manhã de junho, cortada do bom cheiro agreste e saudável das ameixeiras, com as suas folhas de verde escuro e os seus frutos dourados e redondos, fazendo lembrar uma grande vestimenta verde, e semeada de guizos, de algum gigantesco arlequim que se houvesse imobilizado numa atitude firme e aprumada de soldado — bulhava e ria pelas suas janelas abertas, penetrada de calor e de luz, numa ampla satisfação de animal tolhido e friorento que saboreia, estirado, a morna carícia do sol.

Os outros lares, na maior parte compostos de casinhas vermelhas, mal acabadas, de paredes feitas de um barro cuja fragilidade se mostra em risquinhos tremidos de miríades de rachas onde se veem, bem fundos, os sulcos das mãos que serviram de improvisada colher de pedreiro na sua construção — dir-se-iam espiar, escondidos, como pessoas acanhadas que não querem ser vistas, o largo e acidentado caminho do sítio, dentre grossas e altas touceiras de bananeiras cujas folhas, largas e tenras, o vento tesoura em franja.

Grupos sonoros e coloridos de mulheres e crianças, excursionavam a pé até a freguesia, linguarejando e rindo forte, à monótona cadência dos tamancos que batem nos calcanhares. E famílias mais abastadas, vindas de longe, apinhadas sobre o estrado dos carros, enfeitados e cobertos com colchas vermelhas de chita, que juntas possantes de nédios bois luzidios arrastavam lentamente pela estrada, sob a ramagem dos espinheiros floridos — passavam, amolentadas pelo tédio, amarrotadas, ensonadas e bocejantes, na lentidão e no chiado fastidioso e nostálgico dos veículos.

Rapazes, entre vinte e trinta anos, de rosto quieto pelas largas soalheiras apanhadas nas roças e nas praias, exibiam-se ante as belas raparigas palmeiras, socadas de ombros e de grossas cinturas carnudas, fazendo saltar e atormentando a relhaços, num entusiasmo prosa de matuto, os seus ossudos e magros cavalos enlameados que enchiam de galopes e rangidos de arreios novos todo o percurso da estrada.

No adro do templo, de onde se avista às vezes, muito longe, a branca alegria de uma vela latina palpitar sobre o mar que faísca ao sol — alinhavam-se festivamente, na direção da porta principal aberta ao lado esquerdo da pequena torre caiada, cuja agulha negra e de ferro demandava risonhamente o Azul, dois renques de esbeltas palmeiras, cheias de festões de flores, mas desviçadas já pela luz e os ventos, e que desciam ladeira abaixo até uma grande barraca de lona onde se leiloavam frutas e massas a grandes berros roucos.

Em meio à multidão, acumulada em redor na vasta praça quadrada erguida ao fundo em outeiro e onde domina plenamente o alto cruzeiro negro abrindo os braços no céu — a bandeira escarlata do Divino, com a haste elevada em triunfo, entre as mãos possantes e grossas de um roceiro de opa, balouçara solenemente à brisa fresca dos campos, coroada pela Pomba Espiritual que, de asas puras abertas, alvejava no tope altaneiro, abatendo-se ou pousando, de momento a momento, sobre aquele mar de cabeças, para receber os beijos devotas das crianças e velhos, dos rapazes e moças, por entre o seu glorioso, pendão de fitas multicores. Em torno rufava alegre o tambor, enquanto, o coro rouco dos foliões esforçados lançava ao ar, com fervor, as notas arrastadas e trôpegas de um antiga melopeia cristã.

Às ave-marias, às chamas rubras e saudosas das fogueiras de grandes toros, espancando a treva e o frio no adro com os seus largos e ardentes clarões triunfantes, novena rezada engroladamente pela voz grossa e de *basso* de um padre gordo e preguiçoso, de cogote curto e em rosca, o rosto rosado e fresco como o de um querubim de painel conventual.

E mais tarde, pelas 8 horas, as voltas e viravoltas na praça, em redor da vasta barraca de lona, iluminada por coloridos lampiões de papel, de elementar e tosca fatura roceira, à frouxa luz dos quais os namorados audazes beliscam furtivamente o braço roliço das cachopas amadas, que não gritam nem se queixam às mães por estarem ainda gozando as saborosas amêndoas e broas que a gente compra em tumulto, por entre os fortes apertões do povo, logrando as pretas doceiras do adro...

Depois, a desoras, começa a enorme debandada ou êxodo das gentes recolhendo aos seus lares, próximos ou distantes, ao longo de caminhos e atalhos que meandrosamente se estendem, por entre pautas de murmurosas ramagens, pelas planícies e morros. Os moradores daí da freguesia, da Rua Velha e de Morretes somem-se logo em suas habitações caindo, após a ceia costumada, no seu pesado sono aldeão que termina, sempre, intransornavelmente, quando na misteriosa e melancólica solidão da Natureza em penumbra começam a desenhar-se luminosamente, a leste, as primeiras barras do dia, ou quando, no céu ainda de um azul ferrete mui denso, se destaca, como uma aérea e gigantesca sempre-viva de ouro, soberana em splendor, entre os demais astros, a gloriosa Estrela da Manhã.

Mas os que vieram da Várzea, do Rapa, dos Ingleses, do Rio Vermelho e das Aranhas, esses se espalham agora pela estrada real e pelos atalhos e trilhas, avançando para as casas nas suas prodigiosas marchas a pé, nos seus matungos trotadores ou nos seus morosos e rechinantes carros de bois. Em algazarra incessante e festiva, em risadas ou em cantigas sonoras e símplices — às vezes em ambas as coisas ao mesmo tempo — esses álacres bandos de romeiros são recebidos, em frente de cada habitação, pelo latir desesperado e raivoso dos possantes molossos guardadores de gado ou dos zeladores cães de vigia, que, entretanto, não ousam sair ao caminho, entrincheirados como estão entre as sebes dos terreiros fechados pelas porteiras. A essa hora, a lua que surgiu cedo descamba já para oeste ou então, se surgiu tarde, galga serena para o zênite, abrindo sobre a Terra a sua imensa, transparente e luminosa umbrela fina de linho. De instante a instante, um silêncio mais alto cresce e pesa sobre os campos. As risadas e a doce e saudosa toada dos cantares matutos vão, pouco a pouco, recuando para além. E no adro da freguesia onde a igreja se ergue, cheia de mistério e silêncio na solene e apavorante atmosfera mística que sempre e por toda a parte envolve os templos pela calada da noite — as grandes fogueiras de toros expiram lentamente, sobre um denso montão de cinzas que

o sopro gélido do vento revolve de quando em quando, revivendo ainda nos tições carbonosos vagas brasas vermelhas que, apagando-se e acendendo-se iluminam agora fugidamente o cruzeiro, como grandes reticências de sangue...

Rio, fevereiro de 1902

O PEQUENO A BORDO

A Justino de Motalvão

A tarde lenta declinava. Esmacia a luz de amarelo rútilo, pelo céu e sobre as águas. Nem o doce triângulo de uma vela, nem as alígeras e alegres asas queridas dos pássaros marinhos, nem a tufada silhueta em crivo de uma ilha risonha ou o longínquo e saudoso recorte branquejante de uma costa continental se desenhavam de leve na deserta e desolada amplidão do Atlântico. Era entretanto na altura dos ermos litorais saarianos da África, mas já ao mar muitas milhas e deixadas para trás as grandes calmas da Linha. Vagas altas e espaçadas rolavam, umas após outras, incessantes e sem fim, como imensos zimbórios rugidores de esmeralda líquida, aqui e além mosqueados de alvas espumas ferventes.

A barca corria numa cochada bolina. Com todo o pano caçado, apesar da rija corda de sudoeste berrante, avançava para o sul, às bordadas contínuas, em demanda do Brasil.

Àquela hora, em cima no convés e tombadilho do navio — um belo veleiro e forte casco algarvio de Faro que já andara na carreira da Inglaterra, da Austrália, do Canadá, do Báltico, do Mediterrâneo e da Itália — toda a pequena tripulação, dividida em dois ranchos, de seis homens cada um, esparecia satisfeita, de mistura com a gente de quarto, estirada sobre o castelo abaulado e debruçada às bordas oscilantes que as vagas lambiam, a gozar as ociosidades e prazeres do bom tempo que trazia a *Gaivota* desde a saída de Lisboa e que, com as magnificências radiosas dessa primeira tarde tropical no hemisfério do sul, se tornavam irresistíveis mesmo àqueles que tinham velado toda a noite, sob o largo e alvo velame enfunado, à luz de ouro das estrelas, tão amigas das almas marujas que, através o sugestivo silêncio espiritual das noites sem névoa ou borrasca, constantemente as amam e fitam enternecidas, na saudade e nostalgia do seu povo, da branca igrejinha festiva em que foram batizados, da sua aldeia natal e dos seus entes queridos.

Isto passava-se à proa. À ré, sobre a espaçosa tolda muito límpida onde se erguia a meia laranja radiante de metais recortados e polidos, o homem de governo, olhando as velas e a bússola que se erguia diante dele numa pequena coluna cilíndrica de ferro de um metro de altura e coroada por uma caixa dourada circular, a bitácula, fechada por espesso e largo vidro de cristal — fazia girar de vez em quando a roda do leme, aproveitando bem a bordada e mantendo o rumo do navio. O piloto, ao lado, dirigia a navegação, repartindo todos os seus cuidados e olhares, toda a sua atenção e pensares, não só pelos recantos gerais do frágil lenho oscilante, como pelo Firmamento e o mar. Um pouco avante, contra o portaló, a bombordo, meio voltado para a alheta, o

contramestre, com as mãos erguidas à altura dos olhos, assestava o óculo para além, para os lados nevoentos do horizonte a nordeste, por onde, havia três dias, se haviam saudosamente sumido as Canárias, com as suas ilhas pitorescas — Teneriffe, Fortaventura, Lancerote, Ferro, Las Palmas. E o capitão, como nenhuma novidade surgia e o tempo se mantinha seguro, descera ao camarim do comando a escriturar o *Diário Náutico*, pôr o “ponto” na carta, marcar as coordenadas do navio.

Nesse instante, o moço da câmara, saindo dentre vante do mastro do traquete, tendo nas mãos uma gaiola de arame, onde um lindo canário belga trinador saltitava alegremente, cor de ouro e cor de sol, aproximou-se da amurada para sacudir os resíduos de alpista que salpicavam as tábuas do fundo e comedouro — quando, num balanço mais rijo do casco, inopinadamente, a gaiola escapou-se-lhe dos dedos, rolando logo nas ondas. Rápido, agarrando de um croque, saltou para a mesa das malaquetas que pautava a borda proa à popa, e foi sobre ela a correr, brandindo com destreza o pequeno aparelho náutico, para ver se apanhava a gaiola com o seu querido canário. Já ia quase a transpor o portaló, mas todos os esforços eram embalde: a gaiola voava na singradura da barca e ameaçava ir a pique. Então, estabandamente, e sem mais querer ou poder refletir, como um louco, no desespero ansioso de ver perder-se para sempre e ali morrer sem socorro o seu pobre passarinho — jogou-se audazmente aos vagalhões, sem ao menos tirar o grosso jaquetão que vestia.

Quase ao mesmo tempo a equipagem de proa, que seguira a princípio com júbilo a traquinada do pequeno (um perfeito ginasta) pois se acostumara desde muito a tantas outras que ele de contínuo fazia, apreensiva e emocionada de repente com aquele inesperado arrojo do rapaz às vagas, arrojo que lhe parecera antes uma queda — gritou forte para ré:

— Gente ao mar! Gente ao mar, *sor* piloto!

O contramestre, que era o tio do menino, pousou de chofre o óculo na gaiuta e precipitadamente apanhando um salva-vidas, que arrebatou ao jardim dos balaústres, atirou-o impetuosamente ao mar, popa fora. Mas, como estava bom tempo e o sobrinho nadava como um peixe, pouco se impressionou com aquilo.

Apenas ouviu o grito da maruja, o piloto, chamando marinheiros a postos, mandou bracear vergas baixas, fazendo atravessar o navio para uma pronta virada de bordo. A *Gaivota*, porém, levava um grande seguimento, na sua cochada bolina, e, quando entrou de vez na virada, já o pequeno tinha ficado para trás muitas milhas.

Com a matinada da manobra o capitão surgiu imediatamente no tombadilho, mandando prestamente safar o escaler dos picadeiros e engatar as talhas dos turcos, para o arriar no momento oportuno, quando a barca enfrentasse o Pedrito, — tal se chamava o robusto rapazola da câmara do belo casco algarvio.

Entretanto, nesta pequena e angustiosa singradura de socorro, o navio passou muito longe do pequeno, em virtude da violência das águas que o sudoeste duríssimo impelia para o quadrante oposto, como uma bala, com rapidez incrível. Mas o Pedrito, possante e intrépido nadador que era, na força ascendente dos seus quatorze anos sadios, bracejava animadamente ainda contra os gigantescos torvelinhos das águas e parecia agora, pela distância e o maroiço bravo, um pequenino ponto negro boiante, que já mal se avistava de bordo e que rolava e fugia para além, para além, sobre a crista espumante das ondas.

O capitão mandou atravessar e aproar novamente para ele. E ainda outra vez, com profundo desânimo para toda a companhia, apesar da prontidão das manobras, o navio não logrou alcançar o Pedrito, que cada vez flutuava mais longe, mais longe...

Já os vivos dourados flamantes do sol desbotavam pouco a pouco a oeste, enquanto a vasta faixa oriental do horizonte se encinzava tristemente. Parecia que no alto Espaço azulado se ia imperceptivelmente esfolhando toda uma doce floração de lilases e lírios. E o infinito e desolado oceano cambiava também lentamente a alacridade azul celeste das suas águas num azul ferrete, muito denso, lúgubre e sinistro.

Agora, a bordo da *Gaivota*, uma imensa aflição e tristeza esmagavam os corações. O desalento era geral. Ninguém tinha mais esperança de salvar o pobre Pedrito. E o velho contramestre, de pé contra borda, não cessava um momento de olhar o pequenino ponto negro boiante, onde se lhe ia agora a própria alma, dilacerada e vencida sob uma angústia sem nome: as lágrimas saltavam-lhe dos olhos duas a duas, rolando-lhe após pelo seu venerando rosto septuagenário, que o sol e a idade haviam conjuntamente queimado e pergaminhado, em meio de incomparáveis emoções, durante os seus longos, ermos, trabalhosos e tristes anos de mar...

A aérea poeira carbonosa do crepúsculo aumentava de instante a instante, com o desaparecimento derradeiro dos últimos dourados do sol. E assim nada mais foi possível distinguir sobre as águas, que o sudoeste cada vez mais intensamente sublevava às rajadas.

Também agora se tornava impossível, e mesmo vão totalmente, atrasar por mais tempo a derrota da barca. Acesos os faróis, que lançavam sobre as vagas

longos rastos luminosos — brancos, verdes, escarlates — o belo casco velejante da *Gaivota* retomou, airosamente, o seu rumo.

E o capitão, que entrava agora de quarto, vendo de novo a navegação encaminhada, foi encostar-se à gaiuta, gritando para o homem do leme:

— É aguentar nessa proa. E andar assim, que é bom andar...

No entanto, não se viu mais o Pedrito: ele, como o seu querido canário, desaparecera para sempre, amortalhado, como num sudário alvinhento, nas marulhosas espumas das vagas.

A noite cerrara de todo. E a lua, surgindo na linha afastada e nostálgica do horizonte a leste, começava a desenrolar o transparente cendal da sua luz nevoenta e de prata pelos páramos silentes do Infinito e sobre a imensa solidão do Mar.

Rio, março de 1903.

O NOIVADO

A Emílio Simas

Era uma tarde tranquila e fresca de maio.

Um grupo alegre e festivo de gente de aldeia, à frente do qual vinha uma rapariga de branco pelo braço de um rapaz grosso e desajeitado, de sorriso triunfal, metido no talhe esquisito de um arruinado fraque de pano, ainda luzente nas costuras da última passagem ferro — descia, lento e palrador, o adro da igreja amarela onde pastava o “baio” do cura, sossegado e feliz, erguendo de vez em quando a cabeça e voltando o pescoço para olhar aquela boa família em festa que por ali passava.

O ruído fino e miúdo de um pequeno sino pendendo de uma corda amarrada a um travessão de madeira firmado em dois paus ao alto, ao lado direito do pequenino templo — vibrava vivo no ar, num contentamento de sons que o badalo fazia, desferrando-se da longa mudez melancólica, a que o condenava a raridade das festas. E assim tangendo-o, numa preocupação de profissional e de artista, o sacristão esforçava-se, jogando destramente ao espaço esfuziadas de notas nítidas e bem ritmadas.

Na frente dos noivos corriam pela estrada, dispersos, numa imensa e jocunda algazarra, os meninos da vizinhança, antegostando já, na sua gulodice insaciável e devoradora, o sabor das deliciosas broas de polvilho, tão comuns nessas bodas dos sítios, tão torradas e tão tenras que se esfarelam no paladar.

Moças curiosas, saudáveis e de faces da cor dos morangos maduros, o olhar aceso e inquieto, assistiam à passagem do noivado com risinhos maliciosos e espertos, a beliscarem-se entre si, num cochicho zumbidor de colmeia, debruçadas nas porteiras.

Os canários loiros, os pardos que amarelam ao sol meses depois de nascidos, e os coleiros luzidios que devoram, em bandos rapinantes, os arrozais viçosos pelas margens dos banhados — chilreavam alegremente nos espinheiros da estrada, onde as roseiras silvestres, tocadas de florzinhas de nácar, se misturavam às perfumosas boas-noites, estrelando festivamente as cercas com as suas pétalas sulferinas e de um recorte delicado.

No céu o sol escondia já a sua luz mágica e de ouro por trás dos montes de oeste.

E daí a instantes a cinza fina do crepúsculo principiava a cair, negra, silenciosa e nostálgica...

NO MAR

À senhorita Flora de Brito.

Corríamos a todo o pano.

Um sopro rijo de norte encrespava a toalha imensa das águas, enchia as velas e deitava o barco na linha marulhante do rumo.

A tarde estava límpida, transparente, encharcada em sol. Enchia-nos os pulmões, em amplas aspirações, revolvendo-nos os cabelos, a brisa fresca do oceano.

Em frente, na margem oposta do largo canal, contornos recortados de montanhas, esfuminhados na poeira azul da distância, erguiam relevos extensos e melancólicos na rubente explosão do ocaso.

Pela popa, ao longe recuando, recuando sempre de nós, num afastamento saudoso e confuso, a brancura recolhida do frontal da igrejinha de Canasvieiras, que ficava num morro, fazendo surgir em a nossa imaginação de emigrados o viver feliz e cantante de outrora.

E que nostalgia funda e desconsoladora de minha Mãe, dos meus que ficavam, e da Rita, uma linda companheira do *Tempo-será* e da aposta a capote, na raspadura da mandioca, pelas longas e troviscadas noites de inverso, nos engenhos cobertos de palha, mal alumiados pelas antigas candeias de quatro bicos, no tempo das farinhadas!...

Que nostalgia, ó Mar!

Santa Catarina, 1884.

À LUZ DAS ESTRELAS

A Lídio Barbosa

Ao gradil da larga varanda de madeira do grande prédio acaçapado da fazenda cercado de laranjeiras e cafeeiros tufados e adormecidos já sob a noite avançada no solene e profundo silêncio dos campos, um vulto de mulher assomara de repente, em gestos misteriosos, a passadas nervosas, inquietas, hesitantes. Ora voltando-se para a porta de onde saíra e que deixara cautelosamente cerrada, sem o mínimo rumor, ora como que sondando com um fundo olhar rebuscador e ansioso a sombra espessa das ramagens em torno, deslizou apressada para os balaústres da escada que descia ao terreiro sob uma pequena latada aromal de rosas e trepadeiras. Aí estacara por instantes, protegida por esse estranho dossel de renda de verdes folhas miudinhas e alçadas corolas abertas que lhe aflagavam em frescas carícias vegetais o colo, as faces, os cabelos — quando uma figura de homem corpulento, surgindo dentre o laranjal, correu ao seu encontro e pegando-lhe de uma das mãos fortemente, murmurou numa arrebatção e num enlevo:

— Vamos, querida! A noite está deserta e silenciosa: ressonam os lares. O que tu ouves não é senão a monótona zoeira das árvores ao vento, o latir rouco e melancólico dos cães, ou o pio longínquo de alguma ave noturna que esvoaça lá para os lados da igreja. Teu pai e teus irmãos nada sabem. Os escravos já dormem. Enrola-te na minha capa. Dá-me a tua mão. Vamos!...

Mas a donzela hesitava, olhando ainda o prédio, a varanda, as árvores, o campo imenso, tudo indeciso, confuso, sonolento, apagado na treva, — e após ergueu o olhar às estrelas que se ostentavam idealizadamente lá acima, no céu muito alto, com os seus pequeninos olhos de ouro, tremeluzentes.

Por fim, entregou-se de todo ao seu bem-amado, deixando o destino, a felicidade, a beleza, a vida correrem acordes ao seu coração, no tumulto absoluto e absorvente do Amor que tudo irresistivelmente, heroicamente, benditamente sacrifica à sua consumação.

E eles partiram ao longo de meandrosos atalhos e trilhas, à claridade frouxa, muito vaga, quase imperceptível, dos belmazes altíssimos dos astros, radiando magicamente, encantadamente, na incomparável vastidão do Infinito.

Iam felizes, unidos, cochichantes naquela inefável aventura, ardente e complicado episódio de romance, que o amor enchia de energia e audácia, ao mesmo tempo que um calafrio de medo os invadia e traspassava, quando alguma rajada mais rija açoitava as ramarias.

Numa volta de estrada, em que a vegetação se descerrava como num rasgão de clareira, a brancura de uma pedra musgosa paralisou-os subitamente num susto, destacando-se, terrível e apavorante, dentre a negra espessura das capoeiras, quando um pirilampo passou faiscando rente. Depois, um novo sobressalto colheu-os, ao enfrentarem uma larga porteira de engenho, de onde se avistava, à pequena distância, em meio às plantações, uma enorme figura de homem, vestida de branco, ameaçando, com uma vara na mão, a quem porventura ousasse acercar-se. Pararam outra vez por instantes, observando atentamente o vulto, muito achegados aos espinheiros do outro lado da estrada e ocultos na sombra densa de suas altas frondes rendilhadas, através de cujas malhas tremulantes espiavam as estrelas, essa adoráveis, louras e luminosas veladoras do Espaço, durante o curso nostálgico e desolado das noites. E apenas os dois amantes reconheceram que o “homem” não passava do conhecido espantalho feito sempre na roça para afugentar os pássaros e macacos rapinantes dos milharais em semente e maturidade — retomaram o seu caminho.

Mais adiante, porém, um ruído de patas que lhes deixou no peito anelante a palpitação de um perigo — elevou-se e foi morrer longe, cortando o ar na direção do rio. Aqui e além então, os latidos roucos dos cães se tornaram mais intensos, menos espaçados, ecoando merencoreamente em meio ao silêncio augusto, misterioso, espiritual e solene das altas horas da Noite.

Trêmulos e ofegantes, estreitamente enlaçados, caminhavam agora precipitadamente, como se algum tropel os seguisse pela espessura das árvores, das moitas, ou pela vasta amplidão desafogada e livre das imensas pastagens em sombra.

E assim chegaram a um rancho, onde os esperava uma grande canoa de voga tripulada por negros. Embarcaram. E logo uma voz precipitada e viril vibrou de rijo:

— Larga!

Então, em seguida, um marulho fresco e cristalino da água mansa sulcada se ouviu, afastando-se por entre o ranger seco e compassado dos remos a cantar nas toleteiras côncavas.

Nesse momento, como minutos antes, um grito possante e formidável golpeou o espaço, numa prolongada estridência, perseguidor e alarmante:

— Ladrões! Assassinos!...

Era o Vicente, o filho da Andreza, um verdadeiro “quebra” dos sítios, rapaz arrojado e valente, que, ao recolher a cavalo da sua costumada perambulação noturna, ouvira vozes de homem falando no rancho, e então, batido da curiosidade de saber quem estaria de viagem por uma noite assim escura, prometendo mau tempo — lançara-se a galope até perto, deixando porém, para não ser pressentido, o seu gordo e feroso *Tordilho* bem amarrado e oculto entre os vassourais da estrada, a alguns metros do porto. Aí, agachado, atento, quedara-se cautelosamente a espreitar: os seus olhos de roceiro noctívago, varando o ambiente escuro, iam pouco e pouco dominando todo o terreno em volta, com uma grande nitidez de visão. E ele pôde descobrir uma grande canoa que flutuava sobre a faixa negra do rio onde, arrumados e bem postos aos remos, alguns homens esperavam, parlando segredeiramente. Percebeu que ali havia “marosca” e aguardando um desenlace para tudo aquilo, pusera-se à escuta, quando subitamente lhe chegara aos ouvidos a voz grossa do patrão:

— Aí vem eles... não tardam... olha os cães como ladram...

Com efeito, daí a instantes, dois vultos embuçados — um homem e uma mulher — chegavam a passo estugado, embarcando precipitadamente.

Ao vê-los, o Vicente lembrou-se de súbito da Eugenhina, a filha do Venâncio (o ricoço que morava havia um ano no sítio), uma rapariga morena e formosa, que tivera, segundo diziam, não fazia muito tempo, uma grande paixão amorosa por um rapaz da cidade, a quem o pai odiava e perseguia. Indignado e não podendo conter-se, diante daquela fuga traiçoeira da moça com o primeiro namorado, a quem ia agora pertencer para sempre, quando já era noiva do Ernesto, o seu prezado camarada de infância que havia dois meses não saía de casa empolgado pela malária — berrou forte, com a sua possante garganta de touro:

— Ladrões! Assassinos!...

E sinistramente o grito perseguidor ecoou, por momentos, na alta noite estrelada, profundamente silenciosa e solene, enquanto a canoa em que ia o amoroso par fugitivo galhardamente singrava sobre a ampla corrente do rio, retinta, chamalotada e marulhosa, aqui e além constelada de uma imensa pontilhação de ouro líquido.

Rio, Abril de 1903.

O NAVIO NEGREIRO

(Heine)

I

No camarote, sentado ao beliche, *mynher* van Koek, o capitão do brigue, põe-se a fazer as suas contas. Calcula o preço de venda do carregamento e os lucros prováveis:

— A goma é boa, a pimenta boa: trezentos sacos e trezentas barricas, e marfim e ouro em pó! Mas a carga, preciosa entre todas, é a “negra”, que vale mais que tudo. Seiscentos negros, apanhados na praia do Senegal, em troca de ninharias, pois outra coisa não tinham custado em verdade, era um carregamento excelente. E todos eles, de ossatura poderosa e músculos rijos, dir-se-iam de bronze bem modelado. Uma tal fortuna a obtive apenas com algumas medidas de aguardente, contas de vidro, facas e canivetes. Que me não deem muito lucro: basta que só metade sobreviva à viagem e às doenças para que eu ganhe oitocentos por cento! Sim, se me for dado chegar ao Rio de Janeiro com trezentos negros, ao menos, a casa Gonçalves Pereira comprar-nos-á à razão de cem ducados cada um...

De repente, porém, alguém interrompeu *mynher* van Koek nessas profundas meditações de comércio. Era o cirurgião de bordo, o Dr. van der Smissen, que assomou à porta do camarote, com a sua figura alta e magra, o nariz crivado de rubras verrugas.

— Oh! Bem vindo, sr. esculápio naval! exclamou alegremente van Koek. Como vão os meus caros negros?...

O médico acudiu:

— Ora, capitão, venho justamente comunicar-lhe que a mortalidade entre os pretos, aumentou consideravelmente, esta noite. Entre um e outro sexo, têm perecido cerca de dois por dia. Os mortos desta madrugada atingiram o número de sete — quatro homens e três mulheres, que foram logo lançados no registro dos óbitos. Mas, para bem me certificar de que estavam mortos, examinei detidamente os corpos um por um, porque estes patifes frequentemente fingem de mortos, a fim de serem jogados às vagas. Preferem a morte ao cativeiro... Após esse exame mandei tirar-lhes as algemas e, ao romper do dia, segundo o meu hábito, ordenei fossem lançados ao mar. Imediatamente os tubarões, ávidos de carne negra, coalharam as ondas, em imenso cardume. Como sabeis, são eles os meus pensionários. Acompanham-nos, na esteira do navio, desde que deixamos a costa. Os malditos farejam de longe os cadáveres,

com as suas narinas sôfregas. E não há nada mais cômico que os ver abocar os mortos: este arranca a cabeça, aquele a perna, e os outros tassalhos de carne... E, quando tudo foi devorado, saracoteiam alegres em torno ao costado, fitando-me com os seus grandes olhos de vidro, como se quisessem agradecer-me o almoço...

Mynher van Koek interrompeu suspirando:

— Mas como fazer cessar tamanha mortandade?

O cirurgião respondeu:

— Há um meio, um meio fácilimo. Uns têm morrido, por falta de acomodações e pelo mau cheiro do porão; outros de melancolia. É dar-se-lhes, portanto, um pouco de ar puro no convés, um pouco de música e dança, e o mal desaparecerá.

— Admirável! exclamou o capitão. O senhor, meu caro esculápio naval, é tão sábio como Aristóteles, o preceptor de Alexandre. Muito respeito eu o presidente da Sociedade de aperfeiçoamento das tulipas, de Delft, como um grande homem; mas ele não possui nem metade da vossa argúcia nem do vosso engenho... À música! à música, pois! E que bailem os negros... Mas ai daqueles a quem a dança não conseguir alegrar! Nós os alegraremos a golpes de calabrote.

II

Na alta abóbada do céu azulado pestanejam as estrelas, brilhantes de desejos, como os olhos inteligentes das amadas: e todas elas contemplam mudamente a infinita vastidão do Mar, aqui e além coberta de um véu fosforescente de ardência. As vagas marulham voluptuosamente.

Raras velas bojam ou branquejam nos mastros e vergas do navio negreiro: e como, para o alto, os cabos se fundem na negrura da noite, dir-se-ia estranhamente despojado dos topos de seu aparelho. No entanto, embaixo, num recanto do convés, pequenas lanternas reluzem — e a música e a dança ressurgem vivamente.

O Piloto raspa com o arco as cordas de um violino, o cozinheiro sopra numa flauta, o grumete rufa um tambor, o médico faz vibrar um pistão como se fora um clarim. Em torno deles, cem pretos mais ou menos — homens e mulheres — em gritos de alegria, saltam e giram como loucos. E a cada movimento dos corpos, negros e nus, as algemas retinam, em cadência.

As longas tábuas do convés estremecem aos pinchos tumultuosos dos pobres cativos. E no imenso círculo em torvelinho, veem-se belas negras corpulentas, envolvendo com os seus braços, grossos e roliços, o tronco hercúleo do companheiro. De vez em quando, através da grossa algazarra de todos, passa um coro de gemidos...

O contramestre é o mestre-sala: ele estimula, de calabrote em punho, os dançadores já fatigados e os excita a alegria.

E trá-trá-trá!... Dum-dum-dum!...

Do seio fundo das ondas, os monstros marinhos, despertos do seu estúpido sono, acodem ao barulho. São em geral tubarões, centenas de tubarões, que, ainda entorpecidos; vêm reluzir à flor d'água, ao colorido clarão das lanternas e faróis, erguendo pasmadamente, para as bordas do navio e para a cena que no convés se desenrola, os seus grandes olhos de vidro. E, percebendo desde logo que a hora do seu almoço não chegou ainda, com a habitual e feroz voracidade, escancaram a boca até a fundo, mostrando as suas gigantescas maxilas, onde sinistramente alvejam, como estranhas lâminas de serras, fileiras de dentes agudos, enormes, terríveis.

E trá-trá-trá!... Dum-dum-dum!...

A dança e a música não cessam um instante: e os tubarões, volteando sempre em torno ao casco do brigue, mordem a cauda, impacientes. Penso que eles não amam a música, como alguns dos seus iguais. Por isso, muito bem disse um grande poeta inglês: “Não te fies nos animais que não amam a música!”

E trá-trá-trá!... Dum-dum-dum!...

A dança prossegue sempre. *Mynher* van Koek, que assiste sentado junto ao mastro grande, olha, preocupado e pensativo, a “preciosa mercadoria” que ali se agita loucamente. De repente ergue os olhos ao céu e, pondo as mãos, implora:

— Por Jesus, Senhor, poupai a vida aos pescadores de “pele negra”! Se eles acaso vos ofendem, sabeis perfeitamente que é porque são mais estúpidos que os bois. Poupai-lhes a vida, em nome de Jesus, que morreu por todos nós, pois se me não for dado chegar ao Rio de Janeiro com trezentos negros, ao menos, hei de fazer um mau negócio!...

Rio, 99.

ENTERRO NO SÍTIO

(Ao senador Hercílio Luz)

Meio-dia.

O sítio conserva aquela tranquilidade alegre e venturosa de todos os dias, aquele estado planturoso e verde que transborda da seiva e de onde se erguem, embalsamando o ambiente, o aroma delicioso das flores, as frescas e penetrantes exalações de verdura.

Quatro meninos, tristes e silenciosos, saem de uma igreja ruda e mal acabada, situada num alto, carregando um caixãozinho aberto, de metim azul, dentro do qual vai deitada uma criaturinha loura, fria, inerte, de seis meses mais ou menos, sorrindo vagamente na sua imobilidade de morte infantil, bonita, parecendo viva, com os olhinhos semicerrados como pela intensidade da luz que lhe bate a prumo.

Mais atrás caminha um preto, idoso e curvo talvez pelos seus sessenta anos de enxada, que leva a tampinha do caixão.

Pelas margens da estrada branca e enflorescida, cortada pela água murmurante e límpida dos córregos, os espinheiros tufados e vigorosos, numa felicidade vegetativa e exuberante, cantam monotonamente carregados de cigarras, e acenam para o mortozinho, numa expansibilidade de verdura, como se lhe dessem o último adeus!

Dos terreiros das casas onde recentes colheitas de café secam, fumegando, mulheres de lenços vermelhos pela cabeça assistem piedosamente, com os olhos de choro, a passagem do féretro.

Um sol glorioso e resplandecente enche toda a paisagem. O calor abafa. E pelos terrenos alagados e gramosos pastam satisfeitamente os bois.

Desterro, agosto de 1884.

PÁSSAROS MARINHOS

À senhorita Laura Sampaio

— Que linda tarde e que admirável ocaso!

A voz fresca, alegre, clara, argentina que estas palavras soltara, partira de um grande caramanchão envolto em espessos rendilhados de verdura estrelada de flores que ficava a um canto do jardim, bem na linha do alto e vasto gradil da frente, numa bela chácara de Icaraí.

E logo um rapaz alto e moreno, forte e de tênue bigode curto, com uns olhos negros expressivos e um vago ar melancólico, o qual percorria os canteiros um a um atrás de uma flor predileta que não encontrava entretanto, apanhando à pressa uma singular orquídea cor de ouro aberta, como uma pequenina estrela, entre as demais companheiras vulgares, no parapeito musgoso do velho muro lateral, — encaminhou-se, radiante, para o lugar de onde partira.

Entretanto, ao subir a escadinha cimentada e ao transpor a pequena porta, cheia de festões aromais, do caramanchão, estacou de repente, vacilante e enleado diante de sua prima Laura, a adorada do seu coração, que, contra toda a sua expectativa, ali se achava sozinha, desacompanhada da infalível camarada de sempre, a sua irmãzinha Olga, uma graciosa menina de oito anos, inquieta e pipilante como um passarinho, mas que era às vezes ingenuamente maliciosa com a sua finura e ditos infantis. A buliçosa pequena, esquecida por instantes da irmã, andava a brincar agora, com algumas camaradinhas da vizinhança, lá para os fundos da chácara. Laura, porém, vendo o primo meio tímido e embaraçado, disse-lhe risonha e naturalmente:

— Entre, Armando; sem cerimônia. Não se inquiete por me ver aqui sozinha. A Olga não deve tardar. Venha apreciar este magnífico ocaso...

Ele acudiu a sorrir:

— Mas podemos ficar ambos aqui, assim tão afastados de todos e a sós?

E se o titio e a titia falarem?...

— Por que não?

Era o que faltava se os parentes que se estimam já não pudessem mais estar a sós, por instantes ao menos! Depois, o papai e a mamãe estão ali bem perto na varanda. Deixe-se pois de tolices, e venha admirar comigo o esplendor do crepúsculo...

Ele então avançou para a frente do caramanchão e debruçou-se com ela à larga janela rasgando-se entre a densa folhagem enfestada de trepadeiras em flor.

O crepúsculo era, com efeito, suntuoso.

A praia de Icaraí estendia-se, recurva em crescente, desde o Canto do Rio até à praia das Flechas, na sua imensa faixa branca arenosa, recoberta para o alto, à fila das vivendas e chácaras, de rasa vegetação e densos maciços de pitangueiras, salpicadas de frutos rubros. Por toda ela, aqui e além, viam-se pequenos grupos de pessoas, alguns caminhando lentamente, em passeio, para cá, para lá, na batente do mar, enquanto outros pousavam, de pé ou sentados, nos montículos dos cômoros, as fisionomias saturadas do imenso esplendor da tarde estival e voltadas para o gigantesco lençol líquido e azul celeste, em certos pontos chamalotados, da majestosa baía de Guanabara. Crianças traquinavam, em álacres disparadas, ao longo da vagas quebrando-se metricamente em largas barras de espuma, com um grosso marulho reboante e monótono; ou jogavam pedaços de pau ao mar, que grandes cães terra-nova, a latir, numa pacífica jovialidade animal, saltavam a buscar, a nado, em consecutivas viagens. Em frente a alguns chalés, cortando a monotonia geral das construções brasileiras, ingleses, em claros e leves trajos de verão, palravam e cachimbavam preguiçosamente, olhando os ares luminosos e o mar.

Do outro lado da Baía, as montanhas do Distrito Federal e da cidade do Rio de Janeiro, correndo numa extensa, recortada e alta mancha azulada, faziam destacar, na fulgurante barra escarlate do ocaso, os píncaros culminantes da Tijuca, do Corcovado e da Gávea. Um grande *steamer* transatlântico passava vagarosamente, em demanda dos pórticos ciclópicos da entrada da baía, deixando uma esteira de aljôfares a ondular, popa fora, nas águas. A ilha da Boa Viagem erguia-se, empinada a um lado, em bordado relevo pinturesco, com a sua igreja em ruínas destacando tristemente no alto, contra o céu azulado. A Itapuca e um outro minúsculo ilhote granítico evocavam, numa vaga e idealizadora poesia de lenda, os velhos *menhirs* da Bretanha. Ao longo do Canto do Rio ostentava-se uma multidão colorida de pequenas canoas de pescadores — umas puxadas em terra, em descanso, outras carregadas com as suas escuras redes de tucum para os primeiros lanços da noite. O vento leve do mar refrescava. A tarde, de uma suavidade e transparência ideais, fulgurava deliciosamente, ao poente, pelos brilhos de ouro do ocaso...

Armando e Laura, muito unidos à janela do caramanchão, profundamente enlevados no encanto da paisagem e do céu, entreolhavam-se de vez em quando, trocando palavras de amor em vagas frases murmuradas...

De repente, após um pequeno silêncio, formosa donzela, que tinha agora os seus negros olhos fascinantes voltados para o morro da Conceição, teve este alegre grito alvissareiro para o primo e namorado:

— Olha o primeiro cordão de pássaros marinhos que aí vem! São os biguás que já começam a recolher do fundo da baía, por onde andaram o dia inteiro à pesca, e buscam o seu pouso noturno, lá fora, nas ilhas da barra. Mas como pairam hoje tão alto!...

Efetivamente era o primeiro bando de pássaros marinhos — desses que no verão costumam passar todas as tardes do interior plácido da baía para as costas bravas do mar — que se destacava no céu, por de sobre o morro da Conceição, voando, em demanda do seu pouso de pernoite, direito às ilhas da barra. Plainava muito elevado esse pelotão de asas, mantendo-se quase invariavelmente numa linha horizontal, que só se quebrava quando, para vencer a pressão do vento do mar, se tornava necessário um voo mais esforçado. Mas essa ligeira alteração de linha, que de vez em quando ocorria e apenas durava momentos, jamais se fazia abruptamente, por uma quebra brusca e rude, mas, constantemente, por súbitas e vagas curvas bem dispostas e pelas quais dir-se-ia que naquela falange de pássaros os corpos de cada um se achavam como ligados por delgadíssimo e invisível fio, formando um estranho e aéreo rosário de asas palpitantes.

No entanto, a esse primeiro cordão de aves do mar seguiam-se outros e outros, numerosa e inconstavelmente — uns voando alto como o primeiro, alguns numa elevação média ao ar, e ainda alguns quase rastejando nas águas azuis da baía. E era admirável ver passar, seguidamente, destacando no céu vespéral, essa infinita sucessão de negras reticências voadoras — pois outra coisa não parecia serem tais enfiadas de pássaros marinhos, cortando a tarde, norte-sul, para os seus ninhos insulares da costa, perenemente embalados pela rouca cantilena das vagas e pelas revoltas espumas do Atlântico...

Laura, então, inefavelmente deliciada com esses graciosos bandos de pássaros, que amava ver deslizarem aos crepúsculos pelos céus estivais, mostrava ao noivo vivamente cada nova fileira que surgia, aviventando e pintalgando de pequeninos pontos, negros moventes o cetim doce do Espaço. E, tomada de um vago arrebatamento de amor, dizia a Armando meigamente:

— Olha aquele enorme cordão que ali vem agora (e apontava um que pairava já a meio da bela praia alvacenta, onde os grupos de pessoas se quedavam também, ao instante, a contemplar os bandos de aves marinhas) e aquele... e aquele outro... e ainda aquele... Repara bem como vêm todos unidos, tão felizes e contentes, envoltos no mesmo afeto recíproco, para o sossego e o conforto dos ninhos... Por que nós, seres humanos, não havemos de viver como

esses belos pássaros marinhos que, todas as manhãs, invariavelmente, partem juntos e cheios de ardor para a batalha da vida e voltam sempre, pelas tardes, ligados pela mesma afeição, ao remanso dos seus lares, para a paz e para as doçuras da vida?... Um dia, quando for o nosso enlace, havemos de viver como esses pássaros, sempre unidos e com um mesmo ideal na existência, gozando os nossos amores num acorde da alma perfeito, suave, mútuo, sublime...

Ele, fundamente enternecido ante aquelas palavras, murmurou:

— Pois sim, querida, pois sim!...

E, arrebatado, ia para abraçá-la e beijá-la, quando a irrequieta e espertíssima Olga, como um pequenino mas verdadeiro “demônio dos embaraços”, entrou, graciosamente, às risadas, pela porta do caramanchão, seguida de um bando gorjeante de crianças amigas...

Já então, dentro desse torreão de verdura, se fizera uma densa penumbra, porque a barra purpúrea do crepúsculo, se sumira de todo a oeste. As águas azuis da baía enegreciam pouco e pouco, na gradativa e melancólica retirada dos últimos clarões vespertinos. A praia de Icaraí apagava também a sua alvura, à poeira sutil e funerária das ave-marias, que lentamente amortalhava na treva os derradeiros encantos do dia. Nas altas e recortadas montanhas fronteiras do outro lado, os rútilos e fulvos colares da iluminação pública da Capital Federal cortavam as faldas, chapadas e declives com a pontilhada fulguração da sua luz recuada e longínqua. O céu tornava-se de um azul ferrete muito denso, já todo pregueado a leste pelos belmazes de ouro das estrelas. E, apesar do denso esfuminhado do firmamento e das águas, onde tudo era ao instante uma poeirada de cinza, distinguiam-se ainda as negras asas dos últimos pássaros marinhos, passando, unidos em cordão, avançando, voando mais ligeiramente agora, com a noite, e perdendo-se totalmente, por fim, sobre os montes, já escurecidos e tristes, do saco da Jurujaba...

Rio, maio de 1903.

VELHA PAIXÃO

Ao Dr. Lopes Trovão

Havia minutos que o Israel lidava com o *raino*, no terreiro, em frente à entrada da casa. Queria sair ao caminho e não podia, porque o cavalo, ainda meio redomão, não “encostava” direito, impedindo-lhe correr as varas aos moirões da porteira, embora metesse-lhe relho a valer. Muito fogoso e pouco “feito de boca”, de novinho que era, pois o rapaz o comprara quando ainda em “repassos” na mão do domador e dono, o crioulo, Bonefino, do Rapa, negava rédea a uma camba, e de tal modo que, esporeado a obedecer, empacava xucramente, saltando, empinando-se, boleando-se, aos galões e aos trancos. Coberto já de suor, não parava, entretanto, o animal, aos pinchos, para trás e para frente, quase no mesmo lugar, sem querer reatar a marcha. Era preciso, talvez, apear. Mas o cavaleiro se recusava a isso porque abrir uma porteira a cavalo, em ginete de “grito” e fazendo figura, é para a ardente mocidade roceira verdadeira glória e façanha. E por isso o Israel teimava, lançando pequenas “largadas” que revolviam o terreno, abancando e virando consecutivamente de encontro à cancela, e, curvado todo sobre o arção, alongava o braço para as varas, sem poder corrê-las, no entanto. E o danado do *raino* a negar seguidamente a camba! Furioso, recusando desmontar por lhe parecer uma humilhação, dispunha-se já a fazer o cavalo saltar a porteira de arranco, quando, numa das voltas da estrada, surgiu de repente o Julião, de mão erguida para ele, no seu *malacara* lunanco:

— Ó Rael, não te jogues! Olha que perdes o cavalo! Espera lá um instante!...

O rapaz deteve-se então, mas chicoteando e esporeando sempre o animal, que rodava em grandes empuxões revolvendo todo o chão.

O outro abancou de repente, cosendo-se à porteira, cujas varas começou a correr destramente, com uma das mãos, e, tolhido e rubro do esforço, ia dizendo ao Israel, seu antigo camarada de infância:

— Tu és o diabo, Rael! Tu não te emendas, rapaz! Queres ter mais força que o “*raino*”? Olha a “guexa” do costão!...

Falava numa voz contrafeita, quase dependurado do cavalo, as veias do pescoço tumefeitas de sangue.

Com as suas derradeiras palavras, aludia à queda que o amigo levava, nos Ingleses, pela festa dos Navegantes, ao montar, pela primeira vez, uma égua xuca, que saltara com ele um precipício, derrubando-o numa sanga.

O Israel, apenas foi saindo ao caminho, retrucou-lhe na sua pressa de garrador intrépido:

— Qual o que, Julião! Já lá se foi esse tempo! Hoje não há cavalo que me meta medo...

E perguntou-lhe o que andava a fazer e para onde se atirava, pois não o via há um ano, desde que o Julião se mudara para as Aranhas, onde morava agora, num sitiozinho que comprara, ao voltar do Rio Grande, com as economias de um triênio de mar, na catraia da barra, lutando na braveza das ondas.

O outro tornou, muito alegre, correndo a última vara a porteira, e vindo emparelhar-se com o Israel, que já largara estrada abaixo, num trote:

— Vou até a Rua Velha, ao José escrivão, por causa da escritura de umas terras. Aquele ranchozinho do Lúcio, na encruzilhada do Santos, negociei-o para a mamãe, que não se dá com a Merência e quer ter o seu canto. Custou-me muito separar-me da velha, coitada, uma santa, como sabes. Mas a Merência é uma fúria, e há dois meses para cá, mal eu saía para a roça, punha-se em rixa com a velha que era uma coisa sem conta. E fora tal a quizila que, para ela não lidar pela casa, chegara até a esconder-lhe o bordão. A mamãe, que já se não tem sobre as pernas sem um amparo qualquer, assim privada da cotia, passava os dias amarrada à esteira, chegando a aguentar “precisões”. Essa judiaria me trazia cá o sangue a ferver e, de uma feita, cheguei a “ensinar” a Merência com alguns safanões. Mas isso andou-me a doer cá por dentro semanas e semanas. É uma estimação que a gente tem que não pode. E eu, para não cair em outras razões, tratei o ranchozinho com o Lúcio, a fim de a velha sossegar no seu canto. E ela já lá está há dois dias, muito concha, a bater e a fiar algodão. Foi um peso que tirei cá do peito. Por isso, hoje, peguei cedo o lunanco, e botei-me, como vês, para o José escrivão. Depois há festa hoje por lá, pois vão meter um boi bravio na *vara* e há *coroada* e fandangos.

O Israel ouvia tudo em silêncio e só se interessou verdadeira mente pelas últimas palavras, perguntando-lhe ainda duvidoso:

— Então hoje há folia por lá, Julião?! Mas quem te contou? Cá no arraial ainda não se sabe de nada. Até ontem à noite, pelo menos, não corria essa nova, nem pela venda do Cosme, nem pelo engenho do Albano, e lá se sabe sempre de tudo pelo Albino e o Pires, que andam a pombear todo o dia por aquelas bandas. É verdade que os não encontrei ontem por ali, na trela costumada. Mas se tal se desse, os rapazes da praia saberiam de tudo, e eles lá estiveram a grulhar até ao cantar do galo, e nem “pio” sobre a festa na Rua Velha! É para admirar, Julião, que eles não soubessem do caso! E para admirar, meu rapaz!...

O Julião, porém, insistia:

— Pois há folia, repito, e é na casa do Vidal. O Luís Mafra foi quem me disse, anteontem, quando veio do Zé Alves. A rapaziada de lá estava muito influída, por ser a última noite de *terço* no Vidal e pelo boi que vão pegar hoje para a “vara”. O boi vai estar só do “fino”, pois vão laçá-lo no campo, do lado do rio do Brás. O diabo é “meio inteiro” e investe como um raio! Já tem dado corridas danadas na gente que atravessa o Luís Dias e a Roça de Baixo... Ó Rael, vamos num pulo até lá? Vai ser um barrigado, menino, pois a que tempo não se pega um *bagual*... Hoje é feriado, dia forro, nada se tem a perder. Aproveita-se o brinquedo e o *raino* toma mais um “repasso”...

— Não, Julião; hoje, não! Estou aqui de lago nos “tentos”, para ir pegar o salino para o tronco. O diabo já está com um ano e muito bom para se amansar para o engenho e para o carro. Já devia ter ido há mais tempo, mas tu conheces as coisas: hoje para amanhã, amanhã para depois, e lá se vai todo o tempo... Não, Julião, hoje não posso... Vamos juntos até a Estiva, e de lá ou tomo pros Banhados e tu para Rua Velha ou para o rio do Brás... Depois não me convém aparecer por ali por causa da Aninhas. Lembras-te do caso da Aninhas, não?... Se eu for até ao Vidal, tenho de entrar na folia do boi, e vou decerto encontrar-me com ela que há de andar entre as raparigas... E Deus me livre, aquele povo vai-me chamar de oferecido... Não, lá não ponho os meus pés nem a mandado de Deus! É uma questão de capricho que não há quem não tenha... E vamos puxar, menino, que o sol já vai alto...

Romperam então num galope, sob os espinheiros tufados que beiravam, a uma e outra margem, o caminho arenoso, entrançando no alto as ramagens que formavam um largo túnel de renda verde, sobre um fundo dourado. O sol vivo da manhã — uma alegre manhã estival — aquecia todo o ar, malhando o solo de gemas rutilantes que tremiam na areia ao tremer das folhas na aragem.

Em pouco chegavam à Estiva, onde a estrada desafogava amplamente no campo, imensa planície de esmeralda cortada em todas as direções pelos sulcos negros dos carros e as fitas coleantes dos atalhos, interrompidas aqui e além por altas macegas de ervagens. No começo da Estiva cavalos dispersos pastavam, de focinho no chão, tosando pacificamente a grama, enquanto outros, em manadas, caminhavam, a passo, para a Roça de Baixo. Densas tropas de reses mansas moviam-se lentamente, em manchas de cores variegadas, em plena campina rasa ou contra a orla dos capões. Do céu, de um azul delicado, onde nuvenzinhas erravam em sidéreos vagares, caía a luz fulgurante iluminando tudo e fazendo brilhar os banhados. Ao fundo, os morros da Rua Velha erguiam os cimos no espaço, ostentando em seus pendores e lombadas fartas culturas de cana, de mandioca e de milho, fulvas de

maturidade. E dentre as altas frondes dos pomares, branquejava alegremente, ao sol, a frontaria risonha dos engenhos e casais...

Na encruzilhada das trilhas que levavam ao rio do Brás e aos Banhados, quase beirando as matas virgens da Caieira, o Israel estacou o cavalo e, puxando de um grosso e longo cigarro que trazia à orelha direita, acendeu-o ao isqueiro, dizendo imediatamente ao outro:

— Bem; adeusinho, Julião, Vou já pegar o *salino*, para o meter no tronco esta tarde...

O outro procurava retê-lo, exclamando:

— Ora deixa-te disso, Rael. Guarda o novinho para depois. Hoje é dia de descanso. Vem comigo à Rua Velha, que nos divertiremos à grande. Deixa os caprichos para outra vez. Isso não passa de tolice. Eu sei que gostas ainda da Aninhas, e ela é doida por ti. Isto é mais do que sabido. E todos dizem que vocês vêm ainda a casar... Tens um bom dia para as “pazes”. Ninguém repara. E fazes isso sem sentir. Deixa o novinho pra depois, ó Rael. Anda daí, homem! Caprichos o demônio que os leve! ...

O Israel meditava, tirando largas fumaças ao cigarro, com os olhos vagamente perdidos na imensa amplidão do campo. Estava quase, quase a ceder às palavras tão docemente convidativas do amigo. Mas dois pensamentos, ambos de igual possança e império, inteiramente adversos, debatiam-se-lhe no seu espírito, e eram — primeiro, o orgulho em manter bem saliente e bem alta a aparente indiferença que votava à Aninhas desde que, ao voltar do Rio Grande, soubera que ela, durante os seus três longos anos de ausência, voltara-se deslealmente para outro, quando tinha com ele casamento, embora todos lhe dissessem que isso não passara de uma leviandade inocente e passageira da rapariga; segundo, não deixar transparecer nunca que partia dele o desejo de um reatamento, mas fazer com que isso, ao ter de dar-se, ficasse patente publicamente como coisa toda originada dela. Entretanto, se tal jamais sucedesse, paciência: resignar-se-ia a sofrer, a morrer com essa dor. O que não era possível é que, ludibriado uma vez no seu grande afeto — não obstante logo se arrependesse dessa falta a ludibriadora — fosse ele, agora, o primeiro a submeter-se, a dar o braço a torcer. Amava-a talvez, ao presente, mais intensamente que dantes: não queria, porém, fazer de “padecente” e, sobretudo, sancionar precedentes que lhe podiam, quem sabe! acarretar desgraças futuras. O Julião, no entanto, arrastava-o. E ele estava vai, não vai, para o acompanhar à Rua Velha, curioso de ver como o enfrentaria a Aninhas, após dois anos de abandono...

Por isso, enquanto o amigo falava, consultava-se intimamente, com os olhos sem fixidez certa e perdidos no campo, a pesar tudo com critério para tomar uma deliberação condigna. Esta veio inconsciente. Iria, por que não? Nesse ato não havia o menor desdouro ou vexame. Sim, porque não poderia toda a vida andar a furtar voltas à Aninhas. Seria um nunca acabar e, mais do que isso, uma tolice... E, teso de repente na sela, como para uma heroica largada, gritou ao amigo:

— Pois sim, Julião! Deixa o novilho para outro dia. Vamos lá à Rua Velha!...

E deitaram ambos a galope para o rio do Brás. Do atalho do Siqueira, para lá do Capão Alto, encontraram já um ajuntamento de povo, por entre os macegões e rinchões. Eram rapazes a pé e laçadores a cavalo, que andavam a tocar um boi de pelo negro e de guampas retorcidas para o recanto do rio, onde o queriam pegar.

Ao vê-los chegar a galope, um dos laçadores que passava em torno à alimária, numa disparada, girando o laço no ar em largas voltas campeiras, berrou ao Israel, acenando num gesto vivo do braço:

— O Rael! Tira o laço dos “tentos”! E acode cá, rapaz, que nós precisamos de ti!...

Homens a pé, correndo igualmente em volta para cercar o animal, gritaram também:

— Encosta o *raino*, Rael! E ataca o “bicho” lá pela Toca, cerrando-lhe o laço nos galhos!...

O Israel, sem detença, calcou esporas no cavalo, e partiu para o sítio indicado, abrindo o laço no ar, numa atitude de mazepa e peão. O camarada, impelido como ele numa rajada “gaúcha”, largou a toda a brida, a escorar o animal noutra ponta.

Por toda a parte, em torno, via-se o gado manso a correr, assustado, de cauda no ar, a refugiar-se nos vassourais e capões. O boi xucro, apertado contra a volta do rio sob a perseguição dos cavaleiros, já com dois laços partidos e os pedaços de rastros, atirava-se furiosamente à água, atravessava-a a nado, galgava presto a outra margem e tomava, numa disparada terrível, em direção ao arraial.

A multidão seguia-o, correndo por entre o matagal, a cercá-lo por todos os atalhos, numa gritaria infernal:

— Oô! oô! oô! oô!...

O boi fora esbarrar, na corrida, à Cancela grande, que fecha o caminho na cerca geral das pastagens particulares extremantes com o campo, e não podendo vencê-la de um salto, varou o posto do engenho do Maurício, indo sair na estrada real, onde tomou para os lados do Vidal. O povo, que enchia o caminho nessa altura, em frente ao pasto da casa, ao centro do qual se erguia um grande chorão secular onde o animal ia ser amarrado para o brinquedo da “vara” — tocou-o porteira a dentro e atirou-se após ele.

Daí a pouco toda a estrada rumorejava à galopada furiosa dos laçadores montados, vindo à frente de todos, a bolear garbosamente o laço, o Israel que parecia um centauro. De envolta com eles, outra multidão de homens a pé vinha correndo, num berreiro colossal. E todos se jogaram para o pasto, perdendo-se entre os outros, que já batiam as capoeiras onde o boi se asilara.

Defronte, no vasto prédio do Vidal, situado num alto, a poucos passos da estrada, pelo terreiro e às janelas enxameavam as filhas da casa e as moças da vizinhança, em meio das quais se via a Aninhas, alvoroçada e curiosa com a presença inesperada do Israel, que ela descobrira logo entre os laçadores. As amigas que o tinham visto também, começaram a caçoar:

— Então, Aninhas, estás outra vez nas tuas sete quintas, hein?! Viste como o Israel passou ufano a cavalo?... Deixem lá dizer, vocês ainda se gostam... Hoje decerto é o dia das “pazes”... E se não, logo à noite veremos...

A Aninhas protestava, mas a sorrir, o rosto muito fresco e rosado, os olhos fulgindo de alegria:

— Que não! Nem pensar, nisso, meninas! Nem eu quero, nem ele... Com tudo há tanto tempo acabado, era o que faltava! Estas coisas não se fazem assim...

E via-se-lhe claramente nos olhos — uns formosos olhos negros que se não despegavam um instante do pasto — um lumezinho de curiosidade e cuidado pelos movimentos do rapaz que galopava airosamente, com os outros, no laçamento do boi.

Entre a grande massa de povo agitando-se em toda a zona em volta, era uma verdadeira preocupação saber quem seria o primeiro a laçar. Faziam-se apostas, optando uns pelo Manoel Maria e outros pelo Zé Tomás, os famosos peões e laçadores da Rua Velha. Mas, entre os homens, matronas e moças que enchiam a casa do Vidal, a maioria era toda pelo Israel. Ali não havia quem o excedesse naquilo! Era impossível! E todos se recordavam perfeitamente do que ele fizera, havia seis anos, com o *queimado*, um boi xucro como nunca mais

pisara outro no sítio. O animal levava o dia inteiro a pintar, a zombar dos melhores peões, partindo laços, saltando cercas, investindo como uma fera contra cavaleiros e pedestres e levando tudo, ante si, de roldão. Pois o único que o conseguira laçar — e isto já à boca da noite — fora o Israel, no seu famoso *picaço*, um cavalo ligeiro como um cervo e valente como um leão...

Nisto, o boi surgiu de repente, de cauda no ar e sinistro, sobre grama rasa do pasto, bem em frente à porteira. E, em galões violentos e loucos que revolviam o solo, investia como um cão contra a gente de pé, o laço cerrado nos chifres e preso à chincha larga do *raino*, em que vinha o Israel.

De todas as bocas uma aclamação estrugiu, triunfante. As moças, lá no alto da casa, em sinal de alegria, agitavam os lenços. E a Aninhas, arrebatada, tirou a faixa vermelha que trazia à cintura e, acenando com ela ao rapaz, deixava-a palpitante nervosamente ao vento como uma flâmula de sangue...

Mas o boi, num furor possantíssimo e açulado pelos gritos do povo, arremetia cegamente para todos os lados e por fim voltava-se todo para o cavalo do Israel, quando o Manoel Maria deitou-lhe outro laço certo nas guampas. Então, no claro que abriu entre a gente o laçador, o boi se jogou numa disparada terrível, e o laço, retesado de tirão, partiu-se no ar, num estalo. O Julião, porém, saiu-lhe logo na “cola” e enquanto o Israel buscava evitar outro tirão acompanhando a fera na corrida, ele atirou-lhe o seu laço, apanhando-a pelos chifres, e, disparando para frente, foi abancar adiante, mantendo-a agora sem movimento, para trás ou para vante, entre os dois laços tesos.

O povo prorrompia agora em uma nova aclamação ao Israel que, muito risonho e num júbilo por se sentir a principal figura daquela festa, fixava mais demoradamente então a janela da casa do Vidal onde estava a Aninhas a agitar ainda para ele a sua larga faixa vermelha, que tremia alegremente ao vento como uma estranha flâmula de sangue.

Mas era preciso meter o boi na “vara” e o Israel gritava já por uma corda para essa função, quando um dos escravos do Vidal se precipitou pela porteira com uma peça de rijo cabo de cairo à cabeça. O Israel apeou então, e para coroar a alta façanha daquele dia, desenrolou rapidamente uma das pontas do cabo e, com uma dessas resoluções intranstornáveis da afoiteza inculta e bronca quando investe com o perigo, devagar e sorrindo, encaminhou-se serenamente para o boi e deitou-lhe corda aos chifres. O boi arrancou logo em marradas satânicas, mas ele com admirável rapidez e destreza deu um salto para o lado, continuando a desenrolar o seio coleante da corda. Em seguida dirigiu-se para o grosso chorão secular e aí a amarrou a grandes voltas seguras. E voltou para a fera, que empacara de novo, a língua de fora, os olhos em sangue, furiosa e berrante, entre os dois laços retesos. Ardido, mas cauto, foi avançando

cuidadosamente por um dos flancos da rês para desprender os dois laços e deixá-la somente a puxar pela corda possante. Com efeito, num abrir e fechar de olhos realizou o seu intento e voltou imediatamente a montar o seu *raino*...

A multidão vitoriou-o ainda, em prolongada aclamação.

E todos achegaram-se do animal num grande círculo compacto, a jogar-lhe paus e calhaus apanhados ali mesmo, açulando-o com um vozear ensurdecador e assobios estrídulos, desenvolvendo em torno, com a rapidez de um aparelho mecânico, toda a sorte de figuras, cambalhotas, saltos, trejeitos. Alguns rapazes mais atrevidos agarravam-no pela cauda, torcendo-a destros a um lado, para o fazerem espinotear furioso; ou montavam-lhe à garupa ou no dorso, fazendo verdadeiros equilíbrios e deslocações de acrobatas...

Assim entregue o boi à multidão, os laçadores subiram até a casa do Vidal, a tomar uma pinga da *branca*. Mas o Israel, ainda um pouco vexado, recusou-se a acompanhá-los, apesar dos rogos de todos e dos instantes convites do lavrador, que ameaçava até de o arrastar por um braço. À noite, porém, ansioso por acabar de uma vez com aquela “situação impossível” e falar francamente à Aninhas, que já duas vezes com as amigas descera a “espiá-lo” na estrada, em frente à venda do Cipriano onde ele fora jantar, dirigiu-se resolutamente para a habitação do Vidal, a assistir ao *coroad* e tomar parte nas danças.

Na sala, onde estava armado o altar entre duas portas ao fundo, já o *terço* começara. Todos, ajoelhados, acompanhavam em coro, e numa voz arrastada, o *Pai-Nosso* que o capelão rezava num tom rouco e monótono.

Mas o Israel se acomodara num recanto onde estavam os homens, seguido sempre do Julião — que fraternalmente o não deixara um momento durante todo o dia — deparou-se-lhe a Aninhas, que o fitou logo com o maior desembaraço, a sorrir, com os seus dentes muito alvos. E enquanto as oblatas subiam até Deus não cessaram ambos de olhar-se, enlevados e felizes, no reatamento da sua velha paixão.

Quando as danças começaram, em quadrilhas, polcas e valsas da roça que se sucediam entusiásticas e com pequenos intervalos — o Israel e a moça, em recíproca adoração, não se despegaram um do outro, nas marcas, senão apenas por instantes. Parabéns e risos festivos, partindo de raparigas e rapazes, choviam de toda a parte sobre os dois, no meio de imenso turbilhão dos pares...

Ao terminar a festa, já com o sol despontando nos montes, estavam definitivamente cimentadas as “pazes” entre os dois namorados e, ao trocarem

o adeus de despedida, ela lhe pediu que a fosse ver, ao menos uma vez por semana, como dantes.

E assim o Israel triunfou na sua velha paixão.

Rio, novembro de 1896.

NO LITORAL CATARINENSE

A Pedro Couto

A tarde esmorecia serenamente, na vastidão do céu límpido, azulado. Por trás das altas montanhas de Cubatão, de uma cor roxa e nostálgica, com agudos píncaros em recorte, sumiam-se, escoavam-se os últimos listrões de ouro do ocaso.

A velha fortaleza de Santana, adormecia, sobre as pedras à beira da água. Nas muralhas denegridas, antigas peças enormes alongavam, em fileira, o pescoço de bronze, a boca agressiva e temerosa, oxidada pelo tempo numa longa inação. A um ângulo, junto de uma guarita arruinada, um mastro delgado e alto sustinha tristemente, caída ao longo da haste, a bandeira nacional, desbotada, silenciosa e murcha no abandono dos ventos.

Embaixo o mar estendia-se, aplainado, manso, turvo, numa larga refulgência de aço polido. A nordestia dura de março acalmara, depois de açoutar a costa por espaço de dias, cobrindo-a de nevoeiros.

Reinava uma grande calmaria.

Do ancoradouro da Praia de Fora, pequenas embarcações de cabotagem, arribadas ali, arrancavam ferro e prosseguiram a viagem retardada, levadas pela corrente, as velas pardacentas a bater contra os mastros.

Aqui e além, como parados nas ondas, latinos claros de botes, virgulados de rizes e com as amuras recurvas, semelhavam, de longe, estranhas lâminas gigantescas de foices ao alto.

De uma e outra banda do canal, sobressaindo saudosamente à distância, no pendor das encostas, ou na linha rasa das planícies, brancuras de casas, denunciando os povoados – S. Miguel, Biguaçu, Sambaqui, Gacopé...

Alvuras de praias desenrolavam-se, norte-sul, como fitas brancas debruando as enseadas. Entre pontas, distante, a barra: ilhas mal distintas já no crepúsculo, a vastidão das águas atlânticas.

E sob a luz violácea e melancólica da hora, em meio ao Tabuleiro, desenhando-se à claridade poente, uma enorme barca, com o pano todo largo, saindo lentamente para o norte, em lastro, na maré da vazante.

Desterro, novembro de 84.

NO CAMINHO DA FONTE

A Azevedo Cruz

Luísa deixara o bando alegre e chalrante das amigas e, de canjirão na mão, tomara para a fonte pelo estreito e branco caminho que sai do lado direito da habitação e atravessa o verde e pitoresco declive do terreno, como um longo sulco sinuoso interrompido aqui e além pela obesidade tranquila de algumas rochas cinzentas ou pelo vigoroso tamanho da grama.

Então o José, o filho da Albina, um rapaz robusto e louro como um alemão, uma dessas almas simples e rudes mas amantíssimas e generosas, foi atacá-la, às escondidas, debaixo de uma velha figueira ramalhosa que sombreava, em certa altura, o caminho; e, arrebatando-lhe o canjirão, numa brejeirice franca e suave de namorado, pespegou-lhe um beijo tão forte que chegou a manchar de roxo o rosto rosado e fresco da rapariga, deixando-a atrapalhada, trêmula, numa estonteação voluptuosa.

Era à tardinha. O sol esbraseava o poente e arrastava ainda a orla do seu imenso manto de ouro luminoso pelas grimpas atalaiantes da serra.

Rapazes alegres e gritadores, em camisa e chapéus de palha à cabeça, as grandes abas derreadas, corriam e cambalhotavam sobre a planura relvosa dos pastos, os alcandorados terreiros das casas ou ao longo das estradas, na expansão irrequieta e álcacre dos seus corações infantis, despreocupados dos constantes cuidados e duros encargos da vida.

E a toada longínqua e sonora dos pegureiros recolhendo o seu gado, ecoava melancolicamente no alto Azul silencioso e sereno das ave-marias.

Desterro, 1855.

NA BRETANHA

Maël

Acompanhada da preceptora, Madalena, obedecendo ao impulso de suas ideias, encaminhou-se para o Campo dos Mártires. Aí se deteve algum tempo a olhar meditativamente o monumento em que jazem as ossadas das vítimas de Quiberon. Leu e releu a inscrição latina gravada no frontão do cenotáfio de mármore: PRO DEO, PRO REGE NEFARIE TRUCIDATI. E, de vez em quando, contemplava também a lâmpada melancólica que desce à grande fossa sinistra, ao fundo da qual se confundem os destroços gloriosos daqueles que, atraídos pelos perjuros, deram a vida pelas suas crenças.

Depois dirigiu os seus passos para as margens pitorescas do Auray, com os olhos perdidos ainda nessa colina funerária que presenciou o negregado crime de Tallien e da Convenção, de Tallien, o alucinado corifeu do Thermidor, esse amigo de frases campanudas e de confusa latinidade, mas acordes com o seu temperamento de impulsivo e degenerado, — de Tallien que um dia exclamara contra a justa insurreição dos filhos da Bretanha:

— Ousaram perturbar a terra da Pátria?! Pois bem: a terra da Pátria os há de devorar a todos impiedosamente!...

E sentia-se presa àquele sítio sempre repassado de um encanto penetrante e de uma poesia sombria. Quem sabe, talvez as almas dos fuzilados trouxessem ainda mal-assombrado esse outeiro de ervagens verde negras, quando, à hora da meia noite, saíam a girar, em rondas invisíveis por entre as ramagens murmuradas e cheias de luar, atraindo para aí bandos e bandos de rouxinóis! Quem poderia contestar a verdade da crença popular, narrando que esses alados cantores aí se reuniram, pelas primeiras vezes, nesses agitados dias de julho de 1793, em que novecentos cidadãos, o peito varado pelas balas e a face lívida, voltada para o céu muito alto mas sereno e juncado de estrelas, ficaram a dormir para sempre no imenso fosso que fora cavado às pressas e tumultuosamente pelos soldados Hoche?...

Mas o sol desaparecera já tristemente para as bandas de oeste e do mar. A noite invadia o firmamento e amortalhava colinas e águas, campos e arvoredos, nas suas pesadas roupagens de crepe. No entanto, ainda a escuridão não se adensara de todo e já a lua cheia surgia, iluminando tudo com a poeira da sua luz doce, idealizadora e de prata.

Diante do esplendor do luar, Madalena e a preceptora resolveram prolongar o seu passeio, avançando até ao cimo do pequeno monte de Loch, de onde se dominava amplamente a paisagem. Caminhando a passo igual chegaram juntas

à falda da empinada eminência. E começaram logo a galgar o ziguezague abrupto que levava até ao terraplano da torre.

Ao chegar aí, apressou-se em chamar a atenção da companheira para aquela velha construção. E mostrava-lhe a grande cruz de Loch, culminando a torre ameada e quadrada, com rendilhados torreões aos ângulos à maneira de estranhas guaritas, e que, segundo a tradição, fora construída pelos Chuanes, no tempo das grandes guerras da Vendeia. Esta torre de Loch não é muito alta e mede apenas treze ou quinze metros da base ao ápice onde se acha a grande cruz de pedra, talhada de um só bloco; porém o outeiro, sobre o qual se eleva, é dos mais altos daquela região, permitindo abranger do seu píncaro um maravilhoso panorama.

Nesse momento mesmo a vista era admirável.

Uma brisa muito tênue, suave e fresca agitava a fronde das árvores. O plenilúnio mostrava a leste o disco cheio e perfeito, escalando o firmamento límpido e claro como feito de cristal. Estrelas rutilavam numerosamente, como enormes diamantes. Embaixo, a terra achatava-se, desenrolando anos longínquos, prodigiosos, reverberando também, aqui e ali, nas águas, sob a luz do alto. Os cimos das folhagens pareciam caiados. Tal era a brancura da luz que, na gradação proporcional dos tons, as sombras projetadas tinham uma pretidão intensa, de tinta de escrever, desenhando nitidamente perfis sobre o solo. E o luar escorria, como água, por sobre a folhagem: fazia degraus, e caía em cascatas pelos altos maciços dos bosques, acentuando profundamente grandes bordados e manchas largas de sombras. As águas do Auray incendiavam-se, como se todo o rio fosse feito de raios de prata em fusão. Abaixo da colina, os telhados e os muros da aldeia próxima alvejavam numa claridade mística, discreta. E para além da ponte de pedra, unindo as duas margens do pequeno rio, S. Goustan deixava ver um amontoamento de casas cobertas de lousa ou colmo, com frontões do século XVI, igrejas, castelos e a barragem das águas, cujo perpétuo cachoeirar fazia tremer os reservatórios de pedra. Estas águas, espumantes e luminosas, atraíam indefinidamente os olhos.

O Auray corria em meandros, enlaçando a terra com suas numerosas voltas radiantes. Sobre a colina escarpada a torre de Loch destacava-se, inacessível e soberana no Azul, dominada pela cruz que assinalava o testemunho supremo da Religião subjugando a Natureza. Em toda a volta, para longe, o panorama ampliava-se ainda, desenrolava-se em planos sucessivos, em painéis variados e estranhos, de um claro-escuro gigantesco, inaudito, à Rembrandt. Em certos recantos descobriam-se, por entre massas de ramagem, paredes brancas de convento. E do meio dessas pastas sombrias surgia, mais longe, uma abadia e o Campo dos Mártires. Os caminhos, como fitas, riscavam a planície e uns trilhos de estrada de ferro, dispostos como sempre em paralelas sem fim, deixavam

escapar, aqui e ali, grandes brilhos metálicos. Distante, muito distante, no extremo horizonte onde o olhar só percebia contornos incertos, pontos rútilos e claros, como estrelas pálidas suspensas a alguns metros do solo, marcavam a iluminação de outra pequena cidade bretã.

Madalena, reconhecendo-a, murmurou alegremente:

— Lá está Santana!...

E enviou mudamente um pensamento secreto à grande imagem dourada que domina a torre da basílica de Santana. Gloriosas claridades — pensava a moça — banhariam decerto, àquela hora, a efígie célebre e sagrada, cercariam a imagem milagrosa da mãe de Maria de um grande nimbo triunfante...

Mas do seio daquela natureza em repouso, daquela terra muda, daquelas massas de vegetação, daquelas coisas adormecidas no silêncio, erguia-se agora um acorde poderoso, uma imensa harmonia de vozes identificadas, constituindo um verdadeiro poema de adoração. E à medida que as horas altas da noite tornavam a mudez mais completa, os mil pequeninos rumores esparsos suavizavam o ambiente. Subia do chão e invadia o ar o estalido metálico dos grilos. Depois, muito longe, o latir rouco e velado dos cães de quintas, cortado irregularmente pelo monótono e tétrico das corujas.

Alguns passarinhos agora elevavam o seu canto no recolhimento tácito da campina, invadida pelos ninhos e posturas da estação estival. Ouviam-se ranger os *gorrui-gorrui* de alguns piscos joviais — pobres pássaros que ralam e limam dentro da garganta, eternamente este som.

Madalena e a preceptora extasiavam-se, enlevavam-se na contemplação daquele extraordinário quadro da Natureza. No entanto, os cães haviam emudecido, bem como as corujas. Os piscos e as toutinegras mantinham apenas notas *smorzantes*. E os grilos veladores faziam calar, pouco e pouco, o *pique-pique* monótono de suas membranas metálicas...

De repente, um som mais alto abriu voo no espaço, um som suave, raro, feito para a harmonia das trevas, tão cheio de melodia que, ouvindo-o, se sentia uma estranha curiosidade de inquirir se esse som provinha com efeito da laringe de um pássaro ou de que origem, embora sugerisse logo à lembrança a lenda de Filomena, a grega. Mas em que ponto pousava o maestro desse descante noturno?

Lá embaixo, muito embaixo, no imenso fundo negro onde cimalthas de mosteiros erguiam as suas linhas alvacentas, além, nos maciços de árvores acima do Campo dos Mártires, mal-assombrado decerto pelas almas dos

mortos — um rouxinol, inclinado para o ninho da companheira a fim de amenizar os longos enfados da incubação, acabava de lançar o acorde iniciante a todos os seus irmãos, atentos ao sinal e velando, como ele, pela eclosão de suas esperanças. Era apenas um prelúdio. A nota rara rolou na espessura das ramagens, com um poder desconhecido e, como uma centelha elétrica, fez romper um concerto de vozes maravilhosas. Então, por toda a parte, simultaneamente, começou a orquestração.

A preceptora, que estava ao lado de Madalena junto à grande cruz de pedra da torre, murmurou docemente:

— *Nightingale!*

Eis, certamente, um vocábulo que desmente o renome de aspereza da língua anglo-saxônia. Há nessas quatro sílabas delicadíssimas uma vibração cristalina, que melhor que qualquer outra exprime o encanto que representa.

Nightingale, cantor da noite!

Só os latinos possuíam talvez um termo mais doce para exprimir a mesma ideia e representar a mesma imagem, mas tinham ido buscá-lo ao sobrenatural do Mito e da Ficção...

No entanto os rouxinóis compunham um coral.

Oh! Harmonia! Harmonia divina amada de Platão, o poeta filósofo, que fez de ti o supremo ideal da Ciência e da Natureza, terás porventura a tua origem nos maestrinos dos bosques e da noite?!...

E o concerto generalizava-se a toda a paisagem, estendendo-se até as matas do Castelo e aos pequenos arbustos enfezados da lande.

Soara meia-noite.

A moça e a preceptora deixaram então precipitadamente a torre de Loch e retomaram a estrada que conduzia a Ely.

Nesse instante, também, o concerto admirável findava. Obedecendo — quem sabe! — a alguma batuta mágica, os rouxinóis emudeciam.

Rio, 1891.

O VELHO PROFESSOR

Ao Dr. Primo Teixeira

Dia límpido e alegre, de sol de ouro ardente, aquele domingo de fevereiro de 1897. Eram 7 horas da manhã. Da larga curva de *rails* que vem da Estação de D. Clara assinalando o solo com um paralelo faiscante, um trem surgia, com uma grande voluta de fumo a jorrar no espaço, arquejando e silvando monstruosamente pela sua possante locomotiva Baldwin, em corrida para a linha central, no tumultuar das rodas em movimento. Súbito, toda essa matinada caminheira teve uma pausa, e o comboio parou em Madureira. Uma aglomeração de pessoas de todos os matizes, que ali estava à espera do trem sob um dos alpendres que ladeiam a pequena casa de madeira dessa Estação suburbana, barafustou à pressa para o interior dos vagões de primeira e segunda classe. Após um ou dois minutos novo silvo agudíssimo, novos arquejos poderosos de máquina a vapor e uma como que trovoada de ferros entrechocando-se — e o comboio abalou, perdendo-se ao longe, em meio à casaria e à paisagem verdejante e risonha, para os lados de Cascadura.

No largo de Madureira, a quatrocentos metros da Estação mais ou menos, um ajuntamento de velhos, moços e meninos, num vozear alegre e festivo, tendo às mãos grandes ramos de flores naturais, com uma banda de música à frente tocando um dobrado — largava do alpendre de uma habitação, estrada Marechal Rangel acima, ao admirável esplendor da manhã. Em todas as casas do largo as famílias assomavam às janelas e portas, olhando curiosamente o préstito, bem como as demais pessoas em trânsito e os raros populares em descanso que por ali vagavam, gozando o domingo.

A princípio nesse subúrbio pouco movimentado e pacífico, todos ignoravam a origem e destino do pequeno cortejo em marcha. Mas logo depois se soube, com inteira certeza, que aquilo era uma manifestação ao conhecido e estimadíssimo cidadão José Teodoro Burlamaqui, velho professor primário da freguesia de Irajá. Tal homenagem fora improvisadamente organizada pelos principais funcionários públicos, negociantes, agricultores e artistas de Madureira e cercanias, que, havia quarenta anos, tinham sido alunos desse famoso preceptor de crianças, e que, sabedores na véspera do decreto que jubilava o seu querido e venerando educador, lhe iam testemunhar, por esse modo, a sua estima e gratidão.

O principal autor de tão bela e carinhosa ideia tinha sido o tenente-coronel do corpo de polícia da Capital Federal Antônio Joaquim Vieira, atualmente reformado nesse posto e que fora discípulo amado do velho Burlamaqui. Vieira, que é um homem simpático e de tez de um negro bronzeado, de estrutura atlética e de um porte de colosso, inteligente e loquaz apesar da sua ligeira

cultura mental, feita tão somente na escola primária e com aquele velho professor — preparara, com arte e originalidade, o meio por que devia levar-se a efeito a manifestação que assim fraternalmente os reunia nesse momento, combinando com todos os antigos condiscípulos levarem ao seu velho mestre um relógio de ouro cravejado de brilhantes tendo gravadas, na caixa, uma expressiva dedicatória e as datas de sua nomeação e jubilação no magistério. Combinaram mais levar cada um os filhos e netos — que como eles tinham cursado a escola — e reproduzir, durante o trajeto de Madureira a Irajá, o que haviam feito diariamente outrora, em meninos.

Efetivamente, apenas passaram o local denominado Otaviano, entraram, como nos tempos já remotos e saudosos da infância, a saltar, correr e brincar uns com os outros, em disparadas que levantavam uma poeirada branca no caminho, ao longo das bastas sebes floridas. Os filhos e netos acompanhavam-nos, praticando a mesma coisa, como se fossem todos meninos. Destacava-se à frente do bando, como um antigo “baliza” de batalhão, o tenente-coronel Vieira que, gordo e musculoso, com a sua pele brônzeo-negra de núbio e o seu porte colossal, de um metro e noventa de altura, se deslocava mais que todos em piruetas e pinchos, em troças e traquinadas festivas...

Àquela matinada colegial de velhos, moços e meninos, matinada tão fora do comum ali, principalmente aos domingos, os habitantes saíam ao terreiro ou desciam às porteiras do caminho para ver o que era aquilo.

Nas pastagens planurosas ou nas lombadas das colinas, os cavalos e bois que retoiçavam satisfeitamente a grama ainda meio úmida da orvalhada da noite, suspendiam por instantes a sua faina comedeira e, pescoço erguido e orelhas fitas, ficavam pacificamente a olhar, numa muda admiração animal, o algazarrento séquito caminhante, até este perder-se de todo na primeira volta poeirenta da estrada cheia de sol.

A *troupe* fazia alto à porta de cada venda, e todos, principalmente os velhos, invadiam essas pequenas casas de negócio, num alvoroço, como verdadeiros colegiais, a comprar pão e bananas, chamando familiarmente pelos antigos donos da casa:

— Ó seu Luís! Ó seu Fonseca! Ó seu João ...

Mas os novos proprietários respondiam:

— Já não está mais aqui! Ou: — Já é morto, coitado!

E despachavam, solicitamente e a rir, aquela multidão jucunda e ruidosa de fregueses de momento que jamais ali haviam visto e que iam decerto em romaria a algum sítio próximo.

Assim, de venda em venda e em folgares pelo caminho, o cortejo percorreu, primeiro, a estrada Marechal Rangel, depois a de Monsenhor Félix, entrando por fim na da Pedreira que levava à casa da escola, em cujas proximidades a Linha Férrea do Rio Douro fizera uma estaçõzinha adequadamente denominada — Parada do Colégio.

Apenas foi avistado o grande e novo prédio para onde, havia dois anos, se tinha mudado a escola, fez-se silêncio no préstito.

Seriam mais ou menos 9 horas, justamente o momento regulamentar para a entrada dos alunos e início dos trabalhos escolares diários.

Chegado o bando ao portão principal, velhos, moços e meninos meteram-se em forma, dois a dois, e como a porta do prédio que deitava para a varanda alpendrada estivesse aberta, por ela entraram, nessa formatura, penetrando no salão de aula. Ali, como há quarenta anos passados, os velhos — bem assim os filhos e netos — tomaram lugar à sua carteira-classe, afetando aguardarem o professor para as lições do dia...

O velho Burlamaqui, não obstante a surpresa em que fora colhido, porquanto muito longe estava de pensar em semelhante manifestação, apenas viu entrarem os seus discípulos de outrora compreendeu tudo e, inteligente como era, resolveu não se dar por achado diante de tudo aquilo. Engravatado e abotoado como sempre no seu terno de brim pardo que costumava trazer de verão, instantes depois apresentava-se no salão de aula, e, correspondendo ao coro unânime de saudações dos presentes, todos respeitosamente de pé, sentou-se na sua cátedra e fez um sinal com a mão para que cada qual se sentasse também. Em seguida, batendo com a régua na mesa, como a impor silêncio, disse meio comovido:

— Está aberta a última aula...

José Teodoro Burlamaqui era então um velhinho de cerca de setenta anos de idade. Baixo, robusto, tinha ainda o porte aprumado e uma voz clara e nítida, apesar de cortada já de uma vaga tremura. De altas qualidades morais — um caráter imaculado e uma grande nobreza de alma — fora toda a vida um virtuoso. Tivera sempre um certo sentimento de meiguice e afeto para os seus alunos, mas isso sem a menor quebra da sua grande linha de austeridade pedagógica, principalmente quando estava em aula. Durante o seu longo magistério, quando tinha de castigar algum discípulo delinquente, fazia-o

sempre com moderação e justiça, pesando bem o valor de cada falta. Tais castigos, porém, raramente os aplicara ele nesses quatro lustros frutuosos de serviços à infância, porque bastava um golpe enérgico da sua voz ou uma expressão reprovadora do seu olhar para que os mais inquietos sossegassem e os mais desabusados se contivessem. Obtivera a cadeira de professor primário da freguesia de Irajá por concurso, vencendo um bom número de contendores. Ao iniciar o magistério público, tendo mais ou menos trinta anos, era um moço que já sabia impor-se pelo seu todo digno, austero, correto. Era então, a despeito da sua pequena estatura, um bonito homem, de pele clara e rosada, barba e cabelos castanhos, com uns olhos muito vivos, expressivos, azuis. Agora, já em ancianidade, com o rosto enrugado, os olhos doces ainda, mas vazios de esperanças e sonhos, os cabelos e a barba de uma alvura imaculada, tinha o grande ar venerando de um Patriarca ou de um Santo.

Mas apenas o velho Burlamaqui pronunciara as melancólicas e comovidas palavras — “Está aberta a última aula...” — o seu antigo e querido discípulo tenente-coronel Vieira ergueu-se e, aproximando-se da mesa, disse:

— Professor! Venho queixar-me do sr. José Machado (e apontava para um velho alto, magro, de barba e cabeça brancas) que hoje, quando vínhamos para a escola, deu-me um pontapé.

— É verdade, sr. professor, acudiu logo o José Machado, erguendo-se da sua carteira. Dei um pontapé no sr. Vieira porque ele soltou um passarinho que eu trazia num alçapão..

Esta encantadora reprodução de uma passada e remota cena da infância fora bem imaginada e melhor executada pelos dois antigos discípulos da humilde escola de Irajá.

O velho Burlamaqui então, muito enternecido mas procurando representar o seu papel até ao fim, pegou da pena e do Livro dos castigos, exclamando:

— Bem, vou tomar nota. Hoje não os castigo porque é domingo; ficará para amanhã... Amanhã?!... Mas que digo, se este é o último dia de aula?... E quase sem poder concluir as palavras, numa grande emoção, acrescentou ainda: — Mas só agora é que vocês se lembraram de queixar-se? Só agora que são passados quarenta anos?!...

E tinha as mãos mais trêmulas que de ordinário, e as lágrimas corriam-lhe, duas a duas, pelo rosto e pelas barbas venerandas e brancas. Então os alunos — velhos, moços e meninos — correram a abraçá-lo, chorando também de emoção...

Depois, o tenente-coronel Vieira puxou do rico relógio de ouro cravelado de brilhantes e, após ligeiras mas expressivas palavras, entregou-o ao velho professor em seu nome e no de todos os seus camaradas.

Velhos, moços e meninos aproximaram-se então com os grandes ramos de flores naturais que levavam e os desfolharam sobre a cabeça do velho Burlamaqui, que os abraçava a todos um por um, murmurando por entre a comoção e o pranto:

— Eu não mereço isto, meus filhos! Não! Vocês é que foram sempre bons meninos, como são hoje bons pais de família e bons cidadãos.

Rio, outubro de 93

ÀS AVE-MARIAS

A Emiliano Pernenta

Junho.

Poente cor de ouro velho por trás de montanhas saudosas, recortando os píncaros escuros na tela côncava do céu. Azul vazio de sol a leste, onde não tardarão a desabrochar as flores prateadas das estrelas.

Nem um sopro áspero, neste inverno que rompe!

Mar chão, achatado, polido e de aço, desdobrando-se para além da barra numa infinda amplidão. Faixa larga de praia clara, extensa, curva, brilhante.

Um vulto triste de mulher se destaca, numa meia tinta cinzenta, de pé sobre a lombada de um cômor. Está à porta da sua choça, numa imobilidade de estátua, tendo ao colo uma criança.

É a esposa do pescador.

Ela olha melancolicamente as quietas águas planas e, com o braço direito estendido, mostra ao filhinho inocente a vela branca de um barco que se afasta para longe...

As primeiras badaladas das ave-marias rolam na paz ermal dos campos.

E ondas de filó negro, etéreo, impalpável sepultam tudo em torno, enchendo-nos o coração de uma irreprimível saudade de extintos amores e gozos evocados vivamente, no espírito, pela nostalgia desoladora da hora!

Rio, setembro de 90

POR UM CAMINHO DE ARRAIAL

A João Grove

Era manhã. O sol faiscante e vivo punha no ar uma mornidão traspassante e amolentadora.

Eu caminhava alegre e silencioso, sozinho, alagado de luz.

O caminho coleava infindavelmente diante de mim — largo, branco, plano, convidativo. Marginavam-no ininterruptamente verduras pujantes e fecundas, de onde se erguiam e se espalhavam no ambiente gorjeios doces de ninho e o aroma inebriante das flores.

Grupos sonoros de meninos satisfeitos e pisoteadores que correm, gritam e estrafegam, na distância livre e preciosa que vai do lar ao mestre — desapareciam ao longe. Borboletas felizes passavam e repassavam, à luz de oiro ardente, numa inquietude de asas, palpitando ao vento como pequeninos retalhos de gaze colorida.

Aqui e além, desciam riachos, sob pontes rústicas de madeira, num murmúrio perene e cristalino.

E ao lado das casinhas risonhas, alvas, enflorescidas e agrestes, cheias da felicidade tranquila e virginal do campo, cobriam as cercas de pau a pique e pintalgavam alegremente os pomares, irrompendo numa impetuosa e indomada exuberância, as sanguíneas e revolucionárias *pancetas*, que dir-se-iam vivas triunfais à República saindo dentre a Monarquia... das árvores!

Desterro, agosto de 85.

A MORTE DO DOMADOR

Ao Dr. Wilhelm Storck, em Münster

Cedo, muito cedo, naquele domingo de entrudo, os rapazes da freguesia e lugarejos próximos começaram a afluir ruidosamente, em bandos, para o pasto do Manoel Luís onde o Zé Pedro, o velho tropeiro “guasca”, pusera desta vez a cavalhada que trouxera do sul, das estâncias de Mostardas e Santo Antônio da Patrulha. Arrastava-os até ali esse entretenimento alegre e rústico das tropas percorrendo os sítios pelas quadras festivas e, sobretudo, a notícia que se espalhara de que, naquela manhã, iam ser experimentados o *Picaço* do Estêvão e o *Tordilho* do Claudino, dois parceiros que, segundo corria, esses abastados lavradores tinham há muito encomendado para o serviço de sela e para um desafio à *Corruíra*, a famosa égua do Teixeira, que nas costumadas corridas da praia se tornara invencível. Mas a esses rapazes atraía principalmente, e com mais entusiasmo, o espetáculo — querido entre todos pelos roceiros — da domaçaõ de um potro xucro, em que ia montar o Miguel, um jovem campeiro dos Zimbos, que se criara a bem dizer sobre os lombilhos, não só no arraial onde nascera como no Rio Grande e na região serrana catarinense — em Lages, Curitiba e S. Joaquim.

Na véspera à tarde o Alexandre Bastos, depois de regatear longo tempo, forcejando por obter uma pechincha, porque “não pagava vontades”, nem que lhe obrigasse “o Divino” — escolhera entre os “bagueais” da tropa um belo potro *zebruno*, de três anos, que muito lhe agradara pelo largo peito musculoso, a linda “tábua” de pescoço, as grandes patas, fortes e bem encascadas, e as suas patas, fortes e bem encascadas, e suas formas esguias, revelando prontidão de movimentos e uma ligeireza de veado. E, feito o negócio, o Alexandre falara logo ao Miguel, que viera passar a festa com a noiva em casa do Pinheiro, para dar-lhe o primeiro “repasso” naquela manhã de domingo.

À proporção que os rapazes chegavam, a algazarra crescia no terreiro do Manoel Luís, onde já se aglomeravam pessoas da vizinhança, jovens e velhos, alegres e expansivos em meio à zurzinada das crianças — meninos de oito a doze anos — que desenvoltamente strafegam, nesses dias de descanso, ao longo de caminhos e atalhos cortando planícies e montes.

Em frente, no imenso pasto verde alongando-se a perder de vista, manchado aqui e além pelos homens a correr de um para outro lado entre altas macegas de rinchão — ouvia-se já, por entre o vivo latir dos cães de gado, a sonora toada dos tropeiros, reunindo a cavalhada dispersa e tocando-a em direção à porteira. Homens bem montados surgiam, às vezes, em disparadas infrenes na orla das capoeiras: e os cavalos irrompiam de baixo, do mato, galopando com estrépito, destacando na planura do pasto, sobre grama rasteira como num rodeio dos

pampas. Eram o Alexandre Bastos, o Miguel e o Zé Pedro, que andavam a ajudar os peões na faina de juntar os animais no potreiro, porque o pasto extremava com o campo e a cavallhada, durante a noite, internara-se pela tiririca e o matagal dos banhados.

Quando a tropa se reuniu, já o sol ia alto e o céu cobria-se todo de um pó de ouro flamante. As cigarras chiavam, traspassadas de calor, no crivo verde dos ramos. E os homens e rapazes que inundavam a estrada, esperando a domaçaõ, depois do rude e esfalfante trabalho de atacar os cavalos, estiravam-se agora, todos rubros e suando, sob as árvores do terreiro, as latadas da horta e os galhos bastos das cercas que estendiam sobre o chão uma estreita renda de sombra, malhada de pingos de ocre e que vagamente tremia, na areia, ao balanço das ramagens ao vento.

O intenso alarido de vozes esmorecera por momentos, transformando-se num murmúrio surdo de conversaçaõ zumbidora. As próprias crianças, esquecida por instantes a sua perpétua e invencível inquietude, repousavam também junto aos homens, numa posição derreada de fadiga e silêncio. E só ficaram ao longe, no pasto, o ladrar vigoroso dos cães e a zoada sonolenta e nostálgica dos peões, separando os animais.

Mas, de repente, o rumor violento de uma disparada estalou no caminho, para os lados da porteira — e o potro *zebruno* do Alexandre apareceu, aos galões e aos trancos, numa nuvem de pó denso.

Ergueu-se então um berreiro. E logo dum salto, todos se puseram de pé e, com os braços ao ar, cercavam o animal, impelindo-o para dentro do terreiro onde o Miguel, no seu *baio encerado*, o laço ainda na cilha, procurava arrastar o potranco, que empacara na estrada a um dos lados da cerca.

As moças, das janelas e portas, num alvoroço e ridentes, agitavam os lenços claros, buscando também espantar o cavalo, que se mantinha esticado, o pescoço recurvo no ar e eriçado de crinas, muito erguida e atenta a pequena cabeça bem feita, os olhos em sangue, as narinas dilatadas, respirando fortemente. Em torno dele contínuos brados atroadores, de envolta com o latir agora amiudado dos cães, feriam o ar morno e dormente:

— Eh potranco! Eh demônio! Eh! Eh!...

Mas o animal não se movia, de olhar enraivado, oblíquo nas órbitas, todo o pelo em fremeça.

O Miguel, escarlate e numa impaciência, gritou então para os homens, numa voz estridente:

— Metam-lhe um pau de porteira! Desanquem-no, rapazes! Desanquem-no que ele há de espirrar duma vez!...

Todos, a uma, se lançaram à porteira e, arrancando das longas varas polidas, começaram a malhar o potranco, fisingando-o pelas virilhas, a garupa, os flancos. Súbito, o poldro, agredido, jogou-se aos saltos para a frente.

O Miguel apeou-se logo e destramente, num abrir e fechar de olhos, deitou-lhe a focinheira dando, em seguida, com o seio rijo do laço, uma volta firme e forte no guapurubu do terreno. E puxando de uma guasca arrochou-o de bico contra o grosso tronco da árvore: com as outras voltas do laço, peritamente, envolveu-lhe, primeiro, as patas traseiras, depois as da frente, com segurança, pelos machinhos. Em seguida, agarrando-o pelas pernas, enquanto o Alexandre e o Zé Pedro o amparavam pelas ancas e o ventre — jogou-o ao chão, de pancada, quedando-se aí o animal, imóvel, de focinho preso.

O Inácio, o velho preto carreiro do Manoel Luís, correu imediatamente à casinha dos arreios e volveu num pulo, com um antigo lombilho alongado, recurvo e de grandes cabeças, cujos loros de couro cru findavam por um pedaço polido de pau, à laia de estribo, atravessado embaixo aos extremos. De volta com isso vinham também os apeiros: um espesso xergão de lã a quadrados brancos e negros, a cilha forte de guasca, as duas canas das rédeas e a larga carona ressequida, toda malhada e de pelos

Então o Alexandre começou a encilhar o potro, que parecia dormitar, os olhos cerrados, atado de pés e mãos. Não obstante, o Zé Pedro, por precaução, segurou-lhe ainda o focinho, enquanto os outros calcavam nos cascos inquietos, que riscavam continuamente o terreiro.

O povo apinhara-se em torno, sob a ampla e alta parreira ensombrando largamente o terreiro, e sob as frondes ramalhosas dos cafeeiros e laranjeiras próximas. Moças enxameavam encantadoramente no patim da alta escada de velhas pedras musgosas, e às grades da varanda.

Pronto o animal, o Miguel preparou-se para montar, sacando as grossas botas amarelas e o “pala” de listras brancas, enquanto o Manuel Luís corria a buscar o relho de “chiquerá” e as chilenas de ferro, de rosetas acutângulas. Ao voltar, o rapaz, decidido e risonho, ereto no seu porte elevado, de fortes músculos possantes, tomou-lhe presto os objetos e, armando-se para a montaria, gritou ao Alexandre:

— Vamos, homem! Tira as voltas do laço ao potranco, e solta-o para vermos essa “dança”!...

Lesto, num perfeito lidar de campeiro, o Alexandre desfez as voltas ao laço, deixando apenas a que prendia o poldro ao palanque.

A multidão, sábia e previdente, como sempre nos momentos supremos, recuou para os lados, esvaziando o terreiro para dar “campo” ao potranco.

Este, ressurgido de repente, ergueu-se aos rancos do chão e, curvando-se desesperadamente, atirou-se em medonhos corcovos, o lombo encolhido em constantes contrações, procurando arrancar o lombilho e mordendo-se, em reviravoltas vertiginosas e torceduras terríveis, pelo peito e pelos flancos. Após isso, como um raio, rojou-se em cheio no chão, rebolando-se no pó, patas e queixo no ar, num furor rodopiante. Debateu-se assim meia hora, finda a qual quedou-se exausto, o ventre túmido a arfar, as crinas densas em novelos, o pelo todo arrepiado, num suor abundante.

E logo o Miguel, endireitando-se para ele de chicote em punho e colhendo resolutamente o fiador, fê-lo súbito levantar-se com um relhaço nas ancas e, tapando-lhe os olhos com as canas das rédeas, uma das mãos às crinas, firmou-se rápido nos pés juntos onde tiniam as chilenas, e cavalgou dum salto, com vigorosa destreza.

O povo, entusiasmado, rompeu numa aclamação.

E o potro, outra vez sublevado sob aquele corpo de homem que o suplantara fortemente, atirou-se aos galões para a estrada, saltando o cercado da horta, vencendo tudo de arranco. A multidão, apupando, jogou-se atrás do cavalo que, com o dorso curvo e enrijado, a cabeça oculta entre as mãos, rodopiava violentamente, eletricamente, bem em frente à casa do Manuel Luiz, a *velhaquear*, sem cessar, num turbilhão de poeira. O Miguel, firme e forte na sela, apesar das negaças do poldro que não parava um instante, malhava-lhe a relho a cabeça e metia-lhe as esporas no ventre que escorria sangue.

Das janelas do prédio caiado, faiscando ao sol ardente, as raparigas roceiras, todas risonhas e rubras em umas vestes frescas, contemplavam alegremente a cena, com olhares de admiração e afeto para o bravo domador.

Mas o animal não parava, o olhar em brasa, a boca espumante lacerada aos cantos pelas laçadas das rédeas arrochando-lhe os beiços empinava-se, jogava-se em ímpetos para trás, para a frente, e, negaciando sempre contra a Parede da casa, em esbarradas brutais, tentava deitar fora o cavaleiro. O rapaz, entretanto, na sua perícia campeira, assim que o potranco encumeava, sentando de anca no chão, boleando-se — saltava presto da sela e, apenas o animal endireitava, galgava-a, vivo, outra vez.

Nisto o potro arrancou num ímpeto para a sede da freguesia, para o grande largo da igreja. A multidão, num frêmito, abalou atrás em avançadas de gamo, a gritar fortemente com as suas notas roceiras:

— Eh puna! Eh puna! Lá vai o *raio* perdido! Aquilo esbarra-se na primeira cerca! Esbarra-se mesmo, o demônio! É desta vez que o Miguel “benze” o chão!

E o potranco, envolto num véu amarelo de poeira dançante, sumia-se por entre as voltas da estrada, na galopada tremenda, seguido da multidão entusiasta, acompanhando-o numa corrida álacre e ruidosa, velada também num vulcão de pó denso.

O Miguel só conseguiu *abancar* na Ladeira de Fora, já no adro da igreja, em frente à casa do Pinheiro, onde estava a Luizinha, “o seu bem”. Fatigado, apeou-se um momento, indo amarrar o potro para um recanto do largo, ao galho de uma laranjeira. E atirando-lhe um relhaço à garupa, aproximou-se da janela, a falar à noiva, muito rubro e num enternecimento.

Das vivendas vizinhas muita gente acudiu a ver, atraída pelo rumor da galopada e pelo grosso vozear do povo que chegava a correr...

Era meia tarde quando o Miguel voltou de novo a montar. O ajuntamento, que se quedara a descansar sobre a grama da praça, ergueu-se logo, contente. A casa do Pinheiro, como os demais prédios vizinhos, regurgitava já cheia, pois que a notícia da domaço, espalhando-se eletricamente, fizera ainda afluir para ali bandos e bandos de gente.

A Luizinha, feliz na sua adoração pelo noivo, sorria, em meio de um grupo de amigos, ao ouvir os elogios que se faziam ao Miguel como agarrador e domador valente: e nem um instante despregava os olhos do rapaz que, rodeado do povo, se encaminhava para a laranjeira — onde o poldro, apenas se viu de novo cercado, ergueu o pescoço, tomando uma atitude selvagem e, com o olhar ainda em sangue, entrou a voltear a árvore, resabiado e aos roncós. Os homens romperam então num berreiro:

— Olha o *lonca* ainda às cócegas! Olha o estupor! E não é ainda desta que ele endireita, rapazes! O diabo vai dar “coisa”!...

A poucos passos dali, o Manoel Luís e o Pinheiro comentavam o caso, mirando bem o animal, que reputavam “má compra”. Entretanto o Alexandre conhecia os cavalos como poucos, pois fora muitos anos peão; mas agradara-se daquela “estampa” e não olhara dinheiro. A eles é que o “bicho” não conseguira lograr com as suas “pinturas” e manchas... Aquilo fora uma verdadeira espiga para o

Alexandre. E agora era aguentá-la, não havia remédio. Não se fiasse ele, porém, porque cada vez que o montasse a “cova estava aberta no chão”...

Suspenderam-se para olhar o Miguel que, já montado e bem firme nas curvas, esporeava fortemente o potranco nesse instante empacado — quando o Alexandre passou por eles, furioso, brandindo uma vara de cerca, em direção ao animal, que entrou a malhar às mãos ambas.

Então o Manoel Luís, vendo iminente uma arrancada terrível para algum lado perigoso, ia gritar-lhe cessasse — quando o potro atirou-se, qual raio, pela íngreme ladeira pedregosa que ia dar ao costão. Houve um arrepio no povo, seguido de um silêncio que empalideceu a todos. Às janelas das casas, as mulheres, invadidas também de um temor, tinham uma ansiedade nos olhos e uma vaga lividez no rosto.

Mas já o Manoel Luís e o Pinheiro atiravam-se para a ladeira, gritando:

— Acudam, rapazes! Acudam que o Manoel vai ao chão!...

A turba jogou-se logo, seguindo os dois homens.

Do meio do morro avistava-se o Alexandre que já descia adiante, em direitura às pastagens da praia, toda fechada entre cômoros. Então, cada um entrou a investigar miudamente a ladeira pedregosa, batendo a verdura das bandas, quando o irmão da Luizinha e outros deram com um rastilho vermelho que levava a uma gruta entre rochas, onde jazia o corpo do rapaz, numa larga poça de sangue. Todos correram bradando:

— Olha o Miguel desacordado! Olha o Miguel como morto!...

E desceram à grotta, a suspender o corpo, que estava ainda quente — o pescoço caído, uma grande brecha na frente. Agarraram-no em braços e o levaram para a casa do Pinheiro, enquanto o Manoel Luís, muito consternado, corria a chamar o vigário. A maior parte do povo, passada a emoção do primeiro momento, outra vez em alvoroço, tomou para a praia, onde o Alexandre procurava, por toda a parte, o potranco...

Quando o corpo do Miguel chegou à casa e foi postado na sala sobre uma velha marquesa, a Luizinha precipitou-se sobre ele, soluçando e cobrindo-o de beijos. Os parentes e pessoas amigas acercaram-se também, num coro de lágrimas plangentes. O Pinheiro, triste e aturdido ante tudo aquilo, nem sabia o que fazer: maquinalmente, porém, pegara de um vidro de arnica e com um pedaço de pano, apanhado ao acaso, aplicava-a à cabeça do rapaz, num gesto trêmulo das mãos.

Em pouco, chegou o vigário. Era um velhote alto e seco, a face cavada e cidrenta, todo corcunda dos anos. Examinou o Miguel, e amarrando-lhe a testa com um lenço ensopado em arnica, tirou da velha batina um vidro de outro remédio, do qual vazou-lhe três colherinhas seguidas na boca lívida e inerte. E olhando as pessoas em roda e a Luízinha, que chorava ininterruptamente agarrada às mãos insensíveis do noivo, murmurou surdamente uma frase de consolo. Aproximou-se ainda da moça e, com os seus dedos ósseos e longos, ameigou-lhe docemente a fronte, dizendo:

— Não chores, menina! Deus é bom e poderoso!...

De novo examinou o rapaz, cujas feições murchavam pouco e pouco, perdendo a delicada expressão das linhas num regelado palor. Apalpou-lhe um dos lados — o do coração — espalmado sobre ele uma das mãos muito magras e, com a outra, tateava o braço todo procurando as pulsações fugitivas. Permaneceu assim um instante, concentrado e atento. Depois, a uma furtiva estremeção do ferido, sacudiu tristemente a cabeça e, cerrando os olhos com recolhimento, como em prece íntima e fervorosa, murmurou compungido esta frase de dor:

— Já não sofre! Expirou!...

Todos, em volta, se lançaram de joelhos, clamando desoladamente:

— Está morto! Está morto!

A Luízinha então ergueu-se de um salto, os olhos desvairados, toda desgrenhada, como uma louca:

— Ai! que ânsia! Ai! que ânsia, meu Deus!...

E foi cair, sem sentidos, entre os braços das amigas, que a cercaram com amor...

Nesse instante, lá fora, na estrada, à luz fria do ocaso afogando-se em sombras, ouvia-se, como o rugir do mar em tormenta, o grosso vozear da multidão, perseguindo o potro para o matar a tiro. O clamor perdia-se ao longe, na extensa paisagem serena, como um eco prolongado de desolação...

Rio, outubro de 96.